



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE CAMPINAS
INSTITUTO DE ESTUDOS DA LINGUAGEM**

LILIAN SILVA SCHER

**A SALIÊNCIA FÔNICA E O PROCESSAMENTO DA
CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NO PB**

**CAMPINAS,
2021**

LILIAN SILVA SCHER

**A SALIÊNCIA FÔNICA E O PROCESSAMENTO DA
CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL NO PB**

**Dissertação de mestrado apresentada ao
Instituto de Estudos da Linguagem da
Universidade Estadual de Campinas para
obtenção do título de Mestra em
Linguística.**

Orientador: Prof. Dr. Thiago Oliveira da Motta Sampaio

**Este exemplar corresponde à versão final da Dissertação defendida pela aluna
Lilian Silva Scher e orientada pelo Prof. Dr. Thiago Oliveira da Motta Sampaio.**

**CAMPINAS,
2021**

Ficha catalográfica
Universidade Estadual de Campinas
Biblioteca do Instituto de Estudos da Linguagem
Leandro dos Santos Nascimento - CRB 8/8343

Scher, Lilian Silva, 1997-
Sch28s A saliência fônica e o processamento da concordância verbal variável no
PB / Lilian Silva Scher. – Campinas, SP : [s.n.], 2021.

Orientador: Thiago Oliveira da Motta Sampaio.
Dissertação (mestrado) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de
Estudos da Linguagem.

1. Concordância verbal variável. 2. Saliência fônica. 3. Processamento
linguístico. 4. Variação linguística. I. Sampaio, Thiago Oliveira da Motta, 1984-
II. Universidade Estadual de Campinas. Instituto de Estudos da Linguagem. III.
Título.

Informações para Biblioteca Digital

Título em outro idioma: Phonic salience and the processing of variable verbal agreement
in Brazilian Portuguese

Palavras-chave em inglês:

Variable verbal agreement

Phonic salience

Linguistic processing

Linguistic variation

Área de concentração: Linguística

Titulação: Mestra em Linguística

Banca examinadora:

Thiago Oliveira da Motta Sampaio [Orientador]

Paula Roberta Gabbai Armelin

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

Data de defesa: 17-03-2021

Programa de Pós-Graduação: Linguística

Identificação e informações acadêmicas do(a) aluno(a)

- ORCID do autor: <https://orcid.org/0000-0001-9717-5920>

- Currículo Lattes do autor: <http://lattes.cnpq.br/7765341934641600>



BANCA EXAMINADORA:

Thiago Oliveira da Motta Sampaio

Paula Roberta Gabbai Armelin

Marcelo Alexandre Silva Lopes de Melo

**IEL/UNICAMP
2021**

Ata da defesa, assinada pelos membros da Comissão Examinadora, consta no SIGA/Sistema de Fluxo de Dissertação/Tese e na Secretaria de Pós Graduação do IEL.

AGRADECIMENTOS

A Deus, pela oportunidade de realizar os meus sonhos e por me guiar nesse caminho.

Ao meu orientador Thiago, por aceitar e acreditar no meu projeto. Por estar sempre disponível e pelas orientações amigáveis. Aprendi e continuo aprendendo muito com você.

À professora Mercedes, por ter me apresentado a pesquisa e a psicolinguística, pelos anos de orientações e ensinamentos na graduação, e pela participação valiosa na banca.

Ao professor Marcelo Melo e à professora Paula Armelin, pela disponibilidade e pela presença na banca, trazendo sugestões e comentários indispensáveis para o meu trabalho.

À minha família, por todo o suporte e por sempre acreditarem em mim. Tudo o que faço é para vocês.

Aos meus pais, pelo apoio incondicional e por fazerem sempre o possível para me ajudar a realizar os meus sonhos. À minha irmã Lavínia, você se tornou mais um motivo para tudo o que faço.

À minha avó Neiva, por absolutamente tudo que você faz por mim. As palavras me fogem ao te agradecer. Aos meus avôs Paulo e Adilson e à minha avó Arilene, por me guiarem e por estarem sempre no meu coração.

À minha tia Lara, pela companhia nesses dois anos. Ter você perto em uma situação totalmente nova e desafiadora fez toda a diferença do mundo e tornou o processo muito mais fácil, divertido e familiar. Aos meus tios, Junior, Antônio Carlos e Arisson, por sempre torcerem por mim e por comemorarem cada conquista minha.

Ao Jonathan, por acreditar e torcer por mim, e pela paciência em escutar frequentemente os meus receios, sempre me lembrando de que eu seria capaz.

Aos meus recrutadores oficiais de participantes para o experimento, Jonathan, Lara e Israel, muito obrigada por toda a ajuda e por estarem sempre comigo. Aos meus amigos, primos, conhecidos e a todos que participaram do experimento, muito obrigada! Esse trabalho não aconteceria sem vocês.

Ao Conselho Nacional de Pesquisa (CNPq), pelo apoio financeiro para a realização dessa pesquisa (Processo: 130414/2019-0).

RESUMO

A concordância de número no português brasileiro (PB), de acordo com pesquisas do campo da Sociolinguística, apresenta um caráter variável. Podem ser observados dois principais padrões de realização: o padrão redundante, no qual há marcação de plural explícita nos itens relevantes (ex: “as meninas cantam bem”), e o padrão não redundante, no qual a marca de plural pode ser omitida em alguns elementos (ex: “as meninaØ cantaØ bem”). Essa variação é influenciada por fatores linguísticos e extralinguísticos. No âmbito da concordância verbal, a posição do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito e a saliência fônica têm sido apontados como os fatores linguísticos mais relevantes pela literatura (Mendes; Oushiro, 2015). Segundo o princípio da saliência fônica, os itens lexicais podem ser classificados como mais (ex: *é/são*) ou menos (ex: *come/comem*) salientes de acordo com a diferença fônica entre suas formas no singular e no plural. Dessa forma, os itens mais salientes seriam mais perceptíveis e favoreceriam a produção do padrão redundante de concordância. O presente trabalho busca investigar a influência dessa variável no processamento da concordância variável verbal no PB por parte de falantes adultos universitários, considerando-se a proposta de classificação de Naro (1981) quanto à saliência nos verbos. Para tanto, foi desenvolvido um experimento com a técnica de produção eliciada por repetição e foi realizada uma análise de *corpus*. Em relação ao experimento, espera-se que seja encontrada uma diferença entre o processamento dos dois padrões de concordância e que a saliência fônica se mostre relevante. Os resultados reportados não mostram diferença significativa entre o processamento do padrão redundante e não redundante. Além disso, não é possível observar uma influência da saliência fônica no fenômeno estudado. Em relação à análise de *corpus*, essa sugere uma preferência significativa para a utilização do padrão redundante por falantes com níveis mais altos de escolaridade. No geral, os resultados sugerem a necessidade de investigar a saliência a partir de novas definições e classificações na literatura sociolinguística e psicolinguística.

Palavras-chave: Concordância verbal variável; Saliência fônica; Processamento linguístico; Variação linguística.

ABSTRACT

Number agreement in Brazilian Portuguese (BP), according to sociolinguistics researches, is under variation and can be produced with redundant pattern, in which all the related items exhibit the plural mark (“as meninas cantam bem”), or with non-redundant pattern, in which the plural mark can be omitted in some items (“as meninaØ cantaØ bem”). This variation can be interfered by social and linguistic factors. In verbal agreement, subject position, subject animacy and phonic salience are some of the relevant linguistic factors pointed by the literature. According to phonic salience principle, some items can be considered more (ex: *é/são*) or less salient (ex: *come/comem*), according to the difference of phonological material between their singular and plural forms. Therefore, a more salient item seems to favor the production of redundant pattern. In the present project we propose to investigate the influence of this variable in the processing of variable verbal agreement in PB by adult speakers with high level of education, considering the proposal of Naro (1981) on the verbal classification in terms of phonic salience. To do so, we performed a corpus analysis and developed an experiment of elicited production by repetition task. With regard to the experiment, we assumed the hypotheses that there is a difference between the processing of the redundant and non-redundant agreement pattern e that phonic salience reveals a significant influence. The results found don’t report a significant difference between the processing of the redundant and non-redundant pattern of agreement. Furthermore, it’s not possible to observe an influence of phonic salience in the phenomenon under investigation. With regard to the *corpus* analysis, it suggests a preference for the use of redundant pattern of agreement by speakers with high level of education. In general, the results suggest a necessity to investigate phonic salience through new definitions and classifications in sociolinguistics and psycholinguistics literature.

Keywords: Variable verbal agreement; Phonic salience; Linguistic processing; Linguistic variation.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Esquema do procedimento experimental: tarefa de produção eliciada por repetição.....	86
Figura 2: Árvore CHAID – Índice de repetições-CN por tipo de concordância estabelecida (participante como fator aleatório).....	91
Figura 3: Árvore CHAID – RT por tipo de concordância estabelecida (participante como fator aleatório)	92
Figura 4: Árvore CHAID – Tempo de resposta por classe de saliência (Proposta de Naro, 1981).....	93
Figura 5: Árvore CHAID – tempo de resposta por nível-classe de saliência (Proposta de Naro, 1981)	94

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Terceira categorização da saliência fônica segundo Lemle; Naro (1977)	29
Quadro 2: Segunda escala de saliência fônica segundo Naro (1981)	31
Quadro 3: Saliência Fônica para 1PP (Naro et al. 1999)	45
Quadro 4: Primeira escala de saliência fônica proposta por Guy (1981)	48
Quadro 5: Evolução das vogais nasais átonas finais do português proposta por Oliveira (1983)	52
Quadro 6: Classificação da saliência fônica adotada por Molina (2018)	57
Quadro 7: Exemplos de condições e sentenças experimentais utilizadas por Marcilese et al. (2015)	62
Quadro 8: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Henrique (2016) – segundo experimento	65
Quadro 9: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Henrique (2016) – terceiro experimento	66
Quadro 10: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Marcilese et al. (2017)	68
Quadro 11: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Azalim (2016)	70
Quadro 12: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Azalim et al. (2018)	73
Quadro 13: Condições experimentais - Experimento de produção eliciada de repetição..	82
Quadro 14: Proposta de Naro (1981) para o nível de saliência dos verbos adaptada	82
Quadro 15: Exemplos de sentenças experimentais de acordo com as condições experimentais estabelecidas	83

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Resultados reportados por Lemle & Naro (1977)	30
Tabela 2: Probabilidade de marcação da concordância em relação aos níveis de saliência fônica (Naro 1981).....	32
Tabela 3: Marcas explícitas de plural nos verbos em função da variável saliência fônica de Scherre & Naro (1998) em comparação com os dados de Naro (1981).....	34
Tabela 4: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica (Monguilhott, 2001)	36
Tabela 5: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores tipo de verbo (Monguilhott, 2001)	37
Tabela 6: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável saliência fônica (Monguilhott, 2009)	38
Tabela 7: Frequência de CV no PE, segundo a variável saliência fônica (Monguilhott, 2009)	40
Tabela 8: Efeito da saliência fônica do verbo na marca explícita de plural (Cardoso, 2005)	42
Tabela 9: Tendências de emprego de CV-Ø de acordo com variáveis linguísticas (Oushiro, 2015)	45
Tabela 10: Resultados da hierarquia de saliência fônica em sete níveis (Guy 1981)	49
Tabela 11: Resultados da hierarquia de saliência fônica com inclusão dos verbos regulares (Guy 1981)	50
Tabela 12: Resultados das análises com inclusão/exclusão de condicionadores fonológicos (Guy 1981)	50
Tabela 13: Ausência de concordância verbal nos fatores inicialmente estabelecidos (Nicolau, 1995)	53
Tabela 14: Média de RT por condição experimental	93
Tabela 15: Comparação nas médias de RT entre as condições experimentais (Wilcoxon S.R. Test)	93

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Frequência de CV no PB, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e escolaridade (Monguilhott, 2009).....	39
Gráfico 2: Efeito da saliência fônica no uso de plural no verbo com amalgamação das classes nos dois níveis (Cardoso, 2005)	42
Gráfico 3: Efeito da saliência fônica no uso de plural no verbo com amalgamação das classes 2D, 2E com a 2C (Cardoso, 2005)	43
Gráfico 4: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>saliência fônica</i> (adultos – Molina, 2018)	57
Gráfico 5: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>saliência fônica</i> (crianças, zona urbana – Molina, 2018).....	58
Gráfico 6: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator <i>saliência fônica</i> (crianças, zona rural – Molina, 2018)	59
Gráfico 7: Comparação das médias de TR das condições nomes não saliente concordância redundante e não redundante para pseudo-nomes e nomes reais do PB (dados de Azalim et al. 2018).....	74
Gráfico 8: Variação nas médias de RT entre participantes (em ms.).....	87
Gráfico 9: Índice de repetições-alvo por concordância	89
Gráfico 10: Índice de repetições-alvo por condição experimental	89
Gráfico 11: Comparação do índice de repetições e de não repetições no verbo e no nome	90
Gráfico 12: Índice de repetições-CN por condição experimental	91
Gráfico 13: Proporção de produção dos padrões de concordância verbal (redundante e não redundante)	100

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 O FENÔMENO EM ESTUDO: PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO	19
2.1 Variáveis extralinguísticas	23
2.2 Variáveis linguísticas	24
2.2.1 Proposta de Lemle & Naro (76,77)	28
2.2.2 Proposta de Naro (1981)	30
2.2.3 Proposta de Guy (1981)	46
2.2.4 Proposta de Nicolau (1995)	51
3 CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL: ABORDAGEM PSICOLINGUÍSTICA	55
4 CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL E SALIÊNCIA FÔNICA: UMA INVESTIGAÇÃO EXPERIMENTAL	76
4.1 Objetivos gerais e específicos	77
4.2 Hipóteses	79
4.3 Experimento: a produção da concordância verbal variável no PB	79
4.3.1 Método	80
4.3.2 Previsões	84
4.3.3 Participantes	85
4.3.4 Materiais	85
4.3.5 Procedimento	86
4.3.6 Resultados	87
4.3.7 Discussão	94
4.3.8 Produção da concordância verbal variável na fala espontânea: Análise de <i>corpus</i> ...	97
4.3.8.1 Escolhas metodológicas para a análise de <i>corpus</i>	98
4.3.8.2 Análise dos dados de produção	99
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	103
6 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	106
7 ANEXOS	111

1. INTRODUÇÃO

A concordância pode ser definida, de maneira geral, como um fenômeno que “*consiste em se adaptar a palavra determinante ao gênero, número e pessoa da palavra determinada.*” (Bechara, 2009: 441), ou no qual “*a forma de uma palavra em uma sentença é determinada pela forma de outra palavra gramaticalmente ligada a ela.*” (Trask, 2007: 10)¹.

Em uma visão mais detalhada do fenômeno no português brasileiro (doravante, PB), algumas questões que não são abordadas por essas definições gerais acabam surgindo. Dentre elas, a classificação da concordância como nominal ou verbal. A primeira, segundo Bechara (2009: 441), “*se verifica em gênero e número entre o adjetivo e o pronome (adjetivo), o artigo, o numeral ou o particípio (palavras determinantes) e o substantivo ou pronome (palavras determinadas) a que se referem*”. Ou seja, se verifica entre os elementos do sintagma nominal (SN), como nos exemplos a seguir:

(1)

(a) As meninas bonitas.

(b) Os meus vizinhos.

Já a concordância verbal, foco do presente trabalho, é definida pelas gramáticas prescritivas do PB como: “*Diz-se concordância verbal a que se verifica em número e pessoa entre o sujeito (e às vezes o predicativo) e o verbo da oração*” (Bechara, 2009: 441) ou como “*A solidariedade entre o verbo e o sujeito (...) exterioriza-se na concordância, isto é, na variabilidade do verbo para conformar-se ao número e à pessoa do sujeito*” (Cunha & Cintra, 2013: 510). No âmbito da concordância de número, representa uma das maneiras de expressão da numerosidade nas estruturas linguísticas, embora apresente funcionamento diferente entre as várias línguas naturais. Essa relação entre o sujeito e o verbo na visão normativa pode ser exemplificada pela relação estabelecida entre os itens nas sentenças abaixo:

(2)

(a) As meninas compram bolo na padaria.

(b) Esse menino canta bem.

¹ Tradução do original: “*The grammatical phenomenon in which the form of one word in a sentence is determined by the form of another word which is grammatically linked to it.*” (Trask, 2007:10)

Apesar das definições apresentadas convergirem em relação à marcação morfofonológica dos itens em questão como resultado da concordância, esse fenômeno tem sido foco de muitos estudos da sociolinguística variacionista e tem sido atestado por essa literatura, de forma consistente, como um fenômeno de caráter variável no PB, tanto no domínio do SN (Scherre, 1988; Oushiro, 2015; Guy, 1981; Mendes; Oushiro, 2015; dentre outros), quanto na relação entre sujeito e verbo (Scherre; Naro, 1977; Naro, 1981; Guy, 1981; dentre outros).

Pode-se observar, no PB, dois principais padrões de realização da concordância na produção linguística dos falantes: um em que há a marcação morfofonológica de plural explícita em todos os elementos do sintagma nominal, e essa marcação ainda é reiterada no verbo (marcação redundante), e outro em que há marcação obrigatória em apenas um item da sentença, sendo que essa marca pode ser omitida no nome, no verbo ou em outros elementos (marcação não redundante).

Os exemplos a seguir ilustram, respectivamente, esses dois principais padrões de realização da concordância no PB:

(3) As meninas cantam bem.

(4) As menina \emptyset canta \emptyset bem.

É importante destacar que não existe apenas uma forma de se realizar o padrão não redundante de concordância, uma vez que a estrutura apresentada em (5), na qual há marcação explícita em todos os elementos do SN, mas não há no verbo, também é possível, e, no experimento reportado nesse trabalho, foi bastante produzida pelos participantes.

(5) As meninas compra \emptyset bala na padaria.

Costa & Figueiredo Silva (2006) destacam o caso específico de estruturas contendo possessivos. Segundo os autores, a marcação de plural pode ser explícita tanto no artigo quanto no possessivo (6a), mas se apenas um elemento apresentar essa marca, esse deve ser o possessivo e não o artigo (6b):

(6)

(a) Os meus bonecos.

(b) $\emptyset\emptyset$ meus boneco \emptyset .

Os autores destacam ainda os casos de estruturas nas quais não há marcação explícita no nome, mas há no artigo e no verbo, como no exemplo abaixo:

(7) Os s menino \emptyset comem m muito doce.

Desde Lemle & Naro (1977), tem-se atestado que a alternância entre os padrões de realização da concordância no PB não é aleatória, mas influenciada por questões linguísticas e sociais. Segundo Mendes & Oushiro (2015), no que diz respeito às variáveis sociais, podemos citar o nível de escolaridade, a faixa etária e o sexo dos falantes como relevantes para a concordância nominal e verbal. Dentre as variáveis linguísticas, a posição do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito e a saliência fônica têm sido destacados na literatura sociolinguística como os fatores mais relevantes na alternância entre os padrões de concordância verbal. Em relação à posição, a literatura aponta que, sujeitos imediatamente antepostos ao verbo, correspondente à estrutura canônica de sujeito-verbo (SV) no PB, favorecem a marcação explícita de plural, enquanto sujeitos mais distantes e pospostos ao verbo favorecem a ausência de marcação. Quanto à animacidade, sujeitos animados parecem favorecer a marcação explícita de plural no verbo.

Já o princípio da saliência fônica trata da relação de identidade entre as formas singular e plural de um mesmo item lexical e sugere que a diferença de material fônico entre essas formas influencia na alternância entre os padrões de concordância. Essa variável é atestada como relevante para os nomes e para os verbos (Mendes; Oushiro, 2015), mas, no âmbito da concordância verbal, segundo esse princípio, alguns verbos são considerados mais salientes por possuírem uma maior diferença entre as formas do singular e do plural, como o exemplo em (8a), e outros considerados menos salientes por possuírem menor diferenciação, como em (8b):

(8)

(a) disse/disseram

(b) come/comem

Dessa forma, verbos mais salientes seriam mais perceptíveis acusticamente para os falantes e, portanto, teriam maior probabilidade de apresentarem a marcação explícita de plural. Ou seja, em sentenças com verbos mais salientes, seria mais provável que fosse realizada uma concordância do tipo redundante.

Como pode ser observado através das descrições e referências acima, esse é um assunto de interesse direto da sociolinguística variacionista no que concerne ao caráter variável do fenômeno em questão. Porém, estudos recentes desenvolvidos na psicolinguística têm investigado a concordância variável no PB com interesse no processamento do fenômeno por parte dos falantes (Henrique, 2016; Molina, 2018; Marcilese et al. 2015; Marcilese et al. 2017; Azalim, 2016; Azalim et al. 2018; Squires, 2014 – no caso do Inglês). Nesses estudos, o principal objetivo é compreender os processos mentais envolvidos na aquisição, na compreensão e na produção da linguagem.

Esses trabalhos concordam com a posição de que ambos os padrões são gramaticais para os falantes, mas não seriam processados da mesma maneira, sendo o padrão não redundante mais exigente em termos de processamento. Além disso, a posição do sujeito em relação ao verbo e a distância linear entre os dois são duas variáveis linguísticas destacadas por trabalhos recentes na psicolinguística. (Henrique, 2006; Marcilese et al. 2017).

Tomando como base as informações apresentadas, o presente trabalho busca investigar experimentalmente o processamento da concordância verbal variável no PB com foco na produção do fenômeno. Além disso, considera-se a saliência fônica e uma possível influência desse princípio na alternância entre os padrões de realização da concordância, buscando analisar também o estatuto da saliência fônica, controverso na literatura no que diz respeito à classificação dos verbos como mais ou menos salientes e na própria definição dessa variável (Naro, 1981; Guy, 1981; Nicolau, 1995), a partir da proposta de Naro (1981) quanto à saliência dos verbos.

Para atingir os objetivos apresentados, foi desenvolvido um experimento através da técnica de *produção eliciada por repetição* e, de maneira complementar, foi realizada uma análise de *corpus*, buscando analisar como se dá a produção espontânea dos padrões de concordância verbal no PB. Espera-se que os dois padrões apresentem diferença quanto ao processamento por parte de falantes universitários adultos do PB, com o não redundante sendo mais custoso. Além disso, toma-se como hipótese que a produção do padrão não redundante seja facilitada pela utilização de pseudo-verbos, os quais inibirão possíveis conhecimentos prévios e ajudarão na produção de índices mais altos de respostas-alvo no experimento, de acordo com o reportado por Azalim et al. (2018).

Quanto à análise de *corpus*, tendo em vista que os informantes cujas entrevistas serão analisadas são falantes cariocas com nível superior completo, espera-se um índice maior de produção do padrão redundante em comparação com o não redundante, ainda

que esse esteja presente na produção espontânea desses falantes, já que a escolaridade parece ser uma das variáveis sociais mais relevantes para a variação do fenômeno investigado. (Mendes; Oushiro: 2015).

Em relação à saliência, espera-se, tomando como base a literatura sociolinguística, que essa se mostre relevante na alternância entre os padrões de concordância, principalmente no que diz respeito à acentuação da sílaba final, de forma que verbos mais salientes (com acento) apresentem mais marcações explícitas de plural em comparação com verbos menos salientes (sem acento), segundo a proposta de Naro (1981). No entanto, tendo em vista pesquisas que investigaram a saliência a partir da proposta de Naro (1981), espera-se que, para falantes com níveis mais altos de saliência, a escala de Naro não se mostre totalmente nítida no âmbito das classes propostas pelo autor, tendo em vista pesquisas anteriores.

Apesar da concordância variável ter sido amplamente discutida na literatura produzida pela sociolinguística, ainda são poucos os trabalhos que abordam essa temática sob uma perspectiva do processamento da linguagem e com a utilização da metodologia experimental. Dentre os já desenvolvidos no quadro da psicolinguística, há uma lacuna no que diz respeito ao processamento da concordância verbal variável por parte de falantes adultos do PB, considerando-se o papel da saliência fônica. Portanto, a realização da presente pesquisa se mostra relevante por trazer novas perspectivas sobre o fenômeno estudado e possíveis colaborações para questões, embora bastante investigadas na sociolinguística, ainda controversas na literatura, como o estatuto e a própria definição da saliência fônica, assim como a classificação dos verbos em relação a esse princípio. Em relação à psicolinguística, a contribuição dessa pesquisa consiste em trazer novas pistas sobre a produção da linguagem e sobre a influência de possíveis fatores na mesma, além de focar em assuntos que ainda são pouco estudados nesse campo, como a concordância verbal variável e a saliência fônica.

Por fim, essa dissertação também colabora para uma conversa entre subáreas que se mostra interessante para os estudos linguísticos no geral e para o conhecimento do fenômeno em questão no PB. Além disso, como apontado por Mendes & Oushiro (2015), os estudos têm mostrado uma tendência de utilização do padrão não redundante por parte de falantes com níveis mais baixos de escolaridade. Dessa forma, estudar desse fenômeno sob diferentes pontos de vista pode contribuir para uma compreensão melhor do fenômeno em si e de possíveis estigmatizações referentes à concordância variável no PB. Portanto, compreender a funcionalidade dessas estruturas na língua e no processamento linguístico,

assim como os fatores que levam à variação entre as formas, é de extrema importância para os estudos linguísticos no geral.

A organização dessa dissertação será realizada da seguinte forma: no segundo capítulo, será apresentado um panorama sociolinguístico sobre o fenômeno estudado, assim como questões teóricas sobre a sociolinguística, uma vez que essas se mostram relevantes para a compreensão do caráter variável do fenômeno em estudo e para o entendimento dos trabalhos sociolinguísticos resenhados na revisão da literatura.

No terceiro capítulo, serão resenhados trabalhos psicolinguísticos, os quais investigaram especificamente a concordância variável no PB e teceram considerações relevantes para a atual pesquisa no que concerne ao processamento dos dois padrões de concordância atestados, tanto no âmbito da fala adulta, como na fala infantil. Além disso, serão destacados aqueles que investigaram de forma específica o papel da saliência fônica nesse processamento.

No quarto capítulo, será apresentada a metodologia experimental inserida na psicolinguística e o experimento desenvolvido nessa dissertação, o qual será detalhado quanto aos objetivos, hipóteses, métodos e resultados. Além disso, na última seção do capítulo, será apresentada a análise de *corpus* realizada nessa pesquisa, buscando comparar os dados espontâneos com os dados reportados na situação experimental.

Por fim, no capítulo cinco, serão feitas as considerações finais sobre a pesquisa desenvolvida, analisando os dados encontrados no experimento proposto e na análise de *corpus*, com base na literatura socio e psicolinguística considerada nessa dissertação.

2. O FENÔMENO EM ESTUDO: PANORAMA SOCIOLINGUÍSTICO

O fenômeno da concordância de número no PB, tanto no âmbito da concordância estabelecida no sintagma nominal, quanto na relação de concordância presente entre esse sintagma e um verbo na construção sintática, tem sido amplamente investigado por estudos conduzidos na sociolinguística. Por esse motivo, tem-se uma literatura sociolinguística ampla e, caracterizada por Mendes & Oushiro (2015), como uma literatura que apresenta um quadro consistente em relação aos desdobramentos sociais e linguísticos desse fenômeno em diversas comunidades de fala presentes no Brasil. A existência desse quadro consistente em relação ao que se sabe sobre o fenômeno em questão torna fundamental conhecer o estudo sociolinguístico em si, como uma forma de compreender melhor também o caráter variável atestado por essa literatura em relação à concordância de número no PB. Dessa forma, essa dissertação tem como ponto de partida esse conhecimento amplo sobre o fenômeno em foco desenvolvido e reportado pela sociolinguística. Para compreender tais trabalhos que investigam a concordância de número como um fenômeno variável no PB, os quais serão revisados nessa pesquisa, é importante ter em vista determinados pressupostos teóricos tomados como base por essa área da linguística.

Nos estudos sociolinguísticos, busca-se estudar e compreender a língua, considerando suas diversas instâncias de uso, inserida em contextos socioculturais específicos. Essa concepção do sistema linguístico parte das ideias elaboradas por William Labov, na década de 60. Para o autor, esse tipo de estudo deve ser realizado, pois a língua deve ser vista como um comportamento social inserido em um contexto social (Labov 2008 [1972]) e, portanto, esse contexto deve ser considerado no desenvolvimento de um estudo linguístico.

Labov (2006 [1966]) propõe o conceito de *comunidade de fala*, o qual engloba falantes que compartilham normas, ainda que de forma inconsciente, e apresentam uniformidade linguística. Essa uniformidade, no entanto, não está relacionada ao conceito de “homogeneidade” (Oushiro, 2015), pois, em uma comunidade de fala, pode ser constatada uma variação linguística caracterizada como sistemática e estruturada. Apesar disso, é possível compreender as normas linguísticas compartilhadas por esses falantes. Nas palavras de Labov:

“A comunidade de fala não é definida por nenhuma concordância marcada no uso de elementos linguísticos, mas sim pela participação num conjunto de normas compartilhadas; essas normas podem ser

observadas em tipos de comportamento avaliativo explícito e pela uniformidade de padrões abstratos de variação que são invariantes no tocante a níveis particulares de uso.” (Labov, 2008 [1972: 150] *apud* Oushiro, 2015:21)

Tendo em vista esse conceito, Labov destaca a importância de se estudar a comunidade de fala na qual os indivíduos se inserem, pois, para o autor, a linguagem de um indivíduo não pode ser compreendida sem que se considere a comunidade da qual ele faz parte. (Labov, 2006 [1966]).

Os estudos sociolinguísticos tomam como base pressupostos referentes à Teoria da Variação e Mudança (Weinreich, Labov & Herzog, 1968, doravante WLH). Na época de desenvolvimento dessa teoria, os modelos de língua mais difundidos correspondiam aos apresentados pelo Estruturalismo e pelo Gerativismo, os quais compreendiam o sistema linguístico através de dicotomias. Para a corrente estruturalista, essa dicotomia correspondia à *língua* e à *fala*. A *língua* seria caracterizada pela homogeneidade e invariabilidade, enquanto a *fala* seria caracterizada pelo uso social da língua, sendo, portanto, heterogênea e variável. No que concerne à teoria gerativa, a dicotomia adotada diz respeito à parte da *competência* e do *desempenho*. Assim como a visão apresentada pelo estruturalismo, a primeira parte seria invariável e a segunda variável. Para WLH, essa concepção dicotômica do sistema linguístico resulta em paradoxos que não podem ser superados e é necessário compreender a língua, no âmbito estrutural, como um lugar no qual também pode acontecer variação, e não como um lugar caracterizado pela homogeneidade. Além disso, os autores reiteram:

“Certamente não basta apontar a existência ou a importância da variabilidade: é necessário lidar com os fatos de variabilidade com precisão suficiente para nos permitir incorporá-los em nossas análises da estrutura linguística”. (WLH, 1968: 107).

Portanto, um dos pressupostos mais importantes dessa teoria diz respeito ao conceito de *heterogeneidade ordenada*. WLH propõe que sua teoria rompa com o conceito de homogeneidade em relação ao sistema linguístico, e consiga harmonizar o aspecto estrutural e ordenado com uma abordagem heterogênea e variável da língua. De acordo com o proposto, a língua é um sistema heterogêneo e a variação é inerente a esse sistema. Além disso, essa variação que pode ser observada no sistema linguístico não é livre, mas *ordenada*, ou seja, apresenta um caráter sistematizado.

A abordagem de estudos linguísticos aqui introduzida pode ser denominada de Sociolinguística Variacionista, devido ao seu interesse em investigar a variação linguística e, tendo em vista o pressuposto de que a variação não é aleatória, mas ordenada

e influenciada por determinados fatores, a investigação de quais são esses fatores e de como eles interferem na variação representa alguns dos objetivos desse quadro teórico.

Segundo Naro (2003), nesse quadro, o linguista apresenta o papel de investigar e descobrir quais fatores são relevantes para o fenômeno linguístico variável em questão, levantando e codificando dados empíricos. Além disso, o autor destaca outro ponto relevante para a compreensão dos estudos sociolinguísticos, o qual corresponde à metodologia adotada. Essa é caracterizada pela tentativa de descrever estatisticamente e sistematizar o fenômeno variável em análise, calculando a influência das possíveis variáveis independentes relevantes para a realização variável do fenômeno. No entanto, o pesquisador tem o papel indispensável de analisar e interpretar os dados estatísticos encontrados.

Em relação à metodologia descrita, Labov (1972) apresenta alguns axiomas. O primeiro corresponde ao axioma da alternância estilística, o qual considera que não existe um falante que apresente um estilo único, pois todos alternam seu estilo de acordo com o tema de sua fala e o contexto social. O segundo axioma considera que o falante pode variar seu estilo de acordo com o grau de atenção à fala, ou seja, em momentos específicos, o falante pode apresentar uma maior ou menor atenção ao que está falando. Quando essa atenção é mínima, assim como o monitoramento da fala, o pesquisador terá contato com o estilo de fala denominado de *vernáculo*, o qual fornece dados mais espontâneos e naturais para a análise. Assim, a análise através da gravação de entrevistas individuais é apontada por Labov como a melhor forma de se coletar dados, ainda que sempre exista um grau de monitoramento por parte do falante nessa situação (Monguilhott, 2009).

Segundo Labov (2003 *apud* Azalim et al. 2018), considera-se um fenômeno da língua como variável quando esse apresenta taxa de variação das formas linguísticas entre 5% e 95%. Se essa taxa for maior que 95% (até 99%) para uma das formas, essa variante é considerada uma regra semicategórica. Além disso, como apontado anteriormente, a variação linguística não é aleatória, mas condicionada por determinados fatores, sendo esses tanto de natureza linguística quanto social. WLH (1968:107) destacam: “*uma variável linguística tem de ser definida sob condições estritas para que seja parte da estrutura linguística*”. Portanto, para os autores, cada variável linguística é definida por funções de variáveis denominadas *independentes*, sendo essas linguísticas ou sociais. Entretanto, essas funções não são necessariamente independentes entre si.

No que diz respeito aos fatores sociais, alguns dos mais investigados nas pesquisas sociolinguísticas no geral são: a faixa etária, o nível de escolaridade, a classe socioeconômica e o sexo dos falantes.

Em relação à faixa etária, essa variável é de extrema importância em alguns estudos, devido à possibilidade de fornecer informações sobre a mudança linguística. Como apontado por Chambers (2013), isso acontece nos casos em que a variação revela uma mudança linguística, a qual pode ser observada através da faixa etária dos falantes. Nesses casos, uma variante pouco produzida pela geração mais velha se mostra mais frequente em uma geração mais nova, e para gerações ainda mais novas, essa variante apresenta uma frequência ainda maior. O método de análise que considera a mudança linguística de forma associada à faixa etária é denominado método de *tempo aparente*, e, dessa forma, pesquisa-se determinada variante linguística com falantes de faixas etárias diferentes, pois variações entre gerações podem refletir mudanças linguísticas em potencial. Toma-se como pressuposto para a construção desse método uma certa estabilidade em vernáculos individuais de falantes adultos. Segundo Chambers (2013:310):

“A hipótese de tempo aparente apenas se assegura se as substituições que as pessoas fazem como adultos são esporádicas ou idiossincráticas, escolhas individuais e não escolhas em comum.” Chambers (2013:10)

Pode-se estudar também a mudança linguística através do método de *tempo real*, no qual as observações são feitas através de comparações em momentos históricos diferentes. De qualquer forma, a variável idade é investigada pelos pesquisadores a fim de observar a diferença da variação entre as gerações, a qual, em determinados casos, pode estar refletindo algumas questões sobre mudança linguística.

Outra variável bastante estudada é o nível de escolaridade dos falantes. Como será apresentado adiante, a escolaridade é bastante investigada no caso da concordância de número variável no PB, isso porque as pesquisas no geral têm apresentado resultados que sugerem diferenças em relação aos padrões de concordância atestados de acordo com o nível de escolaridade dos falantes brasileiros.

Assim como fatores sociais, os linguísticos, ou seja, fatores internos ao sistema linguístico, também podem favorecer ou desfavorecer a utilização de determinada forma linguística, e esses podem ser de natureza morfossintática, fonológica, semântica ou discursiva. Dentre eles, podemos citar: contextos fonológicos anteriores ou posteriores a determinadas variáveis, função sintática dos elementos em questão, posição dos

sintagmas na oração, traços semânticos ou morfológicos relacionados a alguns sintagmas, classe gramatical dos elementos, classificação do verbo, questões referentes ao sujeito, como tipo e posição linear na oração, dentre outros.

Como apontado anteriormente, a literatura sociolinguística propõe, de maneira consensual, o fenômeno da concordância de número PB como um fenômeno de caráter variável, e, dessa forma, procura investigar quais fatores linguísticos e extralinguísticos estão envolvidos no processo e de que forma esses condicionam a variação entre os padrões de concordância. Como esse fenômeno está entre os mais estudados no quadro sociolinguístico no Brasil, os estudos desenvolvidos disponibilizam um quadro consistente de caracterização do fenômeno (Mendes & Oushiro, 2015). Sendo assim, uma parte considerável das pesquisas concordam em relação às variáveis independentes apontadas como relevantes ou irrelevantes no fenômeno descrito, ainda que, por se tratar de comunidades de fala diferentes, algumas pesquisas apresentem resultados divergentes em relação à maioria.

Mendes & Oushiro (2015) realizam uma revisão das variáveis independentes relevantes mais apontadas pela literatura e como essas influenciam no fenômeno da concordância variável no PB, no âmbito da concordância nominal e verbal. Embora exista semelhanças e diferenças entre os dois âmbitos, nesse momento, serão apresentados apenas os fatores linguísticos e sociais referentes à concordância verbal, por se tratar do foco dessa dissertação. No geral, as pesquisas prévias apontam os seguintes tipos de variáveis independentes como relevantes na variação do fenômeno em foco:

2.1. Variáveis Extralinguísticas

Mendes & Oushiro (2015) destacam a existência de uma regularidade quanto às variáveis extralinguísticas (sociais) que se mostram relevantes na alternância entre os padrões de concordância nominal e verbal nas diferentes comunidades de fala brasileiras. Dentre elas, a mais destacada é o nível de escolaridade, pois a maioria dos trabalhos sugere que essa variável atua como um condicionamento importante na variação da concordância, de forma que os falantes com níveis mais altos de escolaridade são os mais prováveis de realizarem a marcação explícita de plural no sintagma nominal e no verbo. Vale ressaltar que os autores também abordam um questionamento de Oushiro (2015), cuja pesquisa reporta uma maior relevância em relação à variável *classe social* em comparação à *escolaridade* no que concerne à variação da concordância em São Paulo. O questionamento realizado pela autora procura compreender se essa tendência de

falantes mais escolarizados utilizarem de forma mais frequente o padrão redundante não está relacionada apenas à escolaridade, mas também a uma melhor oportunidade de mobilidade social para pessoas que apresentam níveis de escolaridades maiores.

Além da escolaridade, a variável sexo também tem sido investigada na literatura, a qual sugere uma maior realização do padrão não redundante de concordância verbal por parte dos falantes homens em comunidades urbanas. No entanto, em comunidades rurais, esse padrão parece ser mais utilizado pelas mulheres. Como os autores destacam, as explicações geralmente abordam o papel profissional referentes às mulheres e aos homens nas duas áreas. Assim, na área rural, os homens tendem a ter mais facilidade de trabalhar fora e ter contato com variantes utilizadas pelas classes sociais mais altas, enquanto as mulheres tendem a trabalhar como donas de casa ou ter empregos dentro da própria comunidade rural à qual pertencem. (Mendes; Oushiro, 2015)

2.2 Variáveis linguísticas

Dentre as variáveis independentes linguísticas mais relevantes na variação da concordância verbal, são apresentadas pelos autores: a posição do sujeito em relação ao verbo, a animacidade do sujeito e a saliência fônica. Com exceção do primeiro fator, os demais também são apontados como relevantes na variação da concordância encontrada no âmbito do sintagma nominal.

De acordo com a literatura, a variável *posição do sujeito em relação ao verbo* em uma sentença é uma das mais relevantes na alternância entre os padrões de concordância verbal, uma vez que a maioria dos estudos reportam dados estatisticamente significativos em relação à influência dessa variável. A literatura revela que a posição do sujeito antecedente ao verbo, correspondente à ordem canônica sujeito-verbo (SV) no PB, é a estrutura que mais favorece a marcação explícita de plural no verbo, enquanto sentenças com o sujeito posposto ao verbo desfavorecem essa marcação no verbo. Outro ponto relevante quanto à posição do sujeito diz respeito à distância entre o sujeito e o verbo, sendo que estruturas com o sujeito imediatamente antecedendo o verbo favorecem a marcação quando comparadas com aquelas na quais o sujeito antecede o verbo, mas esses estão mais distantes na sentença.

O traço semântico de *animacidade* do sujeito é outra variável que, no geral, apresenta um comportamento padronizado nos resultados diversos de pesquisas, sendo que sujeitos com traço [+humano] e [+animado] favorecem a marcação de plural explícita no verbo, diferentemente dos sujeitos tidos como inanimados (Scherre & Naro, 1998a).

Um das pesquisas recentes a qual buscou investigar, dentre outras variáveis linguísticas, o papel da posição e da animacidade do sujeito na variação da concordância de número foi a desenvolvida por Brandão e Vieira (2012). Com o objetivo de analisar o estatuto desse fenômeno em três variedades urbanas do português, o estudo desenvolvido focou no PB, no Português Europeu (PE) e no português falado em São Tomé e Príncipe (PST) e sugere que a concordância de número apresenta um estatuto diferente nessas três variedades do português. Para o PB e para o PST, as regras de concordância se mostram variáveis, mas, para o PE, a concordância nominal se mostra categórica, enquanto a verbal se mostra semicategórica.

Quanto às variáveis sociais, foram investigadas o nível de escolaridade, a faixa etária e o sexo dos falantes. Dentre as diversas variáveis linguísticas consideradas na análise do âmbito verbal, encontram-se a posição do sujeito em relação ao verbo e a animacidade do sujeito. Nos resultados reportados, essas duas variáveis foram consideradas as mais relevantes para as variedades do PB e do PST, estando em primeiro plano na análise. No que concerne à animacidade na variedade do PB, as autoras reportam que o traço [-animado] favorece a omissão da marcação de número no verbo, apresentando pesos relativos (doravante, P.R) de produção do padrão não redundante variando entre 0.70 e 0.78. De forma contrária, o traço [+ animado] favorece a marcação (P.Rs variando entre 0.43 a 0.45).

Já no que diz respeito à posição do sujeito, os dados encontrados mostram que o sujeito posposto favorece a não marcação de número (P.Rs variando entre 0.77 e 0.86), ao contrário do sujeito anteposto, o qual favorece a marcação. (P.R 0.41).

Esses resultados são reforçados por outras pesquisas na literatura sociolinguística. Dentre elas, está a desenvolvida por Oushiro (2015), a qual investigou, sob a perspectiva da produção, da avaliação e da percepção linguística, quatro variáveis linguísticas através da extração de dados de entrevistas com falantes paulistanos: a realização de /e/ nasal como monotongo ou ditongo; a pronúncia de /r/ na posição de coda silábica (como tepe ou retroflexo); a concordância nominal e a concordância verbal de primeira pessoa e terceira no plural (1PP e 3PP). Como nosso foco está na última variável e de forma específica na 3PP, apenas essa será detalhada aqui. No entanto, os objetivos da pesquisa foram mais abrangentes:

“O objetivo central é analisar, em uma comunidade amplamente heterogênea de um ponto de vista sociodemográfico, as inter-relações entre a expressão de identidade sociais através de usos linguísticos e a

possível influência dos significados sociais desses usos em processos de variação e mudança linguística” (Oushiro, 2015: 8).

No âmbito da concordância verbal, a investigação desenvolvida analisou o papel da posição do sujeito em relação ao verbo e da animacidade do sujeito em meio a outras variáveis, como a saliência fônica e o paralelismo discursivo. No que concerne à posição do sujeito, essa foi classificada considerando-se a distância e a posição em relação ao verbo. Dessa forma, foram estabelecidas cinco categorias: imediatamente precedente ao verbo, precedente com distância de até quatro sílabas, precedente com distância de mais de cinco sílabas, posposto e, por fim, os casos em que o sujeito estava na pergunta do documentados e o participante respondia apenas com o verbo (*Ex: Eles foram? Foram*). Os dados reportados para 3PP também sugerem que o sujeito posposto é o fator que mais favorece a não marcação no verbo (P.R 0.77), sendo seguida da condição com sujeito precedente com distância de mais de 5 sílabas (P.R 0.61).

Para a análise da animacidade do sujeito, a autora considerou essa variável de forma correlacionada ao traço [+ ou - humano], a fim de determinar qual dos dois traços se mostra mais relevante na questão. Assim, foram estabelecidas três categorias: [+humano], [-humano, + animado] e [-humano, -animado]. Os resultados encontrados apontam que o traço [humano] se sobressai ao traço [animado], gerando um modelo de análise mais adequado. A análise apresentou índices maiores de não marcação para os verbos acompanhados de sujeitos com traço [-humano], com peso relativo de 0.66, em comparação aos sujeitos com traço [+humano], cujo peso relativo foi de 0.47. Ainda que o traço de animacidade e sua influência tenha sido investigado com mais frequência na literatura, esse resultado reportado por Oushiro (2015) apresenta de forma mais específica como se dá essa relação entre o traço *animado* e *humano*.

Além dessas duas variáveis, a saliência fônica também tem sido amplamente investigada na literatura sociolinguística quanto a sua influência no fenômeno da concordância variável. Ainda que apontada como relevante também para o âmbito da concordância nominal, essa variável será detalhada, a seguir, principalmente em relação ao âmbito da concordância verbal, por representar o foco dessa pesquisa.

Lemle & Naro (1977) desenvolveram um estudo de caráter sociolinguístico baseado em entrevistas realizadas com alunos dos cursos oferecidos pelo MOBREAL (Movimento Brasileiro de Alfabetização), programa criado pelo governo federal com o objetivo de promover a alfabetização de adultos habitantes da cidade do Rio de Janeiro. Segundo os autores, sua pesquisa tinha como um dos objetivos: “a previsão de pontos de

dificuldade no processo de aprendizado e, conseqüentemente, o fornecimento de informações relevantes para uma gradação adequada do material didático". (Lemle; Naro 1977 *apud* Vieira, 2015: 104).

Essa previsão levaria em consideração a variação da língua presente nos diferentes grupos sociais demarcados na sociedade e na língua escrita, já que os participantes do programa estavam em processo de aprendizado (Lemle; Naro, 1977). Com foco nas regras sintáticas, especificamente a regra de concordância realizada entre o sujeito e o verbo, os autores foram um dos primeiros a propor a variável independente denominada *saliência fônica*.

O princípio da saliência fônica estabelece uma relevância quanto a distinção fônica entre a forma singular e plural de um item na alternância entre os padrões de realização da concordância. Assim, alguns itens podem ser considerados [-salientes] por apresentarem uma menor distinção entre as formas no singular e no plural, e outros podem ser considerados [+ salientes], por apresentarem uma diferença maior entre suas formas.

Como o foco dessa dissertação está no âmbito verbal da concordância, segundo esse princípio, teríamos verbos como os em (9a), considerados [+ salientes] e verbos como em (9b), considerados [-salientes]:

(9)

(a) comeu/comeram; falou/falaram

(b) come/comem; fala/falam

Segundo esse princípio, então, itens [+ salientes] seriam mais perceptíveis no que diz respeito à marcação de plural, e, portanto, seriam mais prováveis de serem marcados de forma explícita. Em outras palavras, em estruturas com verbos [+ salientes], seria mais provável que os falantes produzissem o padrão redundante de concordância verbal (10a) em comparação com o padrão não redundante (10b):

(10)

(a) As crianças comeram o bolo inteiro.

(b) As crianças (criança \emptyset) comeu \emptyset o bolo inteiro.

Da mesma forma, seria mais provável que fosse produzido um padrão não redundante de concordância em estruturas com verbo [- saliente] (11a), do que com verbo [+saliente], uma vez que esses são mais perceptíveis e causariam maior estranhamento aos falantes (11b):

(11)

- (a) As crianças (criançaØ) comeØ o bolo inteiro.
- (b) As crianças (criançaØ) comeuØ o bolo inteiro.

No estudo realizado por Lemle & Naro (1977), essa variável se mostrou a mais relevante e, posteriormente, foi amplamente investigada por outros estudos relacionados ao fenômeno (Naro 1981; Guy 1981; Scherre 1988; Nicolau 1995; Scherre; Naro 1998; Monguilhott 2009; Chaves 2014, dentre outros.), sendo que continuou se mostrando significativa em um número considerável desses. Apesar disso, com será apresentado nas seções a seguir, muitos dos estudos divergem em relação à definição de saliência fônica proposta, apresentando classificações distintas para os níveis de saliência que os verbos podem apresentar.

A seguir, serão apresentadas as propostas mais difundidas na sociolinguística em relação a essa variável. As classificações de saliência apresentadas nas próximas seções abordam essa variável especificamente em relação ao âmbito verbal, sendo que essas diferem das abordagens da saliência com foco no âmbito nominal quanto aos critérios adotados no desenvolvimento das classificações e nas propostas de hierarquização dos itens em si.

2.2.1 Proposta de Lemle & Naro (1976, 1977)

Lemle & Naro (1977), dando continuidade a uma investigação realizada em 1976, realizaram as primeiras tentativas de propor uma escala de saliência fônica entre os itens verbais de acordo com os seus níveis de diferenciação entre as formas de singular e plural. Nesse trabalho, foram analisadas 20 entrevistas com participantes cariocas do programa MOBREAL, ou seja, falantes em processo de alfabetização no país. As propostas de caracterização da saliência fônica desenvolvidas foram três, de forma que, segundo os autores: “*três modalidades de subdivisão da escala de saliência fônica, a segunda mais fina do que a primeira e a terceira agrupando certas subclasses da segunda*” (Lemle; Naro 1977:20 *apud* Vieira 2015:108). A primeira proposta foi denominada *old* e levava em consideração a presença ou ausência do acento na sílaba de desinência e a diferença fônica entre as formas. Assim, os dois primeiros níveis (R e V) eram considerados “sem acento”, enquanto os demais (L, E, F e W) eram considerados “com acento” e, portanto, mais prováveis de serem marcados no plural.

No entanto, a classificação *old* não se mostrou estatisticamente relevante para a realização da concordância verbal a partir dos dados disponíveis e foi detalhada em uma segunda categorização denominada *neo-code*. Essa, composta por 14 níveis, também não se mostrou compatível com os dados e, tendo alguns níveis amalgamados, resultou na terceira proposta denominada *neamal* (Quadro 1).

Quadro 1. Terceira categorização da saliência fônica, segundo Lemle; Naro (1977)

Nível	Descrição	Exemplo
1	Verbos regulares nos quais a diferença entre a vogal das desinências singular e plural consiste apenas na nasalização	vê/vêm come/comem constrói/ constroem
2	Forma singular em “a” átono e plural em “am” (na representação ortográfica)	fala/falam
3	Diferença entre singular e plural consiste em uma vogal átona, possivelmente nasalizada	quer/querem faz/fazem
4	Sobreposição de raiz e desinência, com acento	está/estão dá/dão vai/vão
5	Formas totalmente distintas para singular e plural	é/são
6	Pretéritos perfeitos regulares	comeu/comeram falou/falaram
7	Pretéritos perfeitos irregulares com mudança de acentos	trouxe/trouxeram disse/disseram fez/fizeram
8	Caso único	foi/foram
9	Caso único	veio/vieram
10	Caso único	era/eram

Adaptado de Vieira (2015:110)

Em *neamal*, são apresentados 10 níveis, sendo que foram realizadas algumas junções de outros níveis presentes na escala anterior. O eixo de saliência proposto sugere que o nível 1 corresponde ao menos saliente e a saliência vai aumentando hierarquicamente até o nível 10, o qual corresponde ao mais saliente. E dessa forma, os autores apontam que há uma maior possibilidade de não marcação de plural nos verbos que são considerados menos salientes na escala. (Chaves, 2014). Por fim, essa foi a única escala que se mostrou significativa e conseguiu atestar a relevância da saliência fônica nessa investigação inicial, de forma que o nível menos saliente apresentou um índice menor de ocorrências de marcação do plural e esse índice foi aumentando de acordo com os níveis propostos, terminando com o índice mais alto de marcação para o nível

considerado mais saliente. A tabela abaixo apresenta os resultados encontrados referentes à análise da categorização proposta:

Tabela 1. Resultados reportados por Lemle & Naro (1977)

Nível	Descrição	Exemplo	Apl/Total	%	P.R
1	Verbos regulares nos quais a diferença entre a vogal das desinências singular e plural consiste apenas na nasalização	vê/vêm come/comem constrói/ constroem	85/626	13,6%	0.06
2	Forma singular em “a” átono e plural em “am” (na representação ortográfica)	fala/falam	622/2099	29,6%	0.17
3	Diferença entre singular e plural consiste em uma vogal átona, possivelmente nasalizada	quer/querem faz/fazem	124/286	43,4%	0.27
4	Sobreposição de raiz e desinência, com acento	está/estão dá/dão vai/vão	503/768	65,5%	0.58
	Caso único	foi/foram	95/131	72,5%	0.69
5	Formas totalmente distintas para singular e plural	é/são	457/555	82,4%	0.81
6	Pretéritos perfeitos regulares	comeu/comeram falou/falaram	730/897	81,4%	0.80
10	Mudança de acento	trouxe/trouxeram	180/201	89,5%	0.83

Adaptado de Chaves (2014:528)

Apesar dessa tabela se mostrar mais significativa em relação às outras, podemos perceber, nos dados reportados por Chaves (2014) e apresentados na tabela acima, que não há um crescimento totalmente hierárquico entre os níveis 5 e 6 da escala proposta. Mas, no geral, a introdução da saliência e essa investigação inicial desenvolvida pelos autores se mostra relevante para os estudos reportados posteriormente.

2.2.2 Proposta de Naro (1981)

Retomando a investigação da variável independente apresentada pelo estudo anterior, Naro (1981) realiza uma nova investigação da saliência fônica, a qual também envolveu a análise de oito horas de gravação de entrevistas com cariocas inseridos no MOBREAL (os quais, no momento, tinham concluído em torno de seis meses de curso). A população do estudo, portanto, estava inicialmente em processo de alfabetização e era representante de classes econômicas mais baixas, com idades de até 25 anos ou com mais de 35 anos. Segundo o autor, o objetivo do trabalho foi apresentar um estudo quantitativo

sobre o fenômeno da perda de concordância de terceira pessoa no verbo no PB, em processo de mudança. Além disso, buscou sugerir uma hipótese sobre o fenômeno da mudança sintática.

O autor reitera a existência de fatores, de natureza linguística (referente ao sistema gramatical) ou social (referente à comunidade na qual o falante está inserido), que operam na alternância das formas de concordância em variação: “fazendo a aplicação da regra de concordância [redundante] ser mais ou menos provável, resultando no aspecto variável da marcação de plural no verbo correspondente.” (Naro 1981: 67). A variável linguística examinada pelo autor diz respeito à saliência fônica e esse propõe uma nova escala de classificação para os verbos. Após algumas modificações, o autor apresenta a seguinte proposta:

Quadro 2. Segunda escala de saliência fônica segundo Naro (1981)

Classe	Descrição	Exemplo
Nível 1 (não acentuado)		
A	Presente das 2ª e 3ª conjugações: só nasalização, sem alteração na tonicidade	come/comem
B	Presente da 1ª conjugação. Oposição mais saliente: vogal baixa/vogal alta. Poucos falantes apresentam a variação [‘a/’ã], outros [‘ã/-ũ/-‘u]	fala/falam
C	Presente da 2ª e 3ª conjugações, de verbos terminados em -r e -z, com todo o segmento não acentuado faltando no singular	faz/fazem, quer/querem
Nível 2 (acentuado)		
A	Nasalização da vogal acentuada não muda, mas há acréscimo de offglide. Presente de vários monossílabos comuns e futuro do presente de todos os verbos	dá/dão, vai/vão
B	Não há mudança na vogal acentuada, mas há acréscimo de uma sílaba de dois segmentos, que contrasta com offglide no singular. Formas de pretérito perfeito, embora com diversas variedades distintas.	comeu/comeram, partiu/partiram, foi/foram
C	Mudança na vogal acentuada e acréscimo de uma sílaba de dois segmentos	falou/falaram

Como demonstrado no quadro, cada nível engloba três classes, sendo que essas vão aumentando hierarquicamente em relação à saliência existente na oposição entre singular e plural dos verbos. Além disso, a referida análise considera o que seria a forma padrão e a forma popular de realização fonética dos segmentos fonológicos. Por exemplo, o item “falaram” pode ter o último segmento produzido como [-árãw̃] (forma padrão: falaram) ou como [-árũ, -aru] (forma popular: falaru).

Os resultados encontrados pela análise estatística realizada corroboram com a hipótese de que há uma correlação entre o aumento da saliência fônica e o aumento da marcação explícita de plural, como podemos ver na tabela 2, a qual apresenta a frequência de realização da concordância redundante, a probabilidade dessa realização e o desvio da média geral para cada classe proposta pelo autor.

Tabela 2: Probabilidade de marcação da concordância em relação aos níveis de saliência fônica amalgamados (Naro 1981)

Classe	Exemplo	Frequência	Prob.	Adj. Dev.
1A	come/comem	110/755 = 14.6%	0.11	-33.7%
1B	fala/falam	763/2540 = 30.0%	0.26	-18.2%
1C	faz/fazem	99/273 = 36.3%	0.35	-11.3%
2A	dá/dão	604/927 = 65.2 %	0.68	+17.9%
2B	comeu/comeram	266/365 = 72.9%	0.78	+25.5%
2C	falou/falaram	1160/1450 = 80.0%	0.85	+33.6%
				(Beta= 0.74.)

Retirado de Naro (1981:77)

Como pode ser observado, há uma escala de aumento de realização da marcação explícita do plural de acordo com a disposição das classes. Além disso, o nível acentuado (nível 2) corresponde às maiores taxas de realização em relação ao nível não acentuado (nível 1). Os dados reportados, portanto, corroboram com a hipótese da influência da saliência fônica proposta no trabalho.

A hierarquia e, conseqüentemente, a definição de saliência fônica proposta pelo autor, engloba duas dimensões: *a diferença de material fonológico* entre as formas do singular e do plural, e *a acentuação* dos segmentos fonéticos referentes à oposição. Assim, as classes são separadas em dois níveis: um nível acentuado e um nível não acentuado. Nessa proposta, portanto, o nível não acentuado corresponde às oposições menos salientes da escala, enquanto o nível acentuado corresponde às oposições mais salientes, como no esquema abaixo:

Dimensão 1: Acentuação²

1.1 Não acentuado: corresponde às classes 1A, 1B e 1C da tabela 2

1.2 Acentuado: corresponde às classes 2A, 2B e 2C da tabela 2

Dimensão 2: Diferença de material

2.1 Menor diferenciação: corresponde às classes 1A e 2A da tabela 2

2.2 Diferenciação intermediária: corresponde às classes 1B e 2B da tabela 2

2.3 Maior diferenciação: corresponde às classes 1C e 2C da tabela 2

A hierarquização dos verbos em relação ao nível de saliência fônica e a abordagem dessa variável proposta por Naro (1981) estão entre as mais discutidas e investigadas na literatura, tanto por trabalhos que as reforçam (Scherre; Naro 1998; Scherre; Naro 2010; Monguilhott 2009), quanto por trabalhos que divergem dessas visões com o intuito de apresentar novas propostas, (Guy, 1981; Nicolau, 1995) ou que sugerem a necessidade de uma investigação mais densa sobre o conceito de saliência fônica (Chaves, 2014). Além disso, essa proposta engloba dois níveis relevantes para o entendimento da saliência, os quais correspondem à acentuação e à diferença de material e, portanto, geram uma discussão interessante sobre o estatuto e definição dessa variável. Por esses motivos, essa dissertação investigará diretamente a proposta de Naro (1981) nos capítulos seguintes, tendo em vista sua relevância nos trabalhos que se seguiram e as críticas a ela apresentadas, os quais permitem uma discussão acerca do estatuto dessa variável na literatura. Ademais, essa investigação permite a realização de uma análise mais completa sobre quais níveis a saliência engloba e sobre quais são relevantes na alternância entre os padrões de concordância.

Dentre os trabalhos que investigaram o papel da saliência fônica na concordância verbal variável no PB tomando como base a classificação proposta por Naro (1981), encontra-se a pesquisa desenvolvida por Scherre & Naro (1998), com o objetivo principal de avaliar em que medida a variação da concordância no PB é sistemática e está correlacionada a variáveis linguísticas e sociais. Para isso, os autores analisaram um banco de dados pertencente ao Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL), da Universidade Federal do Rio de Janeiro, com base nos pressupostos teóricos já apresentados da Teoria da Variação, utilizando uma amostra de 64 entrevistas com

² Esquema adaptado de Naro (1981:78).

falantes estratificados quanto aos anos de escolarização (de 1 a 4; 5 a 8 e 9 a 11 anos), ao sexo (feminino e masculino) e à faixa etária (7 a 14; 15 a 26; 26 a 49 e acima de 49 anos). Esses dados foram analisados quantitativamente através de programas computacionais, de forma a investigar, em relação às variáveis linguísticas: a saliência fônica e a posição do sujeito em relação ao verbo; e, no que tange às variáveis sociais: a faixa etária, o sexo e os anos de escolarização.

Partindo da concepção de Naro (1981) em relação aos dois critérios abrangidos pela saliência (diferença de material fônico e presença ou ausência de acentuação na desinência) e da classificação em 2 níveis (acentuado e não acentuado) e 6 classes, como exposto no início dessa seção, a variável *saliência* foi analisada e os resultados encontrados foram comparados aos de Naro:

Tabela 3: Marcas explícitas de plural nos verbos em função da variável saliência fônica de Scherre & Naro (1998) em comparação com os dados de Naro (1981)

Scherre & Naro (1998)			Naro (1981)	
Fatores	Frequência	Pesos	Frequência	Pesos
Nível 1				
1a	202/463 = 44%	0.16	110/755 = 15%	0.11
1b	1159/1766 = 66%	0.37	763/2540 = 30%	0.26
1c	188/267 = 70%	0.38	99/273 = 36%	0.35
Nível 2				
2a	585/718 = 81%	0.64	604/927 = 65%	0.68
2b	212/260 = 82%	0.66	266/365 = 73%	0.78
2c	1023/1158 = 88%	0.75	1160/1450 = 80%	0.85
Total	3369/4632=73%		3002/6310=48%	

Adaptado de Scherre & Naro (1998: 04)

A tabela acima reporta a semelhança entre os resultados das duas pesquisas, os quais demonstram a relevância da saliência fônica, tendo em vista que a classe mais saliente (2c) apresenta frequência maior de marcação, enquanto a menos saliente (1a) apresenta a frequência mais baixa. No entanto, os autores destacam uma maior nitidez na separação entre as classes da escala nos resultados de Naro (1981), e ainda destacam o fato de que esses se referem a dados de falantes analfabetos. Dessa forma, é realizada mais uma etapa de análise com a separação dos falantes em grupos relacionados aos anos de escolarização (1 a 4; 5 a 8 e 9 a 11 anos). Os novos resultados sugerem que há uma maior nitidez da escala nos grupos com menor escolarização, no entanto, há uma regularidade em todos os grupos quanto ao efeito da saliência no que diz respeito à oposição acentuada favorecendo a marcação explícita de plural, e a não acentuada

favorecendo a não marcação de plural de marcação. Portanto, observa-se que o efeito de saliência parece ser mais nítido nos grupos menos escolarizados, mas ainda assim, se mostra relevante nos demais grupos. Esses resultados se mostram interessantes no que diz respeito a uma possível interação entre uma variável linguística e uma social.

Os resultados referentes à *posição do sujeito* reforçam a tendência segundo a qual sujeitos antepostos ou mais próximos ao verbo favorecem a concordância redundante, e sujeitos pospostos ou distantes favorecem a não redundante. Esse efeito se mostra uniforme em todos os níveis de escolarização. Já no que concerne às variáveis sociais, as mais significativas foram os *anos de escolarização* e o *sexo*, sendo que as mulheres com mais anos de escolarização utilizam mais a variante redundante de concordância. Segundo os autores, esse fato é constatado devido à maior exposição à correção gramatical por parte dos falantes mais escolarizados e pelo fato das mulheres serem mais sensíveis às normas de prestígio na sociedade. Portanto, os autores reforçam a premissa de que a variação está internalizada na mente dos falantes e é estruturada em função de variáveis linguísticas e sociais, como as apresentadas como relevantes na análise realizada.

Monguilhott (2001), por sua vez, desenvolve um estudo sobre a concordância verbal de 3ª pessoa do plural na fala de florianopolitanos (SC) em gravações pertencentes ao Banco de Dados do Projeto Interinstitucional Variação Linguística Urbana na Região Sul (VARSUL). Partindo do pressuposto de que há variação no fenômeno estudado no PB, a autora busca analisar os grupos de fatores linguísticos e não linguísticos que seriam condicionadores da variação a partir da fundamentação teórico-metodológico da sociolinguística paramétrica (cf. Tarallo e Kato, 1989). Esse quadro teórico se caracteriza pela conciliação entre a Teoria da Variação e o modelo de Princípios e Parâmetros (cf. Chomsky 1981;1986).

Essa investigação englobou como variáveis linguísticas: a *saliência fônica*, a *posição do sujeito* em relação ao verbo, o *tipo de verbo*, o *paralelismo formal*, dentre outras. Algumas das variáveis sociais consideradas foram a *faixa etária*, o *sexo* e a *escolaridade* do falante.

No que diz respeito à saliência fônica, essa variável também foi investigada através da proposta de classificação de Naro (1981) e considerando os mesmos critérios definidos pelo autor. Essa variável foi a que se mostrou mais relevantes dentre os fatores linguísticos, sugerindo que verbos mais salientes apresentam taxas maiores de marcação no plural, comparados com os menos salientes, como pode-se observar na tabela 5.

Tabela 4: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores saliência fônica (Monguilhott, 2001)

Nível 1 (oposição não-acentuada)	Aplicação/ Total = %	P.R
A	25/101= 25%	.02
B	638/802= 80%	.46
C	68/103 = 66%	.13
Nível 2 (oposição acentuada)	Aplicação/ Total = %	P.R
A	125/130= 96%	.88
B	85/102 = 83%	.65
C	310/345= 90%	.75
TOTAL	1251/1583= 79%	

Retirado de Monguilhott (2001: 42)

Em relação à classificação da saliência em dois níveis, como proposto por Naro (1981), o nível acentuado da tabela (nível 2) apresentou uma tendência maior à marcação, mas não foi encontrada uma nitidez em relação à hierarquia entre as classes, como proposto por Naro. Isso porque, no nível 2, diferentemente do esperado, a classe A apresentou o maior índice de marcação, e a classe B apresentou o menor índice. A mesma questão também está presente no nível 1 da tabela, pois os índices de marcação não aumentaram hierarquicamente, já que o nível B apresentou a maior taxa.

Tendo em vista essa questão, a autora cruzou a variável *saliência fônica* com a variável social *escolaridade* (grupo de 4 e 11 anos de escolarização), para conferir se haveria uma influência dos anos de escolaridade em relação à nitidez na escala proposta. Diferentemente do encontrado por Scherre & Naro (1998), os resultados referentes a essa nova análise sugerem que parece não haver influência da escolaridade para uma maior nitidez na escala de saliência fônica, isso porque os dois grupos apresentaram resultados semelhantes, diferenciando apenas em relação ao grupo 2b e 2c para o grupo com 4 anos de escolarização. A justificativa adotada para explicar esse resultado diz respeito às ocupações no mercado de trabalho serem semelhantes entre os dois grupos, resultando em uma aproximação entre a linguagem desses falantes, apesar da diferença existente nos anos de escolarização.

Outro resultado interessante para a análise da saliência foi o correspondente ao tipo de verbo. Nessa variável, foram analisados os seguintes grupos: cópula, transitivo, intransitivo e inacusativo, considerando o tipo de argumento selecionado por esses verbos. Assim, os verbos inacusativos, por selecionarem sujeitos com traço [+ humano] ou [-humano] e terem mais chances de aparecerem na posição posposta ao verbo, seriam mais propensos a não serem marcados em estruturas com sujeito inanimado e em posição posposta ao verbo. Na mesma lógica, os intransitivos seriam mais prováveis de apresentarem marca de plural, por selecionarem apenas sujeitos com traço [+ humano] e antepostos ao verbo.

Tabela 5: Frequência e probabilidade de concordância verbal, segundo o grupo de fatores tipo de verbo (Monguilhott, 2001)

Tipo de verbo	Aplicação/Total = %	P.R
Cópula	319/408 = 78%	.63
Transitivo	631/769 = 82%	.49
Intransitivo	101/123 = 82%	.46
Inacusativo	200/283 = 71%	.37
TOTAL	1251/1583 = 79%	

Adaptado de Monguilhott (2001: 52)

Como esperado, os verbos inacusativos apresentaram a menor taxa de marcação em relação aos outros grupos, enquanto o verbo cópula apresentou o maior índice de marcação. Para a autora, essa questão está ligada à saliência fônica, pois o nível 2 C (é/são) da tabela concentra uma quantidade considerável de dados de cópula. Essa diferença entre as formas do singular e do plural seria bastante perceptível e, dessa forma, favoreceria um maior índice de marcação explícita do plural, explicando o resultado reportado na tabela acima.

Posteriormente, Monguilhott (2009) desenvolveu um novo trabalho com o objetivo de analisar o fenômeno da concordância variável sob um viés sincrônico, levando em consideração o português falado no Brasil e em Portugal, e diacrônico, através da análise de peças de teatro do século XIX até o século XX escritas por autores brasileiros e portugueses³. O corpus falado para a análise sincrônica compreende amostras de fala de

³ As peças analisadas pela autora fazem parte de um projeto vinculado ao Projeto Varsul na Universidade Federal de Santa Catarina, com o objeto de criar um banco de dados para estudos diacrônicos.

entrevistas conduzidas pela autora com falantes de quatro localidades de Florianópolis (PB) e de quatro localidades de Lisboa (PE), sendo duas de cada representantes de zonas urbanas e duas representantes de zonas não urbanas. Os participantes das entrevistas foram estratificados em relação à idade (de 15 a 76 anos) e à escolaridade (ensino fundamental ou superior).

A principal hipótese adotada pela autora considera que, no século XIX, havia uma regra de concordância categórica em estruturas com sujeito posposto ao verbo, e essa regra, no século XX, apresenta um caráter variável, embora seja esperado que essa variação seja mais intensa no PB.

Para essa investigação, foram delimitadas algumas variáveis linguísticas, como a *saliência fônica*; o *paralelismo formal*; o *tipo de verbo* e o *traço humano do sujeito*. Dentre as variáveis sociais, foram consideradas as variáveis: *sexo*, *idade/escolaridade* e *controle das redes sociais* em que os indivíduos estavam inseridos em seu bairro⁴. Além disso, a análise também compreendeu aspectos geográficos.

Assim como no trabalho anterior, Monguilhott (2009) analisou a *saliência fônica* tomando como base a proposta de Naro (1981), adotando os dois critérios de definição da variável: *acentuação* e *diferença de material fônico* entre as duas formas do item. Na análise do PB, essa variável foi a que se mostrou mais relevante na análise realizada, com o nível acentuado da tabela favorecendo a realização da concordância redundante, e essa sendo desfavorecida para os verbos do nível não-acentuado. Os resultados encontrados estão representados na tabela 6:

Tabela 6: Frequência e probabilidade de CV no PB, segundo a variável *saliência fônica* (Monguilhott, 2009)

Nível 1: Oposição não-acentuada	Apl/Total	%	PR
a-Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	19/89	21%	.04
b-envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	274/324	84%	.50
c-envolve acréscimo de segmentos na forma plural	48/51	94%	.74
Nível 2: Oposição acentuada	Apl/Total	%	PR

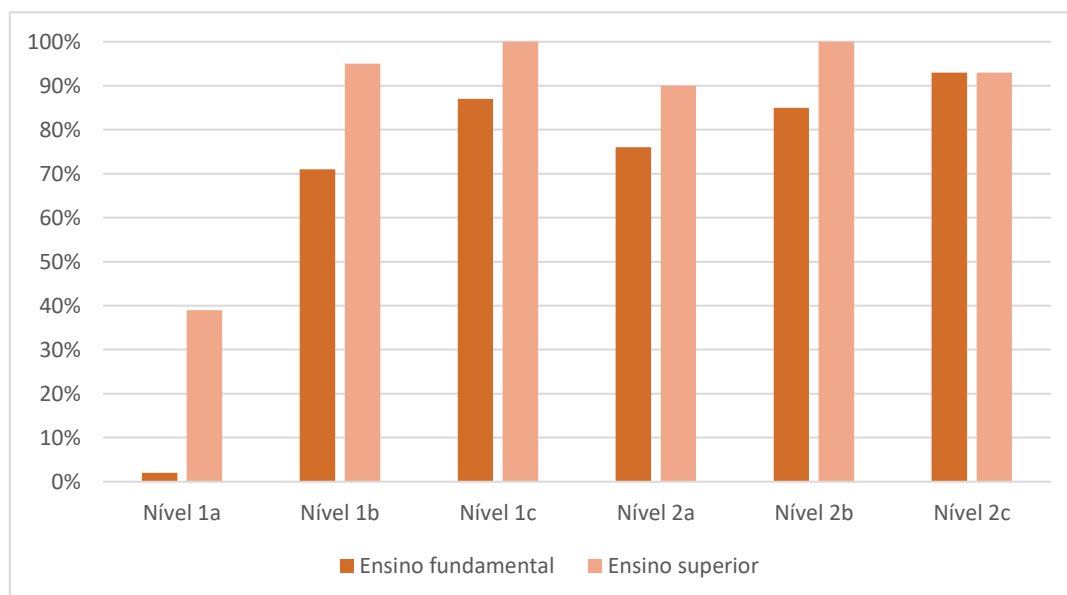
⁴ Essa variável foi analisada tomando como base dois pontos: localismo (se os indivíduos eram bem integrados e participativos em seu bairro ou não) e mobilidade (se exerciam tarefas somente dentro do bairro ou não).

a- envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	73/87	83%	.48
b-envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	64/68	94%	.74
c-envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	162/175	92%	.69
Total	640/794	80%	

Adaptado de Monguilhott (2009:118)

Como apresentado na tabela, o índice de marcação de plural aumentou hierarquicamente entre as classes do nível 1. No entanto, essa hierarquia não foi obedecida pelas classes do nível 2. Além disso, a classe c do nível 1 apresentou peso relativo de .74, se igualando à classe b do nível 2. Em uma análise considerando amostras de fala da zona urbana e não urbana, constatou-se uma inversão entre o esperado para os níveis 2b e 2c para a zona não urbana, enquanto os dados da zona urbana apresentaram o mesmo percentual entre esses níveis. Posteriormente, foram cruzadas a variável saliência fônica e a escolaridade:

Gráfico 1: Frequência de CV no PB, segundo o cruzamento entre as variáveis saliência fônica e escolaridade (Monguilhott, 2009)



Adaptado de Monguilhott (2009: 121)

Como observado, os efeitos previstos pela escala se mostraram mais nítidos para o grupo de escolaridade mais baixa, reforçando o encontrado por Scherre & Naro (1998)

e Naro (1981), no caso dos falantes analfabetos, e reafirmando a hipótese de que o nível de escolaridade interfere na nitidez dos efeitos da escala de saliência.

No que diz respeito ao fenômeno no PE, a variável saliência fônica, assim como o paralelismo formal e o tipo de sujeito não foram selecionadas como relevantes para a amostra, pois, indo de encontro ao esperado, a oposição não-acentuada se mostrou favorecedora da marcação explícita de plural, como pode-se observar na tabela abaixo:

Tabela 7: Frequência de CV no PE, segundo a variável saliência fônica (Monguilhott, 2009)

Nível 1: Oposição não-acentuada	Apl/Total	%
a-não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	62/66	93%
b-envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	232/251	92%
c-envolve acréscimo de segmentos na forma plural	74/75	94%
Nível 2: Oposição acentuada	Apl/Total	%
a-envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	73/79	92%
b-envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	154/159	96%
c-envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural	150/177	84%
Total	742/807	91%

Adaptado de Monguilhott (2009: 151)

O fato da saliência não se mostrar relevante é explicado pela autora através do comportamento dos pares *é/são*, que, diferentemente do PB, no PE, não parece ser tão estigmatizado, sendo recorrente na fala dos portugueses até mais escolarizados. Assim, foi desenvolvida mais uma rodada de análise estatística desconsiderando os verbos copulativos, cujo resultado selecionou a saliência fônica como relevante em terceiro lugar. Portanto, nessa rodada, a oposição acentuada apresentou índices de marcação maiores quando comparada com a oposição não-acentuada.

Em relação à análise diacrônica, na qual houve comparação entre os dados do PB e do PE, foram encontrados casos de ausência de marcação explícita da concordância verbal no século XIX em relação aos dados do PB em estruturas com sujeito posposto e inanimado, diferentemente do PE que não apresentou nenhum caso de ausência de marcação. Logo, a autora conclui:

“Nossa análise da amostra diacrônica indica que o PE se mostra mais conservador com relação ao fenômeno da concordância verbal, já que apresentou menos dados com ausência de concordância, assim como a análise dos dados sincrônicos também havia indicado.” (Monguilhott, 2009: 189)

O próximo trabalho apresentado aqui foi desenvolvido por Cardoso (2005) e buscou investigar o comportamento linguístico de apenas uma mulher de 40 anos, chamada Iraci, empregada doméstica, natural do interior do Maranhão. Na época da pesquisa, ela era moradora da periferia do Distrito Federal e apresentava 3 anos de escolarização em um colégio rural.

Essa investigação se deu com foco na variação da concordância verbal e nos fatores linguísticos que a condicionam, buscando também abordar a dimensão estilística da variação. Para isso, foram gravadas entrevistas em contextos distintos de interação, considerando um contexto mais formal, um informal e um intermediário entre os dois. A formalidade era medida de acordo com a proximidade com o interlocutor e sua posição na escala social, com a familiaridade com o local de gravação e com o assunto da entrevista, o qual poderia exigir mais ou menos conhecimento formal.

No entanto, como essas questões não representam o foco desse estudo, serão apresentados somente os resultados referentes à influência da saliência fônica na variação da concordância apresentada por Iraci.

Para a análise dos fatores condicionantes da variação, foram consideradas significativas as seguintes variáveis linguísticas: *saliência fônica*; *traço semântico do núcleo do sujeito*; *paralelismo oracional e discursivo*; *adjacência/presença do sujeito e pessoa gramatical do sujeito*. A variável *saliência* foi, novamente, analisada através da proposta de Naro (1981). Mas, diferentemente das outras pesquisas aqui citadas, a escala de saliência adotada foi a primeira versão proposta por Naro, consistindo em 3 classes para o nível não-acentuado e em 5 classes para o nível acentuado. Os resultados encontrados foram os apresentados na tabela a seguir:

Tabela 8: Efeito da saliência fônica do verbo na marca explícita de plural (Cardoso, 2005)

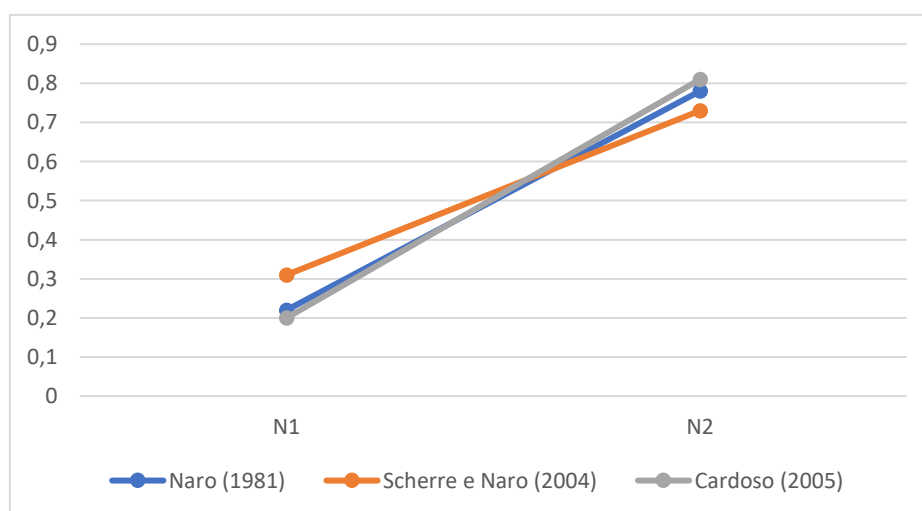
Fator	Exemplos	Frequência		Peso Relativo
		N	%	
Nível 1				
A	merece/merecem	5/32	15	.08
B	pagava/pagavam	65/193	32	.22
C	faz/fazem	15/39	38	.23
Nível 2				
A	vai/vão	37/51	72	.77
B	recebeu/receberam	14/22	63	.77
C	comprou/compraram	66/77	85	.86
D	é/são	54/79	68	.82
E	disse/disseram	10/14	71	.74
TOTAL		264/507	52	Input: .60

Retirado de Cardoso (2005: 58)

Assim como observado nos outros trabalhos, o nível 1 (não-acentuado) apresentou menores índices de marcação, assim como o nível 2 (acentuado) parece favorecer a marcação explícita de concordância. Além disso, no primeiro nível, há um crescimento mais regular dos índices em relação à hierarquia da saliência fônica. Essa regularidade, no entanto, não pode ser observada entre as classes do nível acentuado, embora os pesos sejam maiores do que os referentes ao primeiro nível.

Por fim, a autora junta as classes 2D e 2E com a 2C e destaca a semelhança dos resultados encontrados com os de outras pesquisas, como Naro (1981), Anjos (1999) e Monguilhott (2001), comparando-os nos gráficos abaixo:

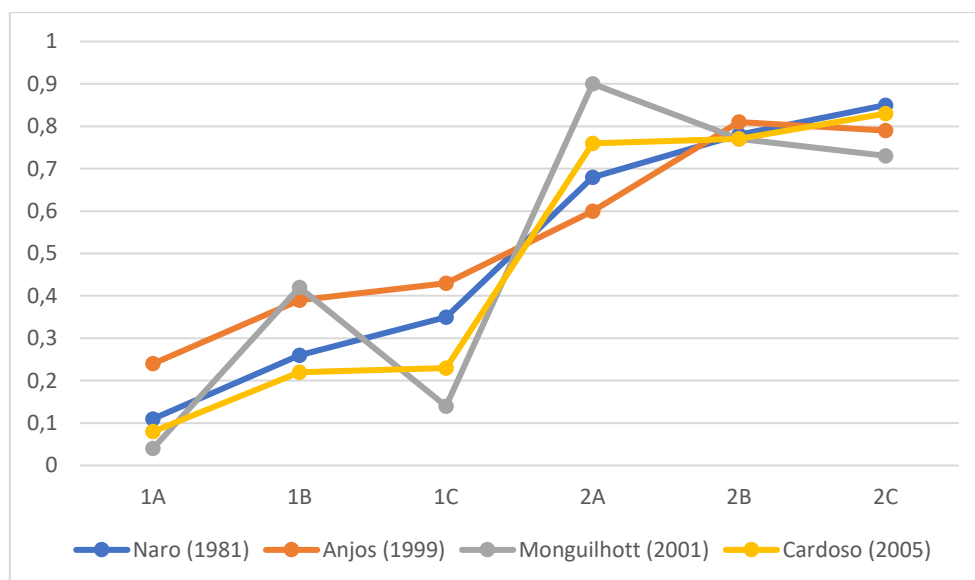
Gráfico 2: Efeito da saliência fônica no uso de plural no verbo com amalgamação das classes nos dois níveis (Cardoso, 2005)



Adaptado de Cardoso (2005: 60)

O primeiro gráfico mostra que há bastante regularidade quanto ao comportamento dos dois níveis estabelecidos em relação à acentuação nas pesquisas comparadas.

Gráfico 3: Efeito da saliência fônica no uso de plural no verbo com amalgamação das classes 2D, 2E com a 2C (Cardoso, 2005)



Retirado de Cardoso (2005: 61)

No entanto, o segundo gráfico mostra que os dados de Monguilhott (2001) não são tão semelhantes aos das outras pesquisas, como a própria autora evidenciou, devido à semelhança na posição dos falantes no que concerne ao mercado de trabalho. Assim, Cardoso (2005) destaca:

“Iraci está entre um grupo de falantes em que ainda se mantém a oposição de saliência dos verbos nas formas singular e plural. Os resultados desta pesquisa para a variável estilística, por exemplo, evidenciam mais influência dos chamados valores sociais de classe média (TV e rádio) e, acrescido aqui, de suas redes sociais. O ensino oficial possui pouca influência em sua fala, já que ela frequentou a escola rural de sua cidade por apenas três anos e há mais de vinte anos não estuda” (Cardoso, 2005: 62).

Através dos resultados apresentados por Cardoso (2005), podemos compreender melhor o funcionamento da saliência fônica no comportamento linguístico de um falante específico do PB em comparação aos demais estudos, os quais investigaram quantitativamente a variação na concordância e os fatores que a condicionam. Assim como nos trabalhos anteriores, a saliência foi identificada como uma variável significativa na análise, o que sugere que, pesquisas com objetivos específicos distintos e com foco em comunidades de fala diferentes ou, nesse caso, na fala de um único indivíduo, reportam a

saliência como uma variável que apresenta influência significativa na variação da concordância.

No entanto, a escala de classificação da saliência não apresentou efeitos regulares referentes ao aumento hierárquico de presença de concordância marcada explicitamente de acordo com o aumento do nível de saliência fônica, o que vai de encontro aos resultados reportados anteriormente, os quais reportam uma escala de saliência mais nítida para falantes com níveis mais baixos de escolaridade, uma vez que Iraci apresenta pouca escolaridade, mas os resultados não reportam uma nitidez na escala. Portanto, vale destacar esses estudos cujos resultados ilustram o caráter controverso da saliência na literatura.

Esse resultado vai na direção de outros trabalhos desenvolvidos, como o de Oushiro (2015), já introduzido nessa dissertação no que diz respeito à relevância da variável *posição* e *animacidade* do sujeito. Nas análises desenvolvidas referentes aos fenômenos da concordância nominal e verbal, a saliência fônica também foi uma das variáveis verificadas para ambos, embora com classificações diferentes para os nomes e para os verbos. Assim, no que diz respeito à concordância verbal, a autora se indaga sobre as regras variáveis de 1PP e 3PP e sobre essas serem apenas uma variável linguística ou duas variáveis distintas. Para determinar essa questão, o estudo compara essas regras através da análise das seguintes variáveis linguísticas: *saliência fônica*, *paralelismo discursivo*, *tipo de sujeito*, *posição do sujeito* e *animacidade do sujeito*, essa última apenas para os dados de 3PP) e sociais (*sexo/gênero*, *faixa etária*, *nível de escolaridade* e *região de residência*).

A variável *saliência* foi analisada, para 1PP, através da proposta de Naro et al. (1999), e para 3PP, através da proposta de Naro (1981) e Scherre & Naro (1998). Dessa forma, para 1PP, a classificação adotada foi a seguinte:

Quadro 3: Saliência Fônica para 1PP (Naro et al. 1999)

Grau 1 – Oposição não acentuada		
1c	Adição de segmento	[-Ø/mus]
Grau 2 – Oposição acentuada		
2a	Uma das formas acentuada	[a/'amus]
2a'	Nasalização da vogal tônica	[a/'amus], [ẽ/e/mus]
2b	Forma singular com ditongo crescente, adição do segmento [-mus]	['ew/emus], [iw/'imus], ['oj/'omus]
2c	Mudança da vogal tônica	['ow/'amus]

Adaptado de Oushiro (2015: 173)

Nos resultados encontrados, a saliência se mostrou ser a variável mais significativa para 1PP e 3PP, como pode ser observado na tabela a seguir. No entanto, os níveis 2a e 2a' para 1PP, assim como 2b e 2c para 1PP e 3PP, foram amalgamados devido à ausência de diferença significativa entre eles:

Tabela 9: Tendências de emprego de CV-Ø de acordo com variáveis linguísticas (Oushiro, 2015)

	1PP			3PP		
	N total = 1.074			N total = 9.480		
	CV-Ø = 101 (9,4%)			CV-Ø = 1.191 (12,6%)		
Saliência Fônica	P.R	%	N Total	P.R	%	N total
Grau 1 (oposição não acentuada)						
Nível 1a	NA	NA	NA	0.78	23,1	767
Nível 1b	NA	NA	NA	0.60	14,9	4049
Nível 1c	0.98	27,3	297	0.74	17,4	493
Grau 2 (oposição acentuada)						
Nível 2a + 2a'	0.71	6,0	250	0.45	8,6	904
Nível 2b + 2c	0.08	0,9	527	0.29	7,6	3.267

Adaptado de Oushiro (2015: 177)

Para 3PP, a escala de saliência não se mostrou regular nos dados acima, já que o nível 1B apresentou uma taxa de ausência de marcação menor em contraste com 1C. No entanto, novamente, os níveis correspondentes ao grau não acentuado apresentaram maior taxa de ausência de marcação quando comparados com os níveis do grau acentuado. Esse resultado, portanto, corresponde ao esperado em relação à variável saliência fônica, embora a tabela de classificação de Naro (1981) não esteja nítida. E, no geral, com

exceção do paralelismo, as mesmas variáveis linguísticas foram selecionadas, na mesma ordem, como relevantes para 1PP e 3PP e, no que diz respeito às sociais, as variáveis classe social e sexo/gênero se mostraram significativas na variação da concordância verbal.

Levando em consideração os trabalhos resenhados e suas respectivas considerações sobre a saliência fônica e a proposta de classificação de Naro (1981), pode-se observar pontos convergentes em relação aos resultados apresentados referentes aos dados analisados em cada pesquisa. O primeiro ponto consiste na identificação do fator *saliência fônica* como significativo na análise do fenômeno variável da concordância em todos os trabalhos aqui considerados. No entanto, como será apontado posteriormente, outros trabalhos como os de Nicolau (1995), não apresentaram esse mesmo resultado.

Portanto, pode-se notar uma aproximação dos resultados referentes à classificação da saliência fônica nos trabalhos até agora resenhados, os quais apresentam diferença de índices de marcação do plural entre os dois níveis (acentuado e não acentuado) propostos por Naro. No entanto, essa diferença não é tão nítida e regular entre as classes pertencentes a cada nível, sugerindo que alguns pontos ainda merecem receber mais atenção nessa proposta.

Em alguns casos, a variável social *nível de escolaridade* apresentou relevância, influenciando na nitidez da escala de saliência, com essa estando mais nítida para os grupos de falantes com menos tempo de escolarização (Scherre & Naro, 1998 e Monguilhott, 2009). Para Monguilhott (2001), entretanto, a escolaridade não mostrou influência na regularidade da escala de saliência fônica.

Nas próximas seções, serão apresentados outros trabalhos que buscaram investigar e apresentar classificações de saliência fônica para os verbos distintas da proposta por Naro (1981).

2.2.3 Proposta de Guy (1981)

Guy (1981) desenvolveu seu trabalho baseando-se nos fenômenos variáveis da concordância nominal e verbal no PB, devido à interação entre variáveis fonológicas e sintáticas que esses fenômenos promovem. O caráter sintático envolve a marcação de plural, ou seja, a concordância em si. No entanto, no âmbito nominal, essa marcação é realizada, na maioria dos casos, através da inserção do sufixo -s, e, segundo o autor, existe um processo fonológico variável responsável pelo apagamento desse segmento em posição final de algumas palavras (Ex: menos – [‘menu]). De forma semelhante, existe

um processo fonológico variável responsável pela desnasalização da vogal final de determinadas palavras (Ex: ontem – [ˈõtʃi]). Esse acaba coincidindo com a marcação de plural nos verbos, cuja forma mais comum consiste na nasalização da vogal final. Dessa forma, o autor propõe a possibilidade de a ausência de marcação nesses itens estar relacionada com a variação sintática ou com a variação fonológica explicada acima.

A proposta desse estudo está centrada na definição das referidas regras variáveis, as fonológicas, responsáveis pelo apagamento do -s e pela desnasalização das vogais finais, e as regras sintáticas, responsáveis pela omissão da marca de plural nos nomes e nos verbos, para que essas regras possam ser isoladas e examinadas quanto à sua interação. Para tanto, o autor analisa separadamente as regras fonológicas e sintáticas através de dados de fala de falantes cariocas, delimitando os fatores relevantes que interferem de alguma maneira nesses fenômenos.

No que interessa à concordância verbal, o autor define, primeiramente, a regra fonológica de desnasalização a qual resultaria em formas singulares superficiais, sugerindo que processos como o da perda de nasalização em consoantes e vogais no português, já aconteciam desde o latim vulgar. Assim, “*a atual regra que iremos investigar é essencialmente um reflexo sincrônico de um quadro diacrônico (...)*” (Guy, 1981: 202). Partindo desse ponto, o autor caracteriza o fenômeno de desnasalização como não sendo aplicável, de forma categórica, em sílabas finais acentuadas ou ditongos. As variáveis fonológicas supostamente relevantes para a aplicação da regra de desnasalização investigadas foram: o *contexto antecedente*, a *qualidade da vogal*, o *segmento seguinte* e a *categoria morfológica da palavra*. Em um primeiro momento, os dados correspondentes aos verbos considerados regulares foram retirados da análise para que não houvesse interferência da regra de concordância verbal. Os resultados encontrados sugerem que um contexto antecedente nasal desfavorece a regra de desnasalização, assim como a presença de consoantes palatais e velares ou de ditongos. Em relação ao segmento posterior, quando esse é nasal, as vogais tendem a assimilar o caráter nasal e resistir à desnasalização. Quanto à categoria morfológica do item, o autor conclui que a regra de desnasalização é uma regra fonológica que não sofre interferência de variáveis morfológicas.

Após investigar a regra de desnasalização, Guy foca sua análise na regra variável de concordância no verbo de 3ª pessoa (3PP) e em variáveis independentes já apontadas como relevantes por outros estudos (Lemle; Naro, 1977, Naro, 1981). Novamente, no

primeiro momento da análise, foram desconsiderados os verbos com plural regular, pois esses poderiam ser reflexo apenas da regra de desnasalização. As variáveis investigadas foram: *posição do sujeito em relação ao verbo, tipo de sujeito e categoria morfológica*. No que diz respeito à posição do sujeito, os resultados sugerem que estruturas com sujeitos antecedentes ao verbo e mais pertos a ele apresentam maior probabilidade de marcação de plural no verbo, enquanto sujeitos pospostos ou mais longe apresentam menor probabilidade de marcação.

Na variável categoria morfológica, o foco da análise está na *saliência fônica*, uma das mais relevantes segundo os estudos retomados no texto. Os verbos regulares são admitidos como aqueles que apresentam uma maior taxa de ausência de marcação, e, como a marcação de plural neles é realizada somente pela nasalização da vogal final, a principal indagação feita é: “[...] a hierarquia de oposição de *saliência* teria maior relevância do que uma simples divisão dos verbos no plural que podem ou não ser convertidos em singular pela desnasalização?” (Guy, 1981: 255)⁵

A primeira análise separou os verbos em quatro categorias:

Quadro 4: Primeira escala de *saliência fônica* proposta por Guy (1981)

Nível	Descrição	Exemplos
1	Formas verbais em que a oposição singular plural se dá em desinências átonas, mas com inserção de elementos [Ø] / [ẽỹ] ~ [ĩ]	faz/fazem, quer/querem faz[ẽỹ] ~ faz [ĩ], quer[ẽỹ], quer
2	Verbos iguais aos regulares exceto pelo fato de serem acentuados	dá/dãp d[ãw]
3	Formas em que a diferenciação singular/plural se dá pelo acréscimo de -ram	fala – falaram, disse – disseram, falar[ãw] ~ falar[Û] disser[ãw] ~disser[Û]
4	Formas completamente diferentes	é - são

Adaptado de Chaves (2014: 532)

Os resultados encontrados corroboram com o efeito da *saliência fônica*, sendo que a probabilidade de marcação encontrada foi aumentando de acordo com o aumento do nível de *saliência* proposto na escala. No entanto, o autor opta por separar a classe dos verbos no pretérito em: verbos da segunda e terceira conjugação regulares (Ex: *sumiu/sumiram*), verbos da primeira conjugação regulares (Ex: *falou/falaram*), e verbos

⁵ Tradução de Chaves (2014:531) do original: “Does the oppositional salience hierarchy have anymore content than a simple division of verbs into those where plural can be converted to singular by desnasalization, and those where it cannot?” Guy (1981:255).

com pretéritos irregulares (Ex: fez/fizeram), tendo em vista resultados anteriores reportados por Naro (1981). Assim, encontra-se uma diferença significativa entre os dados com verbos da primeira conjugação em contraposição aos dados referentes à segunda e terceira conjugação, devido à mudança da vogal temática no primeiro grupo de verbos, o qual acaba se mostrando mais saliente em relação ao outro grupo. Com essa separação entre as conjugações, os dados de Guy correspondem à escala de saliência em análise apresentada a seguir.

Tabela 10: Resultados da hierarquia de saliência fônica em sete níveis (Guy 1981)

Nível	Categoria	% de marcação de pluralidade	P.R
1	faz - fazem	34	.11
2	dá - dão	64	.45
3	foi – foram	61	.47
4	sumiu – sumiram	75	.59
5	falou – falaram	82	.68
6	pretéritos irregulares com troca acentual	83	.64
7	é- são	77	.67

Adaptado de Chaves (2014: 534).

Nesse segundo momento de análise, Guy reinsere os dados correspondentes aos verbos tidos como regulares, ou seja, verbos cuja marcação de plural consiste somente na nasalização da vogal final, por já ter estabelecido o comportamento dos verbos que não poderiam sofrer influência da regra fonológica de desnasalização. Esses dados são separados em dois níveis diferentes: os terminados com a vogal “e” e os terminados com a vogal “a”. Além disso, como os valores encontrados para as categorias 3 e 4 estão muito próximos, Guy decide juntá-las em apenas uma categoria, como também foi feito por Naro (1981). Outra mudança realizada na classificação foi a junção das categorias 5, 6 e 7 por representarem o nível máximo de saliência e, juntas, não apresentarem diferenças significativas entre si. Tendo em vista essas escolhas, o autor propõe uma última classificação em torno do nível de saliência nos verbos, considerados aqueles tidos como regulares:

Tabela 11: Resultados da hierarquia de saliência fônica com inclusão dos verbos regulares (Guy 1981)

Nível	Categoria	% de marcação de pluralidade	Aplicação/Total	P.R
1	come/comem, fale/falam	14	894/7900	.15
2	fala/falam, ia/iam	26	3161/7900	.28
3	faz/fazem, quer/querem	30	481/7900	.29
4	dá/dão	63	1112/7900	.69
5	sumiu/sumiram	66	476/7900	.76
6	é/são, falou/falaram, fez/fizeram	76	1176/7900	.84

Adaptado de Chaves (2014: 535)

Como representado na tabela acima, os referidos dados corresponderam ao nível de saliência como esperado. No entanto, o autor destaca o comportamento diferenciado das categorias 1, 2 e 3, quando comparadas com as demais categorias da escala. Para Guy (1981), essa diferença é observada, pois, como já tinha sido proposto no texto, as três primeiras categorias seriam passíveis de serem convertidas ao singular através do processo de desnasalização, enquanto as outras categorias não, já que apresentam acentuação no segmento final.

Uma outra opção para essa análise foi retomar as variáveis fonológicas tidas como relevantes na regra de desnasalização e observar sua interferência nas referidas categorias da escala, sendo que o esperado pelo autor seria que elas não interferissem nas categorias de 4 a 6. Os resultados encontrados, comparando a análise com inclusão e exclusão dos fatores fonológicos foram:

Tabela 12: Resultados das análises com inclusão/exclusão de condicionadores fonológicos (Guy, 1981)

	Categoria morfológica	Probabilidade de marcação de plural	
		Inclusão dos condicionares fonológicos	Exclusão dos condicionadores fonológicos
Grupo 1	1	.25	.15
	2	.43	.28
	3	.44	.29
Grupo 2	4	.53	.69
	5	.62	.76
	6	.73	.84

Adaptado de Chaves (2014: 537)

Como observado pelo autor, com a inclusão dos condicionadores fonológicos, a diferença entre os dois grupos se torna menor. Por isso, ele propõe: “*parece que ‘saliência fônica’ é uma restrição sobre a CV um pouco menos importante do que já havíamos suposto previamente*” (Guy, 1981: 267) ⁶.

Por fim, Guy retoma a definição de saliência fônica proposta por Naro (1981), a qual engloba duas dimensões: a diferença de material fonológico, e a acentuação da sílaba final. No entanto, segundo proposto por Guy (1981), apenas a dimensão referente à diferenciação de material fonológico estaria relacionada à saliência fônica e seria, portanto, uma variável na regra de concordância verbal variável. Assim, a dimensão da acentuação seria um reflexo dos verbos que podem ser convertidos no singular (grupo 1) pela regra de desnasalização e aqueles que não poderiam (grupo 2), devido à restrição da acentuação na sílaba final.

Como apresentado, Guy (1981) sugere algumas modificações na concepção de saliência fônica proposta por Naro (1981), principalmente no que se refere à dimensão da acentuação. Essa proposta de a definição de saliência englobar apenas uma das dimensões sugeridas por Naro (1981), a qual corresponde à dimensão de diferenciação fônica, pode ser interpretada como relevante por dados reportados por outros trabalhos (Scherre; Naro 1998, Monguilhott 2001, Cardoso 2005 e Oushiro 2015), e, portanto, representa uma proposta válida e relevante na literatura. Isso porque a dimensão da acentuação seria apenas representativa dos itens verbais que poderiam ser transformados no singular através do processo de desnasalização. Dessa forma, essa proposta explicaria o motivo pelo qual, em todos os resultados apresentados na seção anterior, o nível acentuado da escala apresentaria índices maiores de marcação do plural, ao contrário do nível não acentuado.

2.2.4 Proposta de Nicolau (1995)

Posteriormente, Nicolau (1995) desenvolve um trabalho de análise da “ausência”⁷ de marcação da concordância entre o sujeito e o verbo na terceira pessoa, com foco no português coloquial falado em Belo Horizonte (MG). Para isso, foram considerados os

⁶ Tradução de Chaves (2014:537) do original: “*and it would appear that ‘oppositional salience’ is somewhat less important a constraint on SVA than we have previously supposed*” Guy (1981:267).

⁷ O termo “ausência de concordância” é utilizado pela autora, mas, como apontado na nota de rodapé 2, nesse trabalho, compreendemos que existe uma relação de concordância entre os itens, mas a marcação de plural não é explícita.

condicionamentos estruturais (*constituição morfológica do verbo e do sujeito, ambiente fonológico posterior ao verbo e posição do sujeito*) e sociais (*grupo social, sexo, idade e estilo de fala*), e suas respectivas influências na omissão da marcação explícita de concordância.

Tendo em vista as propostas já apresentadas por Lemle e Naro (1977) , Naro (1981) e Guy (1981) em relação à saliência fônica e suas visões divergentes, a autora desenvolve sua própria investigação sobre essa variável. Segundo ela, a visão de Guy parece a mais convincente, mas, mesmo assim, Nicolau apresenta algumas objeções pontuais, como a falta de explicação sobre a razão do item “falaram” não se transformar em “*falara” com a regra de desnasalização, assim como “falam” se transforma em “fala”, já que ambos apresentam o mesmo ditongo nasal átono final.

A análise apresentada considera a proposta de Oliveira (1983) a qual rejeita o princípio da saliência fônica tal como apresentado por Lemle e Naro (1977), e a regra sincrônica de desnasalização proposta por Guy (1981). Segundo Oliveira (1983), as vogais nasais átonas finais passaram por processos fonológicos de transformação no português arcaico, antes do século XV. Esses processos consistiram na desnasalização, ditongação e alçamento, e resultaram na evolução das vogais em questão como representada no quadro abaixo:

Quadro 5: Evolução das vogais nasais átonas finais do português proposta por Oliveira (1983)

1º Estágio	2º Estágio	3º Estágio	4º Estágio
[-ẽ]	[-ẽ] ~[-e]	[-ẽw̃] ~[-e]	[-ẽw̃] ~[-e]
[-ē]	[-ē] ~[e]	[-ēỹ] ~[-e]	[-ēỹ] ~[-i]
[-õ]	[-õ] ~[-o]	[-õ] ~[-o]	[-ũ] ~[-u]
Transformações	Desnasalização	Ditongação	Alçamento

Retirado de Nicolau (1995, p. 48)

Nicolau, então, introduz sua investigação sobre a saliência fônica através de uma classificação com 10 níveis, representada na tabela abaixo:

Tabela 13: Ausência de concordância verbal nos fatores inicialmente estabelecidos (Nicolau, 1995)

Fator	Exemplo	Total de casos	ACV			
			Nº casos	% SIMP	% REL	PROB
B	fala/falam	790	500	63	60	.88
C	come/comem	145	92	63	11	.89
D	faz/fazem	130	77	59	9	.85
G	dá/dão	173	34	20	4	.39
H	vai/vão	95	25	26	3	.49
J	comeu/comeram	75	18	24	2	.33
M	falou/falam	231	39	17	5	.19
X	fez/fizeram	64	6	9	1	.10
Y	foi/foram	35	11	31	1	.51
Z	é/são	175	34	19	4	.28
	TOTAL	1077	836	44	100	-

Adaptado de Nicolau (1995: 53)

Nessa primeira análise, a autora destaca o comportamento similar entre os verbos com terminação átona como: fala/falam, come/comem e faz/fazem, os quais, segundo ela, favorecem a ausência de marcação da concordância. Além disso, os níveis de saliência estabelecidos também não correspondem ao que foi proposto por Naro (1981), pois não foram encontradas taxas decrescentes de ausência de concordância de acordo com a posição na escala proposta.

Assim, Nicolau desenvolve uma análise baseada em uma nova classificação, na qual foram agrupados os níveis B, C e D como regulares e os demais como irregulares. Os dados encontrados sugerem grande diferença entre os dois grupos, com os regulares favorecendo a ausência de concordância. Apesar das várias tentativas de investigação da saliência fônica, a autora acaba rejeitando a relevância dessa variável, embora, como apontado por Chaves (2014), a autora tenha identificado, assim como Guy (1981), as categorias correspondentes aos verbos “fez/fizeram”, “falou/falaram” e “é/são” como as mais salientes e passíveis de marcação:

Dessa forma, ao rejeitar o princípio da saliência fônica, Nicolau (1995) propõe a relevância da variável *constituição morfológica verbal*, e adota a explicação de Oliveira (1983) sobre o fato de que o comportamento dos verbos regulares pode ser explicado pelos já referidos processos fonológicos e pela evolução das terminações verbais.

A partir dos trabalhos até aqui resenhados, que trataram especificamente da saliência fônica no nível dos verbos, podemos perceber que ainda não há um consenso

sobre o conceito de saliência fônica ou quais dimensões essa variável engloba, o que torna relevante analisar essa variável também sob outros pontos de vistas, como, por exemplo, no que diz respeito ao processamento da linguagem, cuja perspectiva pode atestar ou não a relevância dessa variável na produção da concordância verbal e na alternância entre os padrões atestados no PB, assim como auxiliar a compreensão de quais níveis podem ser englobados pela saliência no âmbito dos itens verbais. Para tanto, no próximo capítulo, serão resenhadas pesquisas com o objetivo de apresentar um panorama psicolinguístico sobre o processamento da concordância variável no PB.

3. CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL: ABORDAGEM PSICOLINGUÍSTICA

O fenômeno da concordância variável de número também tem sido investigado por pesquisas desenvolvidas na Psicolinguística, ainda que de forma escassa. Essa subárea da Linguística, investiga a linguagem sob a perspectiva do processamento, considerando os processos mentais relacionados às tarefas de aquisição, percepção, produção e compreensão da linguagem. Para tanto, utiliza-se, assim como a Psicologia Experimental, técnicas e conhecimentos em relação à utilização do método experimental, embora não seja o único método utilizado nas pesquisas desenvolvidas nessa área.

Além dessa aproximação com a Psicologia Experimental quanto à metodologia utilizada, a Psicolinguística também estabelece um diálogo intenso com outras interfaces de investigação da linguagem, como a Neurociência, a Aquisição da Linguagem, e estudos relacionados aos distúrbios de linguagem e à saúde no geral. Dessa forma, essa subárea acaba apresentando inúmeras possibilidades de temas a serem estudados e de tarefas experimentais a serem utilizadas. Em relação às técnicas experimentais, essas serão abordadas no capítulo 4, considerando-se os experimentos desenvolvidos nesse trabalho.

Esse caráter amplo em relação à possibilidade de questões a serem analisadas pela psicolinguística permitiu que o fenômeno da concordância, assim como a variação existente na concordância de número, tenha sido um desses temas desenvolvidos em algumas pesquisas de cunho psicolinguístico. Portanto, tais pesquisas, ainda que em pouca quantidade, já apresentam considerações relevantes para o presente estudo e serão resenhadas nesse capítulo. Como explicado por Azalim et al. (2018: 517), os trabalhos apresentados a seguir estão inseridos em uma “*abordagem que busca compreender de que modo a variação linguística é percebida, representada e processada pelos falantes*”.

No que concerne especificamente ao caráter variável da concordância no PB, alguns trabalhos abordaram esse tema sob um viés psicolinguístico no âmbito nominal (Azalim 2016; Azalim et al. 2018), enquanto outros apresentaram como foco o âmbito verbal desse fenômeno (Marcilese et al. 2015; Henrique 2016; Marcilese et al. 2017; Molina 2018).

Dentre os trabalhos aqui resenhados, o desenvolvido por Molina (2018) e Reis (2020) tem como foco a aquisição da concordância de número por crianças adquirindo o PB, considerando-se o caráter variável desse fenômeno apontado por estudos

sociolinguísticos. Embora abordem especificamente a aquisição do fenômeno em questão, essas pesquisas trazem considerações relevantes as quais podem ajudar na compreensão de um quadro geral referente ao processamento da concordância de número variável no PB.

Molina (2018) analisou inicialmente o caráter variável da concordância verbal a partir de um estudo longitudinal, buscando observar a manifestação da marcação de 3ª pessoa do plural no verbo na fala de quatro crianças em contextos de interação. Dessa forma, o *input* recebido pela criança também foi considerado na análise, com o objetivo de compará-lo à fala da criança e observar em que medida a fala da criança espelha o *input* recebido. Além disso, buscou-se identificar em quais contextos o verbo recebia marcação ou não, em relação ao *tipo de sujeito de 3ª pessoa* (foneticamente realizado, nulo, composto, lexical com concordância redundante ou não redundante, dentre outras características), à *posição e distância do sujeito*, à *animacidade do sujeito*, à *saliência fônica*, ao *tipo de verbo* e ao *tempo verbal*.

Em um primeiro momento, o estudo foi realizado com quatro crianças com idade entre 3 e 6 anos, residentes de áreas urbanas da cidade de Juiz de Fora – MG e estudantes de escola privada⁸, e, posteriormente, foram analisadas três gravações com a participação de crianças de 4 a 6 anos, estudantes de escola pública e residentes de áreas rurais da mesma cidade⁹.

A análise dos dados transcritos sugere que a variação na marcação de plural está presente na fala das crianças desde os primeiros anos e há grande alternância entre o padrão redundante e não redundante de concordância, assim como na fala dos adultos a qual as crianças recebem como *input*. Em relação aos fatores linguísticos investigados, vale destacar os resultados referentes à saliência fônica, a qual foi analisada considerando-se dois níveis: um nível com oposição acentuada e um com oposição não-acentuada. O quadro abaixo apresenta os critérios utilizados na pesquisa:

⁸ Essas gravações consistiam em interações entre as crianças e seus responsáveis em ambiente familiar, de forma que não houvesse intervenção ou observação da pesquisadora e foram realizadas entre agosto/setembro de 2015 até janeiro/fevereiro de 2016.

⁹ Essas gravações foram realizadas no ambiente escolar das crianças durante um projeto de “Contação de histórias” em um único dia. Participaram as turmas do 1º e 2º período da Educação Infantil e 1º ano do Ensino Fundamental I e não houve interferência ou observação da pesquisadora.

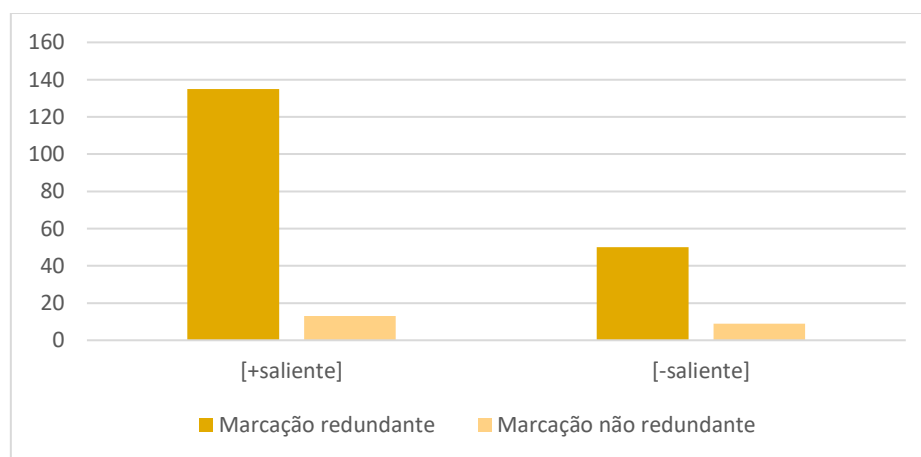
Quadro 6: Classificação da saliência fônica adotada por Molina (2018)

Nível	Descrição	Exemplo
Nível 1 (não acentuado)		
A	Não envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	conhece/conhecem corre/correm
B	Envolve mudança na qualidade da vogal na forma plural	ganha/ganham gosta/gostam
Nível 2 (acentuado)		
A	Envolve apenas mudança na qualidade da vogal na forma plural	tá/tão vai/vão
B	Envolve acréscimo de segmentos na forma plural	diz/dizem quer/querem
C	Envolve acréscimo de segmentos sem mudanças vocálicas na forma plural	bateu/bateram viu/viram
D	Envolve acréscimos de segmentos e mudanças diversas na forma plural: mudanças vocálicas na desinência, mudanças na raiz, e até mudanças completas	veio/vieram és/são disse/disseram

Adaptado de Molina (2018: 155)

No que concerne aos dados correspondentes à fala dos adultos, o padrão redundante de concordância foi mais frequente em comparação ao padrão não redundante, tanto para os itens [+salientes], quanto para os itens [- salientes]. Além disso, o padrão redundante foi produzido com mais frequência nos itens [+salientes], como podemos observar no gráfico abaixo:

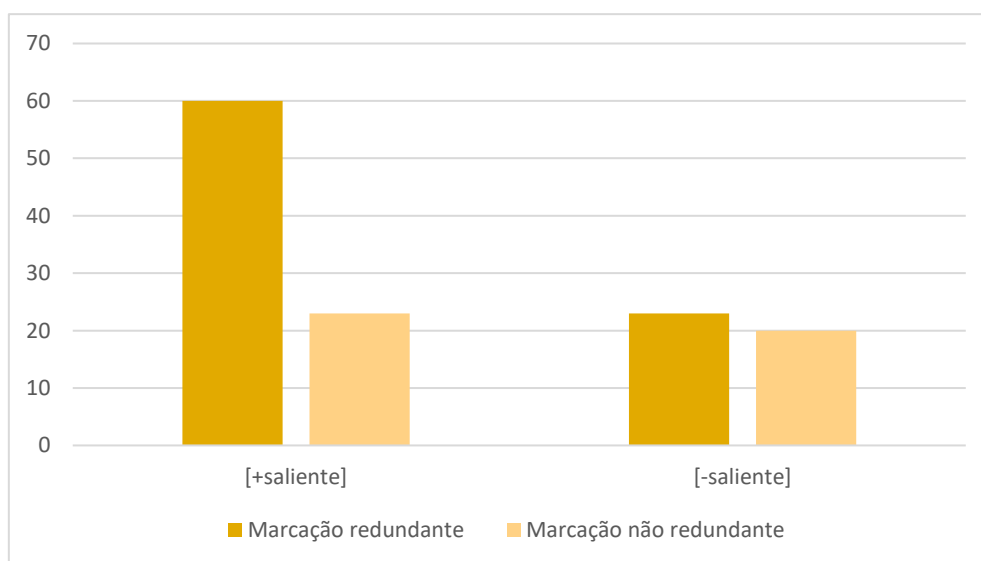
Gráfico 4: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *saliência fônica* (adultos – Molina, 2018)



Adaptado de Molina (2018:178)

Em relação à saliência na análise da fala das crianças da zona urbana, os dados apontam que, nos itens menos salientes, há uma maior alternância entre os dois padrões de concordância e, nos itens mais salientes, a marcação redundante é mais frequente, como no gráfico 5. Portanto, diferentemente da fala dos adultos, na fala das crianças, é possível observar melhor a influência da saliência fônica na alternância entre os padrões.

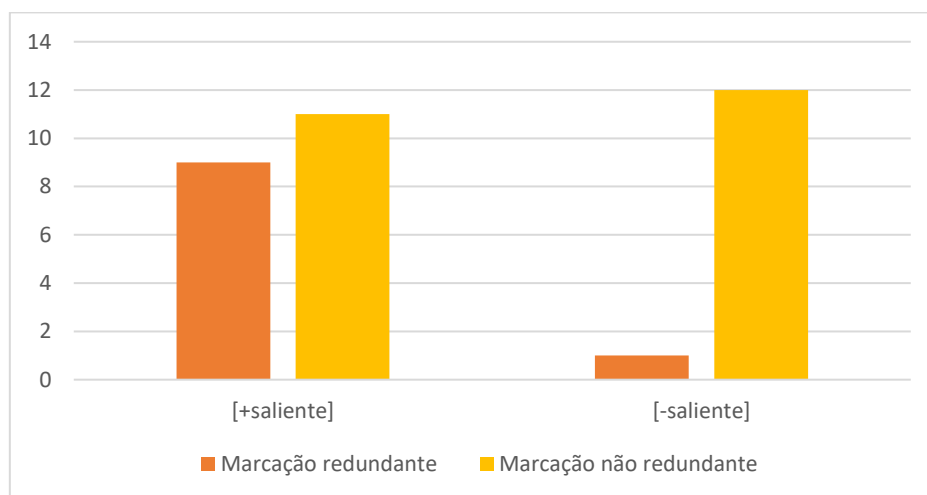
Gráfico 5: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *saliência fônica* (crianças, zona urbana – Molina, 2018)



Adaptado de Molina (2018:178)

Já no que concerne à fala das crianças de zona rural, a saliência novamente se mostrou diferente, pois, para os itens menos salientes, a concordância estabelecida foi sistematicamente não redundante e, em relação aos verbos mais salientes, houve variação entre os dois padrões, como representado no gráfico 6.

Gráfico 6: Comparação entre o número de ocorrências de marcação morfofonológica redundante e não redundante de plural ao se analisar o fator *saliência fônica* (crianças, zona rural – Molina, 2018)



Adaptado de Molina (2018:192)

As considerações tecidas por Molina (2018) trazem mais informações referentes à saliência fônica no âmbito do verbo, comparando, principalmente, como seu efeito está presente na fala de crianças e adultos. Para os adultos, a saliência parece ter um efeito menos claro, já que tanto para os itens [+ salientes] ou [-salientes], o padrão redundante é mais frequente. Esse quadro já se modifica em relação à produção linguística das crianças, na qual podemos perceber um efeito mais claro da saliência. Vale ressaltar a frequência maior de produção da concordância não redundante para as crianças da zona rural. Como será apresentado posteriormente, na fala dos adultos, outras pesquisas apontam uma dificuldade de perceber uma influência da saliência fônica no processamento da concordância.

Outra pesquisa com foco na aquisição da concordância verbal no PB foi a desenvolvida por Reis (2020), através de uma análise de *corpus* e da aplicação de dois experimentos, sendo um com foco na produção e outro com foco na compreensão do fenômeno estudado. Assim como no trabalho anterior, a análise de *corpus* foi realizada considerando-se a produção linguística de crianças adquirindo o PB e de adultos em contextos de interação, com o objetivo de investigar a produção dos padrões redundante e não redundante entre os elementos do sintagma nominal e o verbo.¹⁰ A análise aponta

¹⁰ Foram analisadas transcrições da fala de 3 crianças adquirindo o PB em contexto de interação com adultos inseridos no seu convívio social, com idade entre 1 e 5 anos. Essas transcrições fazem parte do *corpus Letramento e Desenvolvimento de Linguagem Escrita: construção social, ensino e aprendizagem de língua*

a presença de variação entre os padrões para a fala das crianças e dos adultos, concordando com os dados apontados por Molina (2018). Em relação ao experimento de produção, foi constatado que as crianças, em comparação com adultos, produzem com mais frequência o padrão não redundante de concordância, mas, ainda assim, o padrão redundante é mais frequente em relação ao não redundante na fala dos dois grupos.

É importante destacar os resultados encontrados em relação ao experimento de compreensão conduzido por Reis (2020). Esse experimento foi aplicado com 75 crianças, sendo alunos de escolas da rede pública e particular com idade entre 3 e 5 anos. A tarefa experimental foi inspirada no MABLIN II (Módulo de Avaliação de Habilidades Linguísticas) e apresentou como foco a investigação no âmbito da compreensão da concordância variável nos elementos do sintagma nominal e do verbo. Na tarefa, os participantes recebiam estímulos auditivos de sentenças produzidos pela pesquisadora e deveriam relacionar a sentença escutada com uma das 3 imagens apresentadas em uma tela de notebook, apontando a imagem congruente à sentença escutada. As variáveis independentes adotadas foram o *tipo de concordância* (SN Redundante e Verbo Redundante, SN Não Redundante e Verbo Redundante e SN Não Redundante e Verbo Não Redundante), a *idade* (3, 4 ou 5 anos) e *tipo de escola* frequentada (particular ou pública). Em (12), temos um exemplo de sentença experimental utilizada:

(12)

Condição: SN Não Redundante e Verbo Não Redundante

Sentença: As meninaØ caiu.

Em relação aos dados, o único fator apontado como significativo foi a idade das crianças, de forma que crianças mais velhas (5 anos) apresentaram um número maior de repostas-alvo em comparação com as mais novas (3 anos), as quais apresentaram o menor número de respostas-alvo. A autora explica esse fato considerando uma melhor compreensão da tarefa experimental por parte das crianças mais velhas e não acredita que esse efeito diz respeito a uma compreensão por parte das crianças mais novas de que o padrão não redundante corresponde a referentes singulares. No geral, a pesquisa desenvolvida por Reis (2020) reforça a existência de variação na concordância de número, no âmbito nominal e verbal, na produção linguística de crianças adquirindo o PB e no *input* recebido por elas, o qual corresponde à fala de falantes adultos da língua.

escrita, do Projeto Integrado de Pesquisa da Unicamp. As gravações foram realizadas no final dos anos 1980 e início dos anos 1990.

A autora conclui que as crianças produzem e compreendem a variação na concordância de número e que não foram encontradas diferenças entre as condições investigadas no experimento de compreensão, o que sugere que as crianças não possuem preferência quanto a um padrão.

Em relação a essa conclusão, é importante apresentar determinadas pesquisas que compararam o processamento do padrão redundante e não redundante por parte de falantes adultos no PB. Dentre elas, temos a pesquisa desenvolvida por Marcilese et al (2015) a qual teve como objetivo principal analisar o processamento da concordância variável, com foco na compreensão por parte de falantes adultos do PB com nível superior de escolaridade. Para tanto, foram consideradas duas formas de realização da concordância: o padrão redundante, no qual há marcação explícita de plural em todos os itens do DP e no verbo, e o padrão não redundante, no qual a marcação de plural está explícita em apenas alguns itens da sentença, normalmente, apenas no artigo. As autoras destacam a ampla investigação desse tema na literatura sociolinguística, mas no que diz respeito ao processamento, apontam que:

“Em particular, praticamente nada se sabe com relação ao modo como os falantes lidam com essa variabilidade no processamento da linguagem em tempo real, já que as pesquisas desenvolvidas até então se baseiam em dados de fala espontânea que não permitem qualquer controle sobre aquilo que é produzido e que não são informativos no que diz respeito à compreensão.” (Marcilese et al. 2015:120)

Com o intuito de colaborar para uma melhor compreensão do processamento do fenômeno em foco, a metodologia adotada foi a experimental, e, assim, foi desenvolvida uma tarefa de escuta automonitorada. Partindo da hipótese de que os falantes do PB, mesmo os mais escolarizados, aceitam os dois padrões de concordância como funcionais na língua, foram investigadas estruturas com retomada anafórica pronominal do sujeito como recurso metodológico. Na tarefa desenvolvida, o participante deveria escutar sentenças que estavam segmentadas. Após escutar um segmento, ele deveria pressionar a barra espaço do teclado para escutar o próximo segmento. Após o término da sentença, ele deveria responder a uma pergunta de compreensão de tipo SIM/ NÃO. As variáveis *animacidade do sujeito e saliência fônica do nome e do verbo* foram controladas, uma vez que só foram utilizados nomes animados e menos salientes (transformados em plural com apenas a inserção do morfema -s) e verbos menos salientes.

Dessa forma, as variáveis independentes consideradas foram a *concordância* (redundante vs. não redundante) e a *congruência na retomada pronominal* (congruente-

pronome no plural vs. não congruente – pronome no singular). Em relação às variáveis dependentes, foram considerados o *tempo de escuta dos segmentos críticos*, *tempo de reação* e *média de respostas-alvo* para as perguntas de compreensão. No quadro 7, estão apresentados exemplos das condições experimentais, assim como das sentenças experimentais utilizadas nesse experimento.

Quadro 7: Exemplos de condições e sentenças experimentais utilizadas por Marcilese et al. (2015)

Condição	Descrição	Exemplo
A	Concordância redundante e retomada pronominal congruente	Durante as férias [1], /as garotas [2] / emagreceram [3] / muito [4]. / Elas [5] / correram [6] /diariamente [7].
D	Concordância não redundante e retomada pronominal incongruente	Durante as férias, / as garotaØ/ emagreceuØ/ muito. / Ela Ø/ correuØ/ diariamente.

Após a escuta das sentenças acima, os participantes deveriam responder a uma pergunta de compreensão, como a exemplificada abaixo.

(13) Pergunta de compreensão

Todas as garotas emagreceram?

Os resultados reportados indicaram um efeito principal de concordância, pois as sentenças com concordância não redundante apresentaram médias de escuta maiores em relação às condições redundantes. Além disso, foi encontrado também um efeito de congruência da retomada pronominal, com médias do tempo de reação à pergunta de compreensão significativamente maiores para as condições incongruentes, e com número maior de respostas-alvo para as condições com retomada congruente.

As autoras também destacam que não foi encontrada nenhuma diferença significativa em relação à pergunta de compreensão entre as condições. Concluiu-se então, de acordo com a hipótese adotada, que os falantes escolarizados consideram os dois padrões de concordância como funcionais e válidos no PB. No entanto, como os tempos de escuta para o padrão não redundante foram significativamente maiores, esse padrão parece ser mais custoso em termos de processamento para os falantes.

Como apontado, o trabalho de Marcilese et al. (2015) contribui com considerações relevantes sobre como o falante do PB processa os dois padrões de concordância e sobre a diferença encontrada entre o processamento deles. No entanto, isso não quer dizer que o falante não compreenda o padrão não redundante, pois, como reportado por Reis (2020),

parece não haver diferença de compreensão e preferência entre os dois padrões por parte de crianças em processo de aquisição do PB.

Essa questão é de extremo interesse para essa dissertação, pois, como será visto no próximo capítulo, pressupõe-se aqui essa diferença de processamento entre o padrão redundante e não redundante, mas também a validação do não redundante como funcional para a identificação do número no nível do nome ou do verbo. Essas questões vão na direção do proposto por Squires (2014) em um estudo sobre a concordância verbal variável no inglês.

Squires (2014) investigou a possível influência de diferenças sociais no processamento da variação sociolinguística, especificamente, no que tange à concordância verbal no inglês. Dessa forma, a autora busca responder se tais diferenças sociais, as quais podem estar relacionadas à variação da concordância, também estão relacionadas ao processamento diferenciado do fenômeno e de que forma o conhecimento da variação é adquirido e armazenado.

Como método, foram aplicados 3 experimentos com participantes universitários separados por classe social, raça/etnia e sexo. Esses experimentos consistiam em tarefas de leitura automonitorada, nas quais eram apresentadas sentenças com três padrões de concordância verbal: a forma padrão (The turtles don't / The turtle doesn't), a forma não-padrão (The turtle don't) e a forma denominada pela autora de "incomum" (The turtles doesn't). A diferença entre os três experimentos consistia na quantidade de sentenças relativas a essas três condições. Como previsões, esperava-se que a condição não-padrão seria mais familiar para homens de classes de baixa renda e falantes do inglês afro-americano, e, portanto, para esses falantes, seriam encontrados tempos de leitura menores. Em relação à condição incomum, foi assumido que todos os participantes não conheceriam ou usariam essa forma de concordância. Nesse sentido, esse padrão serviria como base para a comparação das demais condições.

Os resultados obtidos indicaram que todos os participantes registraram tempos de leitura menores para a condição padrão e maiores para a condição incomum e, em relação à condição não padrão, essa apresentou tempos de leitura intermediários. No que diz respeito às análises considerando-se a classe, os participantes pertencentes a classes mais baixas obtiveram tempos maiores de leitura, mas, diferentemente do esperado, esses se mostraram mais sensíveis ao padrão incomum. Uma possível explicação apresentada pela autora considera o ambiente mais formal no qual os experimentos foram aplicados (laboratório universitário) e o fato de que o experimento foi feito utilizando a forma

escrita das estruturas, o que poderia causar maior estranhamento para os falantes. Os falantes do inglês afro-americano também apresentaram tempos de leitura maiores e o efeito de concordância não foi significativo para esse grupo, o que sugere que, como esperado, eles se mostram menos sensíveis à forma não-padrão de concordância. Em relação ao sexo, os homens apresentaram tempos menores de leitura, mas o padrão de concordância foi significativo para ambos os grupos.

Apesar da autora destacar o caráter inicial dessa pesquisa, os resultados apresentados se assemelham aos de Marcilese et al (2015) quanto à diferença de processamento entre as duas formas de realização da concordância consideradas como padrão e não-padrão, os quais corresponderiam, respectivamente, aos padrões redundante e não redundante, com a realização não-padrão (não redundante) apresentando um processamento mais lento. Como apontado anteriormente, adota-se, nessa pesquisa, a hipótese de que os dois padrões são processados diferentemente.

No que diz respeito ao PB, Henrique (2016) também procurou investigar experimentalmente o processamento da concordância variável, mas, nesse caso, com foco na concordância verbal e na influência do fator *distância linear entre o sujeito e verbo*. Para tanto, foram considerados os dois padrões de realização da concordância verbal e o efeito, já apontado pela literatura sociolinguística, do fator linguístico *distância linear entre o sujeito e verbo* na sentença, com distâncias maiores favorecendo a marcação não redundante do verbo.

Como apontado anteriormente, a metodologia adotada foi a experimental, e, dessa forma, foram desenvolvidos três experimentos com tarefas e objetivos específicos diferentes entre si. O segundo experimento apresentou como foco a análise do papel da distância linear entre o sujeito e o verbo e em que medida seu efeito influencia na realização variável da concordância. Esse experimento consistiu em uma tarefa de produção eliciada por repetição. Nessa tarefa, os participantes deveriam escutar as sentenças experimentais e após a escuta de um sinal sonoro (*bip*), deveriam repeti-las. As variáveis independentes consideradas foram a *distância linear*, o *número expresso no verbo* e a *escolaridade*, pois o experimento foi aplicado com falantes do PB cursando o ensino superior e com falantes com ensino fundamental cursando Educação de Jovens e Adultos (EJA). Para a análise dos resultados, foram considerados o *tempo de reação* entre a escuta do *bip* e o início da repetição, e o *número de repetições-alvo* (repetições nas quais foi mantida a informação de número do verbo tal como escutada).

As sentenças experimentais foram classificadas quanto à *distância linear entre o sujeito e o verbo* (longa, curta e zero) e as condições experimentais também consideraram o *padrão de concordância realizado* (verbo no plural ou verbo no singular). Todos os elementos dos sintagmas nominais, no entanto, apresentaram concordância redundante. No quadro abaixo, estão representados três exemplos de condições e sentenças experimentais:

Quadro 8: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Henrique (2016) – segundo experimento

Condição	Descrição	Exemplo
A	Distância longa + verbo no plural	Os alunos no início da aula hoje atentamente <i>escutaram</i> a professora.
D	Distância curta + verbo no singular	Os alunos atentamente <i>escutou</i> a professora.
E	Distância zero + verbo no plural	Os alunos <i>escutaram</i> a professora.

Os dados experimentais foram analisados separadamente para cada grupo de falantes em relação à escolaridade. Assim, apenas para o grupo 2 (EJA), foi encontrado um efeito de número para o tempo de reação, com a condição não redundante apresentando média de tempo significativamente maior do que a condição redundante. Para os dois grupos, foi relevado um efeito de número em relação à análise das repetições-alvo, com um número maior de repetições para a condição redundante (plural). Ainda no que diz respeito às repetições-alvo, foi constatado que, para os dois grupos, a média de repetições-alvo foi maior para a condição de distância longa entre o sujeito e o verbo.

Em resumo, a autora destaca a dificuldade de tecer considerações sobre a variável *distância linear*, embora tenha sido encontrada uma média maior de tempo de reação para a condição *distância longa*. A explicação apresentada diz respeito a questões metodológicas, como a diferença de número de participantes para os dois grupos. No que concerne à escolaridade, constatou-se, como esperado, que o grupo com nível menor de escolaridade produziu mais o padrão não redundante de concordância.

Com o intuito de resolver algumas das limitações do experimento de produção em relação à investigação dos efeitos da distância linear, foi desenvolvido um novo experimento, no qual foi utilizada a técnica de leitura automonitorada em uma tarefa de labirinto (*maze task*). Nessa tarefa, as sentenças foram segmentadas e os participantes começavam a leitura com um segmento específico. Depois, eles veriam dois segmentos

por vez na tela do computador e deveriam escolher, entre os dois, o segmento que, na sua opinião, completava melhor a sentença que estava sendo lida. As variáveis independentes foram novamente a *distância linear* e o *número* presente no verbo. As variáveis dependentes analisadas foram o *tempo de leitura/escolha* do segmento e o *número de escolhas do verbo alvo* em cada condição. As sentenças experimentais seguiram o seguinte padrão:

Quadro 9: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Henrique (2016) – terceiro experimento

Condição	Descrição	Exemplo
B	Distância longa+ verbo no singular	Os alunos no início da aula atentamente <i>escutou</i> a professora de geografia.
C	Distância curta + verbo no plural	Os alunos atentamente <i>escutaram</i> a professora de geografia.
F	Distância zero + verbo no singular	Os alunos <i>escutou</i> a professora de geografia.

Os resultados reportados se mostram compatíveis com a hipótese de que a distância linear entre o sujeito e o verbo influencia na alternância de padrões da concordância, pois para o padrão não redundante, os tempos de leitura/escolha dos segmentos foram significativamente menores para a condição distância longa quando comparados com os tempos maiores para as condições distância curta e zero. Além disso, os resultados também parecem sustentar a hipótese de que o processamento da concordância não redundante seria mais demorado, já que os tempos de reação foram significativamente maiores para essa condição.

No geral, a pesquisa de Henrique (2016) traz contribuições relevantes para a literatura sobre o processamento da concordância variável no PB, principalmente no que diz respeito à influência da variável *distância linear* entre sujeito e verbo na alternância entre os padrões de realização da concordância. Além disso, corrobora, para o que já foi apontado sobre o processamento mais demorado do padrão não redundante e sobre esse ser mais produzido por falantes com menores níveis de escolaridade. Ainda que com foco em outra variável linguística, esse trabalho conversa com a presente dissertação em relação às questões gerais sobre o processamento da concordância verbal variável no PB.

Outro trabalho que abordou especificamente a variável *distância linear* e sua influência no processamento da concordância verbal variável no PB foi o desenvolvido

por Marcilese et al. (2017), o qual considerou, também, uma possível influência da marcação morfofonológica de número no sujeito e no verbo no processamento. As autoras tomaram como base os estudos sociolinguísticos em relação ao caráter variável da concordância de número e estudos sobre os erros de atração. Em casos como em (14), a concordância na sentença não é estabelecida entre o sujeito e o verbo, mas entre o verbo e um núcleo nominal interveniente entre os dois elementos.

(14) A maçaneta (sg) das portas (pl) estavam (pl) enferrujadas.

No exemplo acima, o núcleo do sujeito se encontra no singular, mas o verbo concorda com “*das portas*” e, portanto, se encontra no plural. Nesses casos, tem-se uma concordância por atração.

As autoras, a partir de um experimento sobre o papel da distância linear no processamento da concordância variável, colocam três questões específicas a serem investigadas a partir de um experimento de leitura por meio de uma tarefa de labirinto (*maze task*) conduzido com falantes universitários do PB: se a distância linear pode gerar uma maior “aceitação” da variante não redundante da concordância por parte desses falantes e se essa variável, por favorecer a produção dos erros de atração poderia interferir no processo de verificação de traços do verbo, o que poderia fazer com o verbo seja mais vulnerável a um efeito de ilusão gramatical; e, tendo em vista os falantes universitários, se esses estranhariam mais uma condição agramatical de concordância com sujeito no singular e verbo no plural, em comparação com uma condição gramatical não-padrão (somente o sujeito apresentando a marca de plural).

As variáveis independentes adotadas nesse experimento foram a *distância linear* entre o sujeito e verbo (longa, curta ou zero), o *número do verbo* (singular ou plural) e o *número do sujeito* (singular ou plural). Os participantes foram divididos em dois grupos em relação ao número do sujeito, de forma que um grupo tivesse contato apenas com condições com o sujeito no singular e outro grupo com sujeito no plural. No quadro abaixo, estão apresentados alguns exemplos de condições e sentenças experimentais:

Quadro 10: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Marcilese et al. (2017)

Condição	Descrição	Exemplo
Grupo 1: sujeito plural		
A	Sujeito plural + verbo plural + distância longa	Os alunos no início da aula atentamente escutaram a professora.
B	Sujeito plural + verbo singular + distância curta	Os alunos atentamente escutou a professora.
C	Sujeito plural + verbo singular + distância zero	Os alunos escutou a professora.
Grupo 2: sujeito singular		
D	Sujeito singular + verbo plural + distância longa	O aluno no início da aula atentamente escutaram a professora.
E	Sujeito singular + verbo plural + distância curta	O aluno atentamente escutaram a professora.
F	Sujeito singular + verbo plural + distância zero	O aluno escutou a professora.

Adaptado de Marcilese et al. (2017:1310)

Foram analisados o *tempo de reação* referente à leitura/escolha do alvo no segmento crítico (segmento do verbo) e o *número de respostas-alvo* (escolha do verbo). No entanto, a segunda variável dependente não se mostrou significativa nas análises, devido ao número alto de respostas-alvo. No que tange ao tempo de reação, foi encontrado efeito principal de *número do sujeito* no segmento crítico, com médias maiores para as condições com sujeito plural, de forma que sujeitos plurais parecem ser mais salientes e, dessa forma, facilitam a manutenção da informação de número na memória, e também um efeito principal de *número do verbo*, com as condições de sujeito singular apresentando tempos maiores. Foi encontrado também um efeito principal de *distância*, com médias maiores para as condições com distância zero e menores para distância longa, possivelmente relacionado a um maior esvaecimento da informação de número em sentenças com distância longa entre o sujeito e o verbo.

Por fim, foi encontrado um efeito de interação entre *número do sujeito* e *número do verbo*, sendo que a condição que registrou médias maiores foi a correspondente ao padrão não redundante de concordância (sujeito no plural + verbo no singular). As autoras sugerem que esse resultado pode indicar que os participantes universitários não percebem esse padrão como gramatical, o que demandaria um tempo maior de processamento da

estrutura. No entanto, uma outra possibilidade de explicação diz respeito a existência de mecanismos de checagem de traços. Tendo em vista que o sujeito marcado no plural parece ser mais saliente e, portanto, menos sucessível ao esvaecimento da informação de número, no momento da checagem de traço no processamento, essa informação ainda estaria disponível na memória e haveria uma incongruência entre os traços do sujeito (plural) e do verbo (singular), o que demandaria um tempo maior de reação na tarefa.

De forma geral, os resultados reportados sugerem que há uma relevância das variáveis investigadas e, segundo as autoras, parece que *distância linear* e *marcação morfofonológica* operam juntas no processamento. Vale ressaltar a relevância dos resultados referentes à interação entre número do sujeito e do verbo para a presente pesquisa, pois a condição com médias maiores de tempo de reação corresponde ao padrão não redundante de concordância e, uma diferença entre o processamento dos dois padrões de concordância no PB é reiterada nos resultados reportados. Além disso, os resultados positivos em relação à uma influência da distância linear no processamento do fenômeno, os quais concordam com a literatura sociolinguística em relação à relevância dessa variável linguística. Como podemos observar através do capítulo atual e do anterior, determinadas questões inicialmente apontadas pela sociolinguística são compartilhadas e reiteradas pelas pesquisas desenvolvidas no âmbito da psicolinguística. Da mesma forma, algumas questões são questionadas, como o papel da saliência fônica a partir do estudo de Azalim (2016).

Apresentando os mesmos objetivos gerais de pesquisa em relação aos trabalhos apresentados anteriormente, Azalim (2016) desenvolveu o seu trabalho com base na concordância nominal variável e seu processamento por parte de falantes adultos do PB. No entanto, diferentemente dos anteriores, o processamento da concordância foi analisado considerando-se duas variáveis: uma de caráter social, a *escolaridade*, e a *saliência fônica* dos nomes, de caráter linguístico. Para tanto, Azalim utilizou a metodologia experimental para desenvolver sua pesquisa, aplicando dois experimentos de técnicas diferentes com falantes adultos do PB.

Em relação a esses experimentos, o segundo, além de comparar o processamento dos dois padrões de concordância, foi desenvolvido com o intuito de verificar a relevância da escolaridade e da saliência fônica nos nomes. Para tanto, os falantes foram agrupados em dois grupos: o primeiro com falantes universitários, sendo que uma pequena parcela já tinha completado o ensino superior, e o segundo com falantes cursando EJA. Para esse experimento, foi utilizada a técnica de produção eliciada por repetição, devido ao fato do

fenômeno em questão ser expressivo na modalidade oral da língua. Nessa técnica, a tarefa dos participantes consistia em escutar as sentenças propostas e repeti-las da maneira mais natural possível após a escuta de um sinal sonoro (*bip*).

No que concerne à saliência fônica, a hipótese adotada foi a de que os itens mais salientes e os menos salientes seriam percebidos e produzidos de maneira diferente. Para tanto, foi considerada a escala de saliência fônica para nomes proposta por Scherre (1988), assim, os nomes mais salientes utilizados nas sentenças experimentais eram os nomes terminados em -L ou -R (Ex: lençol e talher), e os menos salientes eram aqueles cuja forma plural era dada apenas através da inserção de -S (Ex: boné). Os demais níveis de saliência propostos pela autora foram desconsiderados da análise. Embora a proposta de Scherre (1988) aborde a saliência através de três dimensões (processos morfofonológicos de formação do plural, tonicidade da sílaba dos itens singulares e número de sílabas dos itens singulares), somente a dimensão de processos morfofonológicos foi analisada nesse trabalho.

Em resumo, as variáveis independentes foram: o *nível de saliência fônica*; a *concordância* e a *escolaridade* (fator grupal), e, para as variáveis dependentes, foram considerados o *tempo de reação* (tempo entre o fim do estímulo auditivo e o início da repetição) e o *número de repetições-alvo* (repetições nas quais foram mantidas o padrão de concordância escutado). No quadro abaixo, estão representadas as condições experimentais e exemplos de sentenças experimentais utilizadas.

Quadro 11: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Azalim (2016)

Condição	Descrição	Exemplo
A	Nome [+saliente] + concordância redundante (plural)	Antes de pendurar as roupas, limpe os varais.
B	Nome [+saliente] + concordância não- redundante (singular)	Antes de pendurar as roupas, limpe os varal.
C	Nome [-saliente] + concordância redundante (plural)	Ele adora tirar onda com os bonés.
D	Nome [-saliente] + concordância não- redundante (singular)	Ele adora tirar onda com os boné.

Em relação aos resultados encontrados, observou-se, para os dois grupos, tempos de reação maiores para as condições com concordância não redundante. Para o grupo 1, não foi detectado efeito de *saliência* e de interações entre as variáveis, no entanto, para o grupo 2 foi observado um efeito principal de *saliência*, pois a condição D (- saliente, não redundante) apresentou tempos de respostas significativamente maiores. Apesar disso, a condição D não correspondia àquela esperada como capaz de causar maior estranhamento, a qual, no caso, correspondia à condição B (+saliente, não redundante). Por isso, podemos perceber, já nessa primeira análise, algumas questões não esperadas em relação à saliência fônica e ao seu papel no fenômeno estudado.

No que diz respeito às repetições-alvo, foi encontrado um efeito de *concordância* em ambos os grupos, com médias maiores de repetições-alvo para a condição redundante, mas não foi encontrado efeito de *saliência*.

Tendo em vista os resultados relatados referentes às médias significativamente maiores de repetições-alvo para a condição redundante, a autora conclui que:

“Os dados de produção parecem indicar que o paralelismo formal – estabelecido entre D e o núcleo do sintagma, independentemente de ser um item nominal classificado neste estudo como [- saliente] como em *os bonés*, ou [+saliente] como *os quartos*, pode ter exercido influência maior no processamento da concordância de número no âmbito do DP do que o fator da saliência fônica.” Azalim (2016: 103)

Dessa forma, como a saliência não se mostrou relevante na variação da concordância e em seu processamento para o grupo de falantes escolarizados, a autora compara os resultados apresentados com os resultados de Nicolau (1995), os quais sugerem que a saliência, ao contrário do que é apontado por muitas pesquisas, não tem um papel relevante na concordância de número no PB. No entanto, tendo em vista os resultados referentes ao grupo com falantes menos escolarizados, a autora aponta que a tonicidade da sílaba na qual se marca o plural pode ser mais relevante do que a diferença de material morfofonológico entre as duas formas do item.

No geral, foi observado uma tendência por parte dos falantes de explicitarem a marca de plural na maioria das sentenças, independente do nível de saliência dos itens. Essa questão foi apontada em relação ao grupo 1, devido ao alto índice de modificação das sentenças na condição não redundante, transformando o padrão de concordância para o padrão redundante.

Comparando os dados apresentados por Azalim (2016), apesar deles se assemelharem à proposta de Nicolau (1995) em relação à ausência de relevância da

saliência fônica na concordância verbal variável no PB, eles também se mostram compatíveis com a maioria dos trabalhos resenhados no capítulo 3 no que diz respeito à saliência parecer mais significativa para os falantes menos escolarizados, embora os outros trabalhos abordem a saliência no nível verbal. Esse resultado se encontra na mesma linha dos resultados de Naro (1981), Scherre & Naro (1998) e Monguilhott (2009), os quais sugerem que a escolaridade parece influenciar na nitidez da escala de saliência fônica no caso dos verbos. Portanto, parece importante investigar de forma mais detalhada como essa variável linguística se comporta para os falantes com níveis mais altos de escolaridade, sendo essa uma das justificativas adotadas para a presente pesquisa ser realizada com foco nesses falantes.

Em relação aos resultados referentes à saliência fônica, esses refletem a necessidade de se investigar mais a fundo essa variável e de compará-los com dados relativos à saliência no âmbito da concordância verbal e com foco na marcação de plural presente no verbo, questão que se configura como um dos objetivos dessa dissertação, uma vez que há uma lacuna nos trabalhos recentes da psicolinguística em relação a essa temática. Por fim, as médias maiores de tempo de reação para o padrão não redundante são semelhantes ao reportado por Marcilese et al (2015) e Henrique (2016) e os demais trabalhos apresentados nessa seção.

Portanto, os resultados e as considerações tecidas por Azalim (2016) são de extrema relevância para o desenvolvimento dessa dissertação, já que abordam de forma direta a saliência fônica e seu papel na concordância variável, ainda que no âmbito nominal, e o processamento desse fenômeno considerando-se as duas possibilidades de realização da concordância de número no PB. Além disso, assim como proposto na presente pesquisa, essa investigação é desenvolvida sob o viés da psicolinguística através da metodologia experimental, com base na literatura ampla sobre esse fenômeno na sociolinguística.

O estudo de Azalim et al (2018), compara os resultados reportados por Azalim (2016) aos dados relativos a um novo experimento, semelhante ao anterior, mas dessa vez considerando pseudo-nomes no lugar de nomes reais do PB. Além disso, diferentemente do primeiro, o segundo experimento não buscou avaliar o papel da escolaridade nessa investigação, pois esse foi aplicado somente com falantes adultos e universitários do PB.

Assim, para no novo experimento conduzido, também foi utilizada a tarefa de produção eliciada por repetição, já detalhada acima, e as variáveis independentes consideradas foram a *saliência* (itens +/- salientes) e a *concordância* (redundante ou não

redundante). A classificação de saliência para os nomes também foi baseada na escala de Scherre (1988), sendo que foram utilizados os itens mais salientes terminados em -R e -L, e os menos salientes com inserção de -S para formação do plural. Já as variáveis dependentes consideradas foram o *tempo de reação* para a repetição e o *número de repetições-alvo*. Em relação às condições experimentais, essas se mantiveram como proposto no primeiro experimento, no entanto, as sentenças experimentais apresentaram pseudo-nomes em substituição aos nomes reais do PB, como podemos perceber no quadro 12.

Quadro 12: Exemplos de condições e sentenças experimentais adotadas por Azalim et al. (2018)

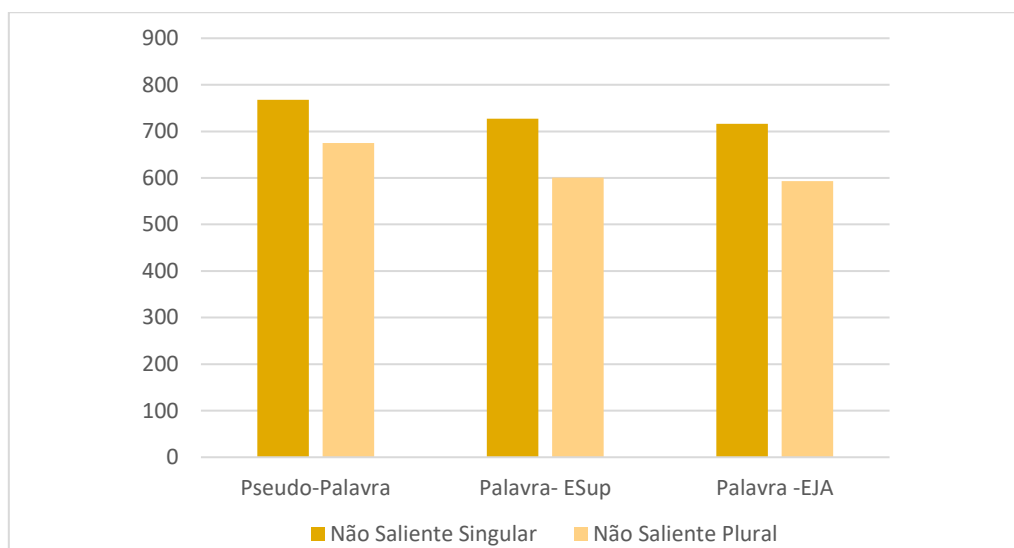
Condição	Descrição	Exemplo
A	Pseudo-nome [+saliente] + concordância redundante (plural)	Antes de pendurar as roupas, limpe os mecais.
B	Pseudo-nome [+saliente] + concordância não redundante (singular)	Antes de pendurar as roupas, limpe os mecal.
C	Pseudo-nome [-saliente] + concordância redundante (plural)	Ele adora tirar onda com os nabés.
D	Pseudo-nome [-saliente] + concordância não redundante (singular)	Ele adora tirar onda com os nabé.

A utilização de pseudo-nomes foi feita com o objetivo de tentar inibir efeitos de possíveis conhecimentos prévios dos itens reais do PB, e, dessa forma, aumentar o número de repetições-alvo pelos participantes. Ademais, os pseudo-nomes foram elaborados de forma a manter o padrão de formação morfofonológica dos nomes reais, apresentando o mesmo número de sílabas e mesmo padrão de acentuação. Antes da realização da tarefa, os participantes foram alertados sobre a utilização de palavras desconhecidas.

Nos resultados encontrados, foi detectado um efeito principal de *concordância* na análise dos tempos de reação, pois as condições não redundantes apresentaram médias de TR significativamente maiores em comparação com as condições redundantes. Não foi detectado efeito principal de *saliência* ou de interação entre as variáveis, mas, para as condições com itens – salientes, foi obtida uma diferença significativa entre o padrão redundante e o não redundante, sendo que o não redundante apresentou médias de TR maiores. No gráfico abaixo, estão comparados os resultados desse experimento com o

experimento reportado inicialmente por Azalim (2016), para o grupo universitário e o grupo de EJA, no que diz respeito ao tempo de reação para as condições com itens – salientes, sendo que, em todos, há uma diferença significativa entre o padrão redundante e o não redundante:

Gráfico 7: Comparação das médias de TR das condições nomes não saliente concordância redundante e não redundante para pseudo-nomes e nomes reais do PB (dados de Azalim et al. 2018)



Adaptado de Azalim et al. (2018:540)

Em comparação ao experimento com palavras reais do PB, foi constatado um aumento relevante do número de repetições-alvo para o experimento utilizando pseudo-nomes. Portanto, o uso de pseudo-nomes parece ter neutralizado os efeitos de conhecimento prévio dos falantes e favorecido um aumento do número de repetições-alvo, funcionando como o esperado.

No geral, os resultados se assemelham aos do primeiro experimento reportado, principalmente no que diz respeito à diferença de processamento quando comparados os dois padrões de concordância investigados, com o padrão não redundante apresentando médias de tempo de reação significativamente maiores. Além disso, os resultados se mostram compatíveis com o reportado para o primeiro experimento no que concerne ao papel da saliência fônica, variável que, novamente, não se mostrou relevante no processamento da concordância nominal variável, apesar de parecer ter alguma influência na percepção para falantes com níveis menores de escolaridade. Dessa forma, assim como o trabalho de Azalim (2016), essa pesquisa traz contribuições relevantes no que concerne

à saliência fônica e à necessidade de analisar melhor essa variável sob uma perspectiva psicolinguística. Para os autores:

“Os resultados obtidos em função da variável *saliência* parecem sugerir a necessidade de uma revisão da própria caracterização de saliência fônica quando a dimensão cognitiva e perceptual da variação é levada em consideração” (Azalim et al. 2018: 541)

Partindo das pesquisas resenhadas neste capítulo, a presente dissertação busca investigar o processamento da concordância verbal variável, comparando-o com as pesquisas acima sobre a concordância no âmbito nominal. Busca, além disso, compreender melhor o estatuto e a classificação dessa variável linguística, a qual é apontada pela literatura sociolinguística como uma das mais relevantes na variação da concordância de número do PB, e tem sido investigada sob a perspectiva psicolinguística principalmente no que diz respeito ao âmbito nominal. Esse fato reforça a importância de se estudar mais a fundo a saliência em relação aos verbos sob a perspectiva do processamento. Tendo em vista tais objetivos, foi elaborado um experimento, o qual será detalhado no capítulo seguinte, assim como os objetivos específicos, as hipóteses adotadas nessa pesquisa e os resultados referentes a esse experimento. Os trabalhos resenhados anteriormente teceram considerações de extrema relevância para a atual pesquisa, de forma que será estabelecida uma conversa direta com os resultados reportados pelos estudos prévios.

4. CONCORDÂNCIA VERBAL VARIÁVEL E SALIÊNCIA FÔNICA: UMA INVESTIGAÇÃO EXPERIMENTAL

Tendo em vista as considerações desenvolvidas pela literatura sociolinguística e pelos trabalhos desenvolvidos no âmbito da psicolinguística, a presente pesquisa busca investigar a concordância verbal variável no PB, considerando-se o papel da saliência fônica na alternância entre os padrões de concordância. Para tanto, essa pesquisa apresenta como foco o estudo do processamento do fenômeno em questão no âmbito da produção linguística, utilizando uma abordagem experimental.

Como apresentado no capítulo anterior, a psicolinguística se interessa pelos processos mentais envolvidos nas tarefas de percepção, produção e compreensão da linguagem. Muitas pesquisas desenvolvidas na psicolinguística utilizam a metodologia experimental com o intuito de investigar o processamento linguístico como um todo.

O método experimental permite a investigação de um fenômeno em uma situação manipulada e controlada com o objetivo de eliminar possíveis influências externas ao foco do experimento, tendo como base determinada hipótese. Para Kantowitz, Roediger & Elmes (2006:52), tem-se um experimento de fato: “*quando o ambiente é sistematicamente manipulado, de modo que o efeito causal dessa manipulação em um comportamento possa ser observado*”. Dessa forma, a situação experimental apresenta duas características essenciais: uma medida de resposta a ser obtida e uma questão a ser manipulada pelo experimentador.

Em relação à medida de resposta, essa é denominada *variável dependente*, uma vez que depende da reação do indivíduo à situação experimental e é coletada pelo experimentador. Já a questão manipulada pelo experimentador corresponde à *variável independente*, e dessa forma, o experimentador acredita que essa variável irá trazer resultados relevantes na investigação experimental em desenvolvimento. No entanto, para se ter um experimento, é necessário que a variável independente seja analisada a partir de pelo menos dois níveis. Dessa forma, na situação experimental, é possível comparar esses dois níveis e observar se essa variável se mostra relevante em relação à manipulação feita no experimento. Se forem encontradas variações na *variável independente*, será possível verificar variações na *variável dependente*. Vale ressaltar que, em um mesmo experimento, pode ser investigada mais de uma variável independente, assim como pode ser observada mais de uma variável dependente (Kantowitz, Roediger & Elmes, 2006).

Segundo Kantowitz, Roediger & Elmes (2006), no geral, o método experimental é utilizado em situações nas quais procura-se testar determinadas teorias, reproduzir ou ampliar resultados já reportados anteriormente, assim como discordar de descobertas anteriores e, raramente, com o objetivo de responder a respostas do tipo “E se?”. Além disso, a utilização desse método de pesquisa apresenta algumas vantagens. A principal vantagem diz respeito à possibilidade de controlar de maneira mais eficaz a influência de variáveis externas ao foco do experimento, uma vez que essas podem influenciar nos resultados obtidos e podem dificultar a observação do comportamento das variáveis independentes consideradas. Ainda que na prática não seja possível eliminar totalmente as variáveis externas, o controle presente na situação experimental possibilita que esse método se mostre bastante eficaz no controle dessas variáveis em comparação a outros métodos de pesquisa. Outra vantagem que pode ser destacada é a capacidade de criar as situações de interesse nos experimentos por meio da manipulação das variáveis independentes e do controle das variáveis externas. Portanto, o método experimental se mostra bastante econômico no que diz respeito ao controle da situação de investigação, à criação das condições de interesse e à análise dos dados, a qual pode ser mais rápida e eficaz em comparação com outros métodos.

Já no que concerne às técnicas experimentais, essas são comumente classificadas em relação ao tipo de medida que será coletada durante a aplicação da tarefa, sendo que essa medida pode ser considerada *offline* ou *online*. As medidas são denominadas *offline* quando são coletadas após o processamento e são utilizadas, por exemplo, em tarefas de julgamento de gramaticalidade. Já as medidas *online* são obtidas durante o processamento e apresentam como vantagens o fato de medir de forma mais automática e inconsciente a resposta dos participantes (Marinis, 2010). Dentre as várias técnicas nas quais é possível obter medidas *online*, podemos destacar a tarefa de leitura automonitorada (*self-paced reading*) e de rastreamento ocular (*eyetracking*).

Tendo em vista essa breve explicação sobre o método experimental, as próximas seções irão apresentar os objetivos os quais guiaram o trabalho em questão e as hipóteses adotadas, assim como detalhar o experimento desenvolvido nessa dissertação.

4.1. Objetivos gerais e específicos

Como apresentado anteriormente nesse capítulo, a presente pesquisa se enquadra no campo da psicolinguística experimental e propõe o desenvolvimento de um experimento. Com base na literatura sociolinguística, busca-se investigar o caráter

variável apresentado pelo fenômeno da concordância verbal no PB, considerando-se duas possibilidades de realização da concordância: através do padrão redundante, no qual todos os itens do sintagma nominal apresentam a marca explícita de plural e essa marcação é reiterada no verbo (15), ou através do padrão não redundante, no qual a marcação de plural é omitida em alguns itens (16 e 17).

(15) Os alunos dedicados estudaram para a prova.

(16) Os funcionário faz greve todo ano.

(17) Os funcionários faz greve todo ano.

Com base nesses pontos, esse trabalho apresenta os seguintes objetivos gerais:

- Investigar experimentalmente os processos mentais relacionados à produção do fenômeno da concordância verbal variável por parte de falantes adultos universitários do PB;
- Averiguar uma possível diferença no processamento dos padrões redundante e não redundante de realização da concordância, já apontada por Marcilese et al (2015); Henrique (2016); Azalim (2016) e Squires (2014), dentre outros;
- Analisar o papel da saliência fônica na alternância entre os padrões e no processamento do fenômeno em questão;
- Discutir o estatuto da variável saliência fônica controverso na literatura, considerando-se também a classificação dos verbos quanto ao nível de saliência apresentado;

Para englobar os objetivos citados acima, busca-se, de maneira específica:

- Compreender em que medida a omissão da marcação explícita de plural em alguns itens do sintagma nominal e no verbo pode dificultar o processamento do padrão não redundante e comparar com o processamento do padrão redundante de concordância;
- Investigar a concepção e a classificação da saliência fônica apresentada por Naro (1981), por ser uma das propostas mais relevantes e discutidas na literatura sociolinguística;

- Analisar se os resultados obtidos corroboram com a proposta de Naro (1981) e em que medida dão abertura para outras categorizações e outras definições da saliência fônica como a de Guy (1981) ou Nicolau (1995);
- Comparar os resultados relativos ao papel da saliência fônica com o que já foi apresentado por Azalim (2016) e Azalim et al. (2018) no que diz respeito ao âmbito nominal da concordância variável.

4.2. Hipóteses

Tendo em vista os objetivos apresentados, são adotadas as seguintes hipóteses:

- Tomando como ponto de partida o reportado por estudos prévios, assume-se que o processamento do padrão não redundante parecer ser mais demorado em comparação com o padrão redundante, isso porque a falta de marcação explícita parece dificultar esse processo;
- Com base na literatura sociolinguística, a saliência fônica é uma variável relevante na alternância entre os padrões de concordância verbal, de forma que verbos mais salientes favorecem a marcação explícita de plural no verbo, assim como itens menos salientes favorecem a omissão dessa marca;
- Tomamos como hipótese que a escala de saliência fônica proposta por Naro (1981) se mostra menos nítida por parte de falantes escolarizados do PB, tendo em vista estudos prévios conduzidos com base na classificação de Naro (1981).

Portanto, o referido experimento busca alcançar os objetivos gerais e específicos citados, levando em consideração as hipóteses adotadas acima. Nas próximas seções, serão apresentadas as descrições do experimento conduzido durante essa pesquisa, assim como a técnica experimental utilizada.

4.3. Experimento: a produção da concordância verbal variável no PB

No experimento desenvolvido, busca-se investigar o fenômeno da concordância verbal variável no PB no âmbito da produção. Para tanto, foi utilizada a técnica de produção eliciada por repetição. Através dessa técnica, é possível eliciar a produção das estruturas linguísticas investigadas e, segundo Thornton (1996), conseguir informações relevantes sobre a gramática dos participantes. A tarefa consiste em escutar sentenças e repeti-las após a escuta de um sinal sonoro do tipo *bip*. A utilização dessa técnica permite

uma análise da percepção dos dois padrões de realização da concordância por parte dos participantes considerando-se os dados obtidos através da medida dos *tempos de reação* (*reaction time* - RT) à repetição das sentenças propostas. Nessa tarefa, o tempo de reação corresponde ao intervalo entre a escuta do *bip* e o início da repetição da sentença. Além da percepção, a técnica de produção eliciada por repetição também permite uma análise da produção dos falantes em relação ao fenômeno estudado, considerando-se a medida das *repetições-alvo*, ou seja, das repetições nas quais foram mantidos os padrões de concordância escutados pelos participantes. Dessa forma, o fato de o participante manter ou mudar o padrão de concordância escutado na sentença pode trazer informações relevantes sobre sua avaliação em relação ao padrão escutado.

Além das questões mencionadas acima, a escolha dessa técnica se justifica também pelo fato de a variação na concordância ser encontrada principalmente na modalidade falada do PB, e de maneira mais restrita na escrita. Assim, utilizar uma técnica experimental de produção parece ser mais interessante na investigação proposta, pois o padrão não redundante poderia se destacar mais em uma tarefa de leitura e, conseqüentemente, gerar um estranhamento maior que poderia interferir nos resultados encontrados.

Por fim, como apontado por Azalim et al. (2018):

“ (...) numa visão psicolinguística defende-se que, em termos processuais, as etapas envolvidas na fala espontânea seriam as mesmas envolvidas na produção por repetição/imitação. Nesse sentido, em ambas as situações, haveria a necessidade de planejamento da fala, acesso lexical, formulação sintática e codificação morfofonológica do enunciado, etapas prévias à efetiva articulação” (Azalim et al. 2018:527).

Dessa forma, tendo em vista o objetivo específico de investigar o fenômeno estudado no âmbito da produção, a técnica experimental de produção eliciada por repetição parece ser a mais adequada para esse experimento, cujas informações mais detalhadas serão abordadas nas próximas seções.

4.3.1. Método

Considerando-se os objetivos apontados acima e a utilização da técnica de produção eliciada por repetição, para o experimento, foram elaboradas sentenças experimentais de acordo com as condições experimentais estabelecidas. Essas foram baseadas nas duas variáveis independentes consideradas: o *padrão de concordância*

estabelecido no verbo, podendo ser redundante ou não redundante e a *saliência do verbo*, podendo ser [+ ou – saliente] (*design 2X2*).

Vale destacar que, por escolha metodológica, foi investigado o padrão não redundante de concordância no qual somente o artigo é marcado na sentença, como no exemplo abaixo, uma vez que há uma lacuna na literatura psicolinguística em relação à investigação dessa forma de se produzir o padrão não redundante.

(18) Os meninoØ comeØ bolo de chocolate.

Dessa forma, nas condições em que a concordância no verbo era não redundante, a concordância estabelecida no sintagma nominal também era não redundante. Em relação aos nomes utilizados como núcleo do sujeito, esses foram controlados de forma a serem classificados como [– salientes], de acordo com a proposta de Scherre (1988), uma vez que a saliência dos nomes, a qual não representa o foco desse trabalho, poderia influenciar nos resultados obtidos. Assim, os nomes utilizados para a formação das sentenças experimentais foram itens cuja formação do plural se dá somente através da inserção do morfema -s. Além disso, os nomes também foram controlados em relação ao traço [+ ou - humano], sendo utilizados apenas nomes que apresentem o traço [+humano]. Essa escolha se deu devido ao fato de que esse traço parece ser relevante na variação da concordância no PB, como apontado pelos estudos sociolinguísticos resenhados no primeiro capítulo, e, assim, alternar a utilização de nomes que apresentem traço [+ ou – humano] também poderia influenciar nos resultados de alguma forma. Os exemplos abaixo representam alguns dos nomes utilizados na montagem das sentenças experimentais:

(19)

(a) aluno - alunos

(b) família – famílias

(c) criança – crianças

Como apresentado no quadro 13, tendo em vistas as variáveis independentes manipuladas, foram estabelecidas quatro condições experimentais.

Quadro 13: Condições experimentais - experimento de produção eliciada de repetição

Condição	Concordância verbal	Saliência verbal
A	Redundante	[+ saliente]
B	Redundante	[- saliente]
C	Não redundante	[+ saliente]
D	Não redundante	[- saliente]

Para a elaboração das sentenças experimentais, tomando como base o estudo de Azalim et al. (2018), foram utilizados pseudo-verbos em substituição aos verbos reais do PB, uma vez que falantes escolarizados tendem a mudar o padrão de concordância não redundante para o redundante em tarefas de produção eliciada por repetição. Portanto, com o objetivo de obter um número maior de repetições-alvo e, conseqüentemente, um índice maior de produção do padrão não redundante, foram elaborados pseudo-verbos com base em verbos reais do PB. Além disso, esses foram escolhidos de acordo com o seu nível de saliência como proposto por Naro (1981), considerando-se as classes *a*, *b* referentes ao primeiro nível e *b* e *c* referentes ao segundo nível, como apresentado no quadro abaixo. Ademais, os pseudo-verbos foram elaborados com base em verbos reais do PB que fossem classificados como transitivos diretos, a fim de controlar também o tipo de verbo utilizado.

Quadro 14: Proposta de Naro (1981) para o nível de saliência dos verbos adaptada

Nível 1 (não acentuado)	
Classe	Exemplos utilizados no experimento
A	come/comem; atende/atendem; debate/debatem
B	viaja/viajam; entrega/entregam; estuda/estudam
Nível 2 (acentuado)	
B	partiu/partiram; recebeu/receberam; aprendeu/aprenderam
C	brincou/brincaram; deixou/deixaram; gostou/gostaram

No total, foram selecionados 24 pseudo-verbos para constituírem as sentenças experimentais, e, portanto, foram selecionados 6 pseudo-verbos por classe de saliência fônica (listados no ANEXO 2).

No que concerne às sentenças experimentais, essas foram desenvolvidas de forma a conter o mesmo número de sintagmas e terem o seu tamanho controlado, para que não

houvesse diferença significativa entre o tempo de escuta e de repetição entre as sentenças. Além disso, buscou-se construir sentenças com tamanho razoável para que não houvesse problema com a repetição por parte dos participantes. No quadro abaixo, estão representados alguns exemplos de sentenças experimentais de acordo com as condições experimentais já apresentadas:

Quadro 15: Exemplos de sentenças experimentais de acordo com as condições experimentais estabelecidas

Condição	Exemplo de sentença experimental
A	Os gerentes miparam o prédio da empresa.
B	Os alunos mecam na semana de prova.
C	As criançaØ lopeuØ a matéria na escola.
D	Os músicoØ bupaØ no teatro da cidade.

No total, o experimento apresentou 24 sentenças experimentais e 48 sentenças distratoras. A utilização das sentenças denominadas distratoras é de extrema relevância, pois dificulta que o participante consiga identificar qual o fenômeno linguístico que está sendo investigado através do experimento, uma vez que isso pode enviesar e influenciar os dados. Para a formulação das sentenças distratoras, foram utilizadas estruturas linguísticas diversas as quais não apresentavam o fenômeno estudado, como sentenças na voz passiva, sentenças com o sujeito e verbo no singular e frases no imperativo. Essas sentenças também apresentavam pseudo-verbos para que não houvesse diferenças quanto a isso em relação às sentenças experimentais.

Ademais, as sentenças experimentais foram divididas em duas versões do experimento, de modo que cada pseudo-verbo fosse apresentado nas duas possibilidades de realização da concordância (redundante e não-redundante). Os participantes foram alternados quanto á versão do experimento com a qual tiveram contato.

As variáveis dependentes ou medidas consideradas foram *o tempo de reação* (RT) entre a escuta do *bip* e o início da repetição, e *o número de repetições-alvo*, caracterizadas pela manutenção do padrão de concordância escutado. Em relação ao comportamento das variáveis dependentes, foram feitas algumas previsões, apresentadas na seção a seguir:

4.3.2. Previsões

Tomando como base as hipóteses adotadas nesse trabalho, foram feitas as seguintes previsões no que concerne às variáveis dependentes analisadas:

- Se o processamento do padrão não redundante se mostrar mais exigente, serão encontrados RT's maiores e número menor de repetições-alvo para as condições C e D em comparação com as condições A e B;
- Em relação às repetições-alvo, se a saliência for relevante, a condição D (-saliente, não redundante) deve ter um número maior de respostas-alvo quando comparadas com a condição C (+saliente, não redundante); e a condição C deve apresentar o menor índice de repetições-alvo em comparação às demais condições;
- Em relação à saliência, se essa se mostrar relevante e os itens mais salientes favorecerem a marcação explícita no verbo:
 - A condição C (verbo + saliente, concordância verbal não redundante) deve ser mais perceptível para os falantes e causar maior estranhamento, registrando RT's maiores e número menor de repetições-alvo;
 - A condição A (verbo + saliente, concordância verbal redundante), B (verbo-saliente, concordância verbal redundante) e D (verbo - saliente, concordância verbal não redundante) não devem apresentar diferenças significativas entre si, tanto nos RT's, quanto no número de repetições-alvo;
- Considerando-se a proposta de classificação dos verbos em relação ao nível de saliência fônica de Naro (1981), se os dados encontrados seguirem essa proposta de classificação, podemos prever que deve haver uma hierarquia entre as classes de cada nível, de forma que, para a condição C, os verbos do nível 2 pertencentes à *classe c* devem apresentar RT's maiores e número menor de respostas-alvo em comparação com as demais classes, seguido dos verbos do nível 2 *classe b*, nível 1 *classe b* e, por fim nível 1 *classe a*, os quais devem apresentar número maior de repetições-alvo e RT's menores.

4.3.3. Participantes

O experimento proposto foi conduzido com a participação de 35 falantes adultos do PB (14 mulheres e 21 homens), com idade entre 19 e 33 anos (idade média: 25 anos), sendo que 17 desses tiveram contato com a versão 1 do experimento e 18 com a versão 2. Todos os participantes possuíam ensino superior em andamento ou completo. Essa escolha em relação à escolaridade dos participantes foi feita com o objetivo de se investigar o comportamento da variável saliência fônica e o processamento dos padrões variáveis de concordância verbal por parte de falantes com nível superior de escolaridade e, além disso, controlar uma possível influência da escolaridade nessa investigação.

4.3.4. Materiais

Os estímulos experimentais e as sentenças distratoras eram de natureza acústica e foram gravadas pelo programa *Audacity* com a utilização de um microfone Arcano AM 1 (microfone condensador cardioide com faixa de frequência entre 20 Hz e 18 KHz). As frases também foram editadas pelo *Audacity*, uma vez que o som de *bip* foi inserido no final de cada uma.

Para a elaboração do experimento, foi utilizado o *software* PsychoPy 3 (versão 2020.2.3), ferramenta desenvolvida para Python. Após a elaboração nesse *software*, as duas versões foram sincronizadas com a plataforma *Pavlovia*, responsável por executar o experimento, que foi aplicado de maneira remota. Também por esse motivo, a aplicação do experimento foi realizada por meio de uma conferência de vídeo com o experimentador em uma sala da plataforma *Whereby*. Assim, os participantes executavam o experimento em seu navegador de internet e compartilhavam a tela de seu computador na sala de vídeo. Essa chamada era gravada e armazenada através do próprio *Whereby*, sendo salva posteriormente pelo experimentador. Apesar de não ser possível controlar o computador¹¹, o ambiente e a qualidade do áudio do experimento, os participantes eram orientados a não utilizar o celular e fone de ouvido, já que esses inviabilizavam o compartilhamento da tela ou a gravação de sua fala junto com o áudio do experimento.

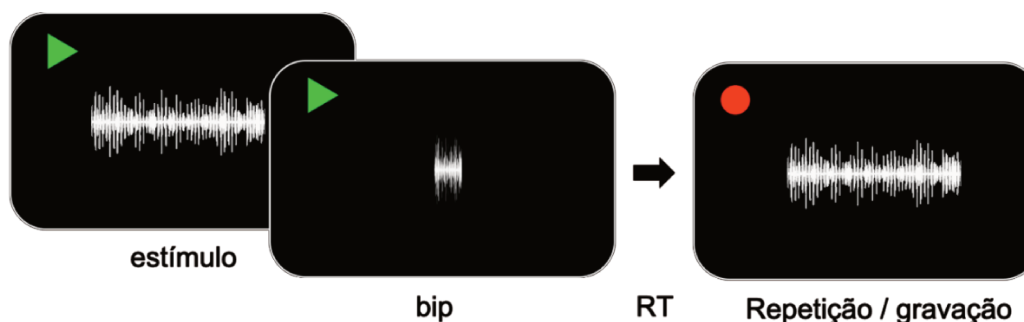
¹¹ No que diz respeito ao computador utilizado, acreditamos que não há grandes problemas de desempenho na aplicação do experimento considerando que o experimento roda em *javascript*, uma linguagem interpretada que roda em uma máquina virtual no computador do participante. Ademais, algumas comparações como a de De Leeuw & Motz (2015) indicam que a aplicação de experimentos online em *javascript* podem concorrer com os softwares mais populares de experimentação local, mesmo em termos de tempo de resposta.

Em relação à análise dos dados, as gravações de vídeo foram convertidas para arquivos de áudio (.wav) e analisadas quanto ao tempo de resposta e às repetições-alvo através do *Audacity*.¹²

4.3.5. Procedimento

A tarefa experimental referente à utilização da técnica experimental de *produção eliciada por repetição* consiste em duas etapas: os participantes devem escutar as sentenças apresentadas no experimento e, após a escuta do sinal sonoro, um *bip* de 1000Hz por 20ms, devem repeti-las de maneira natural. Antes do início da aplicação do experimento, os participantes receberam as instruções sobre a tarefa que seria realizada e participaram de um pequeno treinamento, no qual foram apresentadas três sentenças testes para que eles pudessem se habituar à tarefa e apresentar possíveis dúvidas antes do início do experimento. Esse treinamento é realizado de forma a evitar possíveis interrupções durante a realização da tarefa, o que pode inviabilizar os dados coletados. O esquema abaixo ilustra o procedimento proposto:

Figura 1: Esquema do procedimento experimental: tarefa de produção eliciada por repetição



Vale destacar que, durante as instruções sobre a tarefa experimental, os participantes foram alertados sobre a presença de palavras não existentes no PB e orientados a não deixarem de repetir a sentença caso não tivessem compreendido totalmente como era palavra desconhecida, mas sim repeti-las da maneira como entenderam, sem se preocupar em acertarem a pronúncia dos pseudo-verbos.

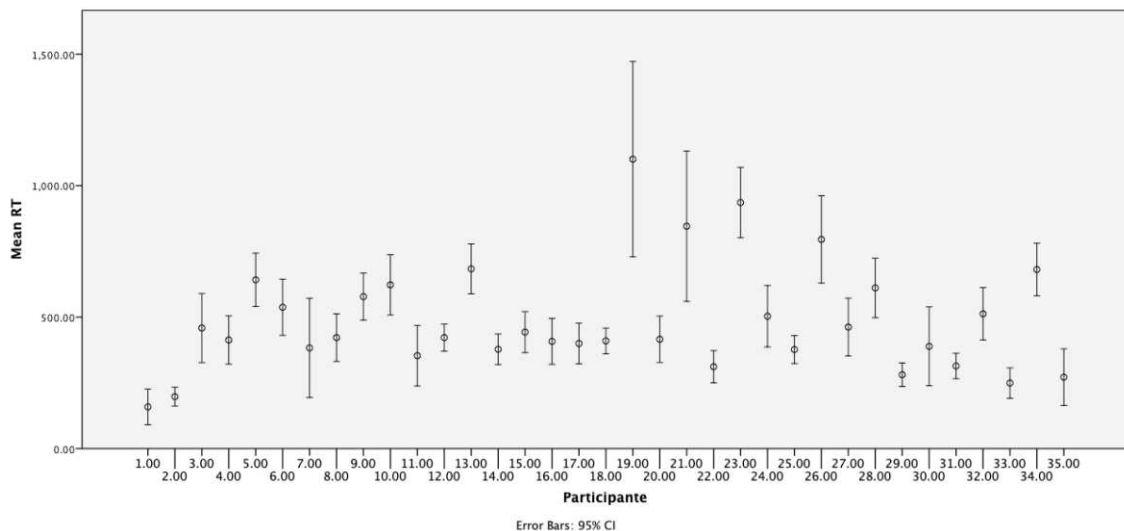
Os dados obtidos em relação ao *tempo de reação* e ao índice de *repetições-alvo* serão reportados e detalhados na próxima seção.

¹² A lista de sentenças experimentais e distratoras, assim como os pseudo-verbos utilizados no experimento serão apresentadas nos Anexos.

4.3.6. Resultados

Dentre os dados obtidos nesse experimento, aproximadamente 0,05% foram considerados erros na presente análise, devido a problemas técnicos encontrados na aplicação remota do experimento, os quais inviabilizaram a contagem do tempo de resposta ou a escuta das repetições produzidas pelos participantes. Ademais, para a análise do tempo de resposta, foram desconsiderados outros 0,05% de dados correspondentes a dois participantes específicos, os quais, não realizaram a tarefa de acordo com as orientações fornecidas, o que parece ter se traduzido em uma variação nos tempos de resposta maior que a dos demais participantes. Esses dados são referentes aos participantes 19 e 21, cuja alta variação no RT pode ser observada no gráfico abaixo:

Gráfico 8: Variação nas médias de RT entre participantes (em ms.)



Comparando a média de RT entre os demais participantes, também foi observada grande variação entre elas, uma vez que alguns participantes repetiram rapidamente as sentenças experimentais, enquanto outros repetiram de maneira mais lenta, como também pode ser observado no gráfico acima. Esses dados sugerem a existência de diferenças de comportamento nos participantes. Está fora dos nossos objetivos uma análise sobre o que pode levar a essa diferença, como índice de memória de trabalho, habilidade com o tipo de tarefa, etc. Portanto, sempre que possível, a variável participante será considerada como efeito aleatório.

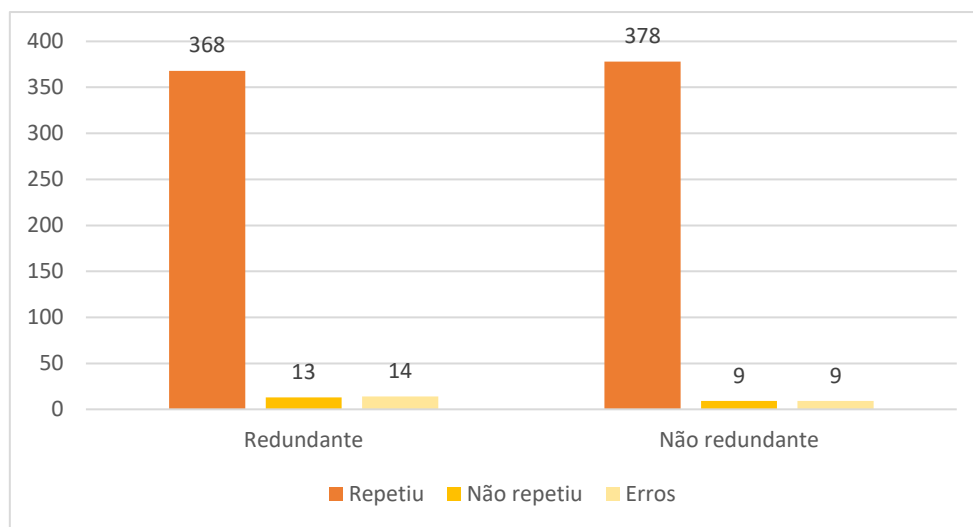
Nessa análise, decidimos iniciar a exploração dos dados através de uma regressão CHAID (*Chi-Squared Automatic Interaction Detection*; KASS, 1980), que analisa os dados e as variáveis do modelo buscando e agrupando os dados de acordo com seus

padrões (distribuição, médias de tempo, desvio padrão, etc) e as variáveis que possam explicar a diferença entre esses padrões. Desta forma, este modelo de regressão não realiza exatamente um teste de hipótese para verificar se há diferença entre as condições. Pelo contrário, ele busca por semelhanças e diferenças que possam justificar um agrupamento de condições ou a separação entre elas, melhorando o modelo de acordo com testes de hipótese. Os testes utilizados nas regressões CHAID são o Chi-Square para dados categóricos (ex. repetições vs. não repetições) e F-tests para dados escalares (ex. tempos de resposta). Por essas características, usamos essas regressões de maneira exploratória em nossos dados para, eventualmente, ser realizada uma análise mais tradicional e aprofundada, especialmente no que diz respeito aos tempos de resposta, considerando a não normalidade desses dados.

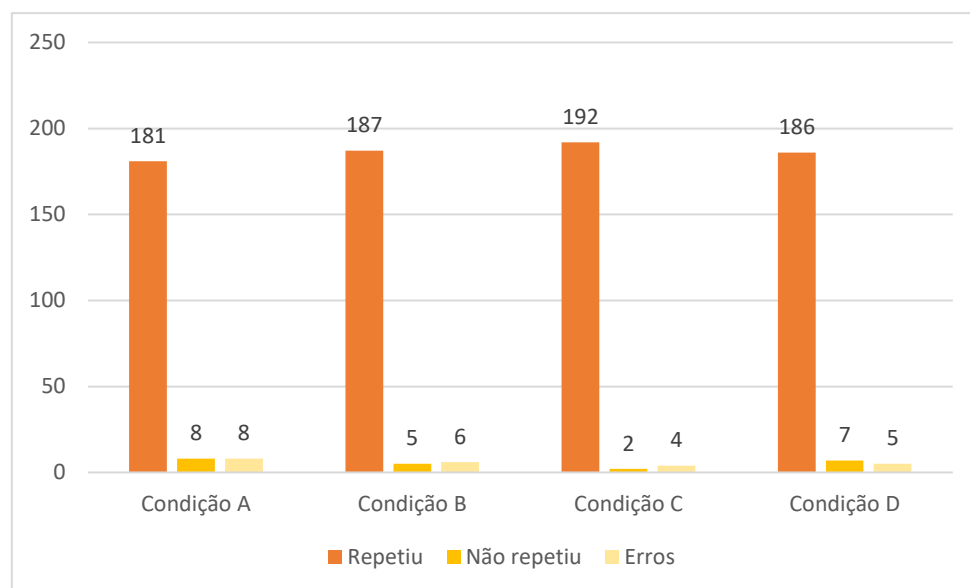
Dados de repetição

No que se refere à variável dependente *índice de repetições-alvo*, vale ressaltar que uma repetição foi considerada alvo se o participante repetiu o padrão de concordância escutado na sentença experimental. Por exemplo, se era escutado um padrão não redundante e o participante repetiu esse padrão, essa era considerada uma repetição-alvo, mas se era escutado o padrão não redundante e o participante produzia o padrão redundante, essa não era considerada uma repetição-alvo. Além disso, apenas o padrão de concordância produzido no verbo foi considerado para a análise da repetição-alvo e, que no concerne à concordância estabelecida no sintagma nominal, como foram encontrados dados interessantes para a análise, essa foi analisada separadamente como *repetições-CN*.

No geral, os participantes repetiram normalmente o padrão de concordância escutado, com poucas exceções. Diferentemente da hipótese adotada, o número de não-repetições foi maior para as condições com concordância redundante em comparação com as condições com concordância não redundante. Essa diferença, no entanto, como pode ser observada visualmente no gráfico (9), não se mostrou significativa (índice de melhora no modelo de regressão CHAID; Chi-Square, $\chi^2(1, 791) = 1.947, p > .05$). O gráfico mostra também os erros contabilizados, os quais estiveram em maior quantidade nas condições redundantes.

Gráfico 9: Índice de repetições-alvo por concordância

Considerando as condições experimentais, o gráfico (10) ilustra o índice de *repetições-alvo* por condição:

Gráfico 10: Índice de repetições-alvo por condição experimental

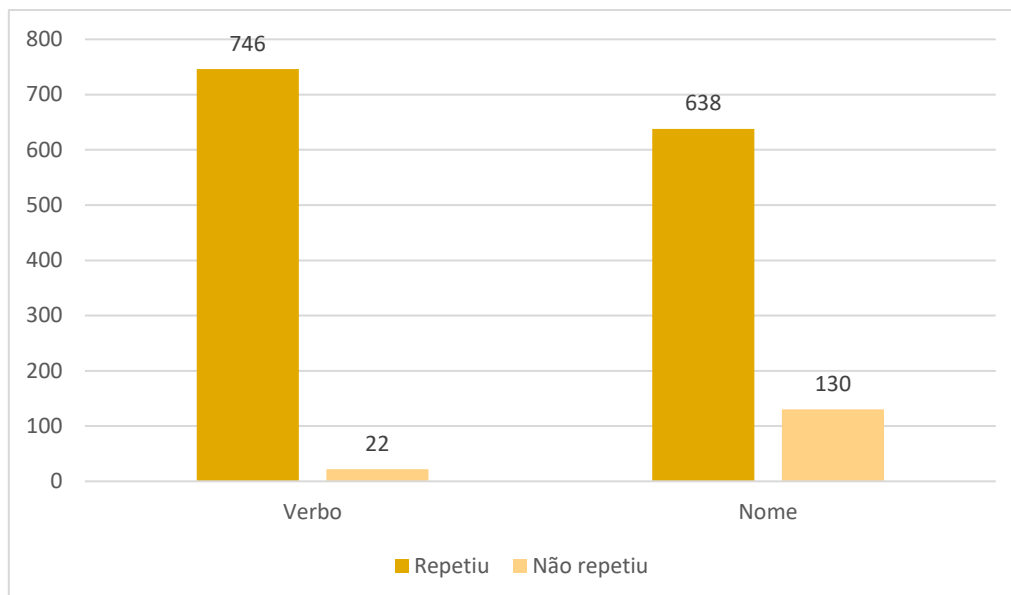
Como pode ser observado, o índice de *repetições-alvo* se mostrou alto em todas as condições. As condições A e D apresentaram um número maior de não repetições, mas, novamente, essa diferença em relação às outras condições é pequena e não se mostrou significativa na análise (CHAID; Chi-Square, $\chi^2(5, 791) = 5.667, p > .05^{13}$).

¹³ Também foram realizadas comparações pareadas as quais não encontraram qualquer resultado significativo, seja com ou sem a indicação da variável 'participante' como fator aleatório.

Analisando as repetições-alvo por classe de saliência de acordo com o proposto por Naro (1981), não foram encontradas diferenças significativas em relação aos níveis de saliência para as condições com concordância não redundante (CHAID; Chi-Square, $\chi^2(1, 396) = 2.984, p > .05$).

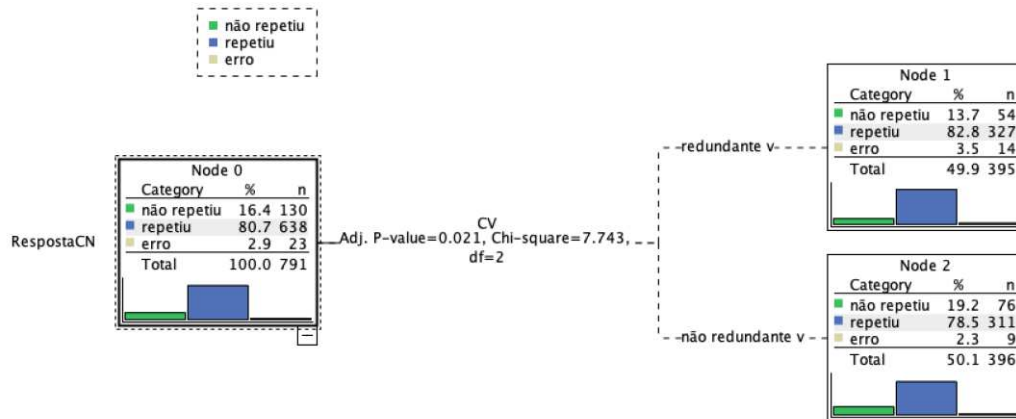
Embora o foco da pesquisa tenha sido no âmbito verbal da concordância, os dados referentes às repetições no âmbito do sintagma nominal se mostraram relevantes na análise realizada. Comparando os dois índices, o de não repetições no sintagma nominal aumentou em relação ao número de não repetições no verbo, como apresentado no gráfico (11).

Gráfico 11: Comparação do índice de repetições e de não repetições no verbo e no nome



Em relação às repetições-CN considerando-se a concordância, temos que o índice de repetições-CN foi menor para as condições com concordância não redundante, como esperado (Chi-Square, $\chi^2(1, 791) = 4.608, p < .05$). É importante destacar que, nas condições em que o verbo apresentava concordância não redundante, por escolha metodológica, o nome também apresentava esse mesmo padrão. Dessa forma, a árvore CHAID abaixo ilustra essa relação.

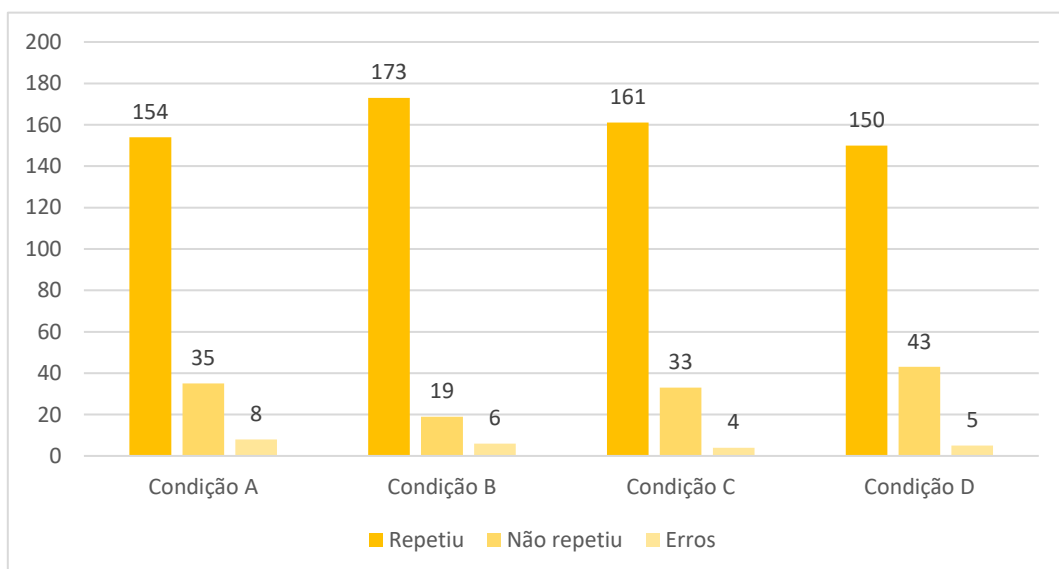
Figura 2: Árvore CHAID – Índice de repetições-CN por tipo de concordância estabelecida (participante como fator aleatório)



Na árvore acima, portanto, a variável independente que melhor explica os dados de repetições-CN é a concordância estabelecida no nome e, conseqüentemente, no verbo.

Já em relação às condições experimentais, no gráfico (13) temos que a condição B (-saliente, redundante) apresenta uma diferença significativa em relação ao índice de repetições-CN em comparação com as demais condições (Chi-Square, $\chi^2(2, 791) = 15.322$, $p < .01$). A condição D, por sua vez, apresenta um número maior de não repetições, mas essa diferença não se mostrou significativa.

Gráfico 12: Índice de repetições-CN por condição experimental



Comparando as condições experimentais entre si quanto ao número de *repetições-CN*, encontramos que a relação entre a condição B, a qual apresenta o maior número de repetições e o menor número de não-repetições, em relação às demais condições é

significativa, tanto para C (Chi-Square, $\chi^2(1, 395) = 7.204, p < .03$) e D (Chi-Square, $\chi^2(1, 395) = 18.195, p < .001$), as quais apresentavam concordância não redundante, quanto para A (Chi-Square, $\chi^2(1, 395) = 9.078, p < .03$).

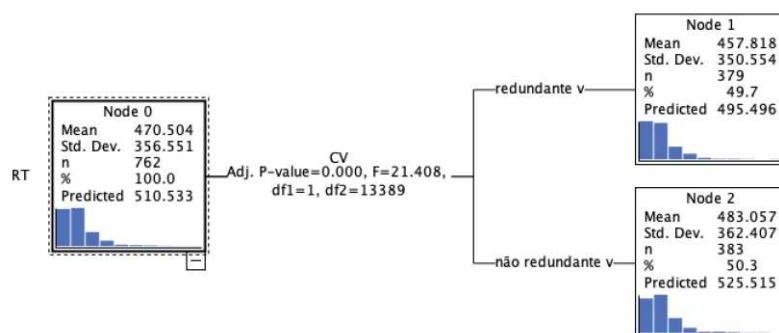
Dados de Tempo de Resposta

Como informado anteriormente, os dados de tempos foram inicialmente explorados via regressão CHAID, mas reportamos os resultados seguindo uma análise mais tradicional. Recorreremos às CHAID apenas para melhor investigar efeitos marginais.

No que diz respeito aos tempos de resposta, exceto o total dos RT de 11 dos 35 participantes, nenhum dos conjuntos de dados apresentou distribuição normal (Shapiro-Wilk; $p < .05$). Isso nos levou a utilizar o *Wilcoxon Signed-Rank Test* para comparações pareadas entre amostras não paramétricas dependentes.

Na análise da variável redundância, foi encontrado apenas um resultado marginal de diferença nas médias de RT entre as condições com concordância redundante (458ms) e as com concordância não redundante (483ms) ($Z = -1.708, p = .088$). Acreditamos, portanto, ser relevante investir nessa análise e aplicamos uma árvore CHAID com participantes como fator aleatório. O modelo retorna um efeito significativo (ANOVA ($1,762$) = 21.408, $p < .001$).

Figura 3: Árvore CHAID – RT por tipo de concordância estabelecida (participante como fator aleatório)



Os tempos de resposta por condição são descritos na tabela (17) abaixo. Ao analisarmos a média de RT por condição experimental, temos que as condições C (+saliente, não redundante) e D (-saliente, não redundante) apresentam as médias maiores, sendo que a D apresenta a maior média. Já a condição A (+saliente, redundante)

apresenta o menor RT em comparação com as demais. Essa diferença entre as condições, no entanto, não se mostrou significativa.

Tabela 14: Média de RT por condição experimental

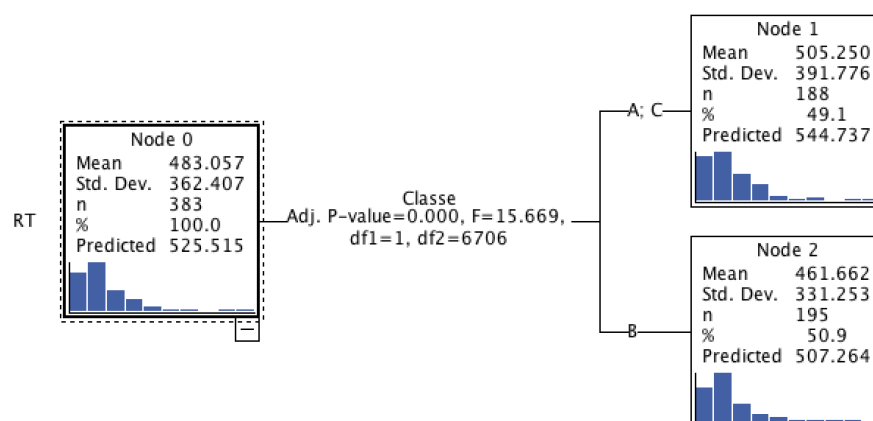
	Condição A	Condição B	Condição C	Condição D
RT	447,81	464,51	478,84	482,44

Tabela 15: Comparação nas médias de RT entre as condições experimentais (Wilcoxon S.R. Test)

	A-B	A-C	A-D	B-C	B-D	C-D
Wilcoxon S.R. Test	Z = - 379; p = .705	Z = -1.569 p = .117	Z = -577 p = .564	Z = -433 p = .665	Z = -863 p = .388	Z = -953 p = .341

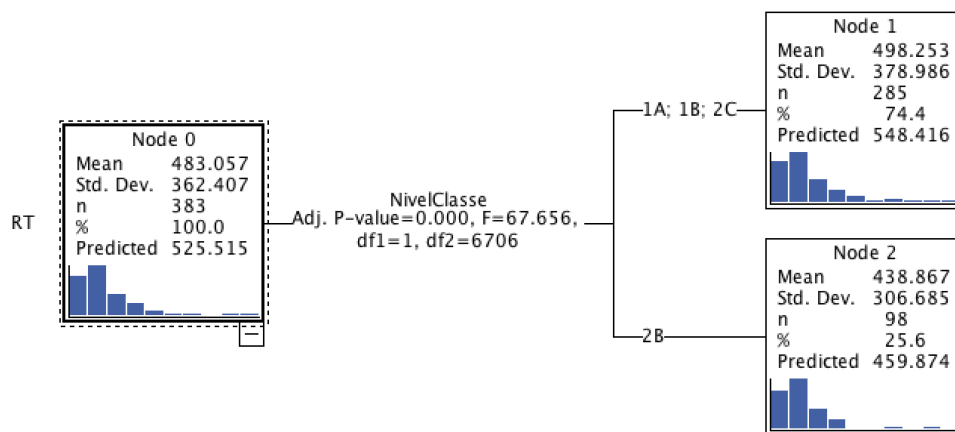
Em relação às classes de saliência propostas por Naro, não foram observadas diferenças significativas entre as classes na condição não redundante, apenas uma diferença marginal entre os tempos de respostas do nível-classe 2C e 1B ($Z = -1.700$, $p >.05$ [.089]). Nesse caso, achamos ainda mais interessante utilizar a regressão CHAID para melhor investigar a variável, devido a sua característica de agrupamento de variáveis que apresentam comportamento semelhante. A regressão nos retorna o resultado da imagem abaixo, em que as classes A e C possuem conjuntos semelhantes de dados e, agrupados, apresentam diferença significativa em comparação com a classe B.

Figura 4: Árvore CHAID – Tempo de resposta por classe de saliência (Proposta de Naro, 1981)



De todo modo, considerando que a classe B é a única em nosso desenho que é representada em dois níveis, talvez a melhor comparação seria entre nível e classe, que separa os dados em 4 condições (1A, 1B, 2B e 2C). A regressão nos retorna o resultado abaixo, em que a distribuição dos dados de 1B são considerados mais próximos dos dados de 1A e 2C do que dos dados de 2B.

Figura 5: Árvore CHAID – tempo de resposta por nível-classe de saliência (Proposta de Naro, 1981)



Para a variável saliência, quando analisada sem a influência do padrão de concordância, o *Wilcoxon Signed-Rank Test* não encontra diferença significativa para os RT de frases com pseudo-verbos salientes e não salientes ($Z = -410, p = 682$),

4.3.7. Discussão

Tendo em vista as hipóteses apresentadas e as previsões adotadas quanto ao comportamento dos dados obtidos no experimento, não é possível observar, nos dados, uma diferença significativa no processamento dos dois padrões de concordância investigados, apenas um efeito marginal. Diferentemente do apontado por pesquisas anteriores no âmbito da psicolinguística, o padrão não redundante não se mostrou mais custoso em termos de processamento em relação ao padrão redundante. Os dados reportados acima quanto ao tempo de reação para os dois padrões vão de encontro à hipótese adotada. Além disso, os dados correspondentes às respostas-alvo também não se mostraram na direção das previsões feitas, já que o padrão não redundante não apresentou um número menor de repetições-alvo e não foram encontradas diferenças significativas entre a repetição dos dois padrões de concordância. Esse resultado pode ter sido encontrado devido ao tamanho da amostra utilizada ou em relação a alguma questão

metodológica, uma vez que foi encontrada um efeito marginal, mas de forma consistente, nos trabalhos resenhados no capítulo anterior, esse efeito se mostrou significativo.

Com o intuito de analisar o papel da saliência fônica na alternância entre os padrões de concordância, podemos observar o comportamento das variáveis dependentes em relação às condições experimentais estabelecidas, as quais englobam a saliência (+ ou – salientes) e a concordância (redundante ou não redundante). É importante destacar que, nesse momento, a análise da saliência se dá através dos dois níveis propostos por Naro: nível 1 (não acentuado) e nível 2 (acentuado), os quais, aqui, correspondem, respectivamente, ao nível não saliente e saliente. Quanto às *repetições-alvo*, não foram encontradas diferenças significativas entre as condições, e, assim, os dados vão de encontro à hipótese adotada em relação à saliência, já que a condição C (+saliente, não redundante) não apresentou um índice de repetições-alvo menor em comparação com as outras. No que diz respeito às médias de *tempo de reação*, as condições C e D apresentam as maiores médias, mas a D (-saliente, não redundante) ainda se mostra maior em relação à C. Ainda que essa diferença não seja significativa, os dados novamente vão de encontro à hipótese de que a saliência seria relevante nessa alternância entre os padrões de concordância, já que a C não apresentou as médias maiores de RT. Portanto, observando esses dados, não é possível apontar a saliência como uma variável que apresente relevância no fenômeno estudado.

Ainda no que se refere à saliência, os dados reportados acima também não mostraram diferença significativa entre as classes propostas pela classificação de Naro (1981) para a saliência dos itens verbais. Embora não tenha sido analisada a tabela completa como proposta pelo autor, não foi encontrada nenhuma diferença entre as classes no que concerne às repetições-alvo, já em relação ao tempo de resposta, foi encontrado um efeito marginal entre a classe 2C e 1B, através do qual não é possível compreender completamente o comportamento dos verbos quanto aos possíveis níveis de saliência estabelecidos.

Uma vez que a saliência não tenha se mostrado relevante tanto no que concerne à análise dos dois níveis propostos (acentuado e não acentuado) quanto também em relação às classes de saliência estabelecidas, os resultados concordam com o reportado por Azalim (2016) e Azalim et al. (2018), no âmbito da concordância nominal. Portanto, os resultados encontrados colaboram para a visão de que, a saliência, da forma como é definida e classificada na literatura, não apresenta um efeito significativo na alternância

entre os padrões de concordância, considerando os dois âmbitos da concordância variável no PB.

Por fim, vale ressaltar também os dados obtidos em relação às repetições no âmbito do sintagma nominal (*repetições-CN*), uma vez que foi contabilizado um índice de repetição do padrão de concordância menor em relação às repetições no âmbito verbal (*respostas-alvo*). Essa diferença pode ser explicada através de algumas questões. Primeiramente, para a elaboração das sentenças experimentais, foram utilizados pseudo-verbos com o objetivo de diminuir qualquer influência de conhecimentos prévios dos participantes. Além disso, essa escolha foi feita considerando-se os resultados reportados por Azalim et al. 2018, nos quais foi encontrado um número maior de repetições-alvo para o experimento no qual foram utilizados pseudo-nomes em substituição a nomes reais do PB, já que, no primeiro experimento, muitos participantes mudavam o padrão de concordância escutado. Assim, na presente pesquisa, apesar de serem utilizados pseudo-verbos, não foram utilizados pseudo-nomes para compor o núcleo do sujeito, mas nomes reais do PB, tendo em vista que o foco da investigação se situava no âmbito verbal da sentença. Portanto, essa diferença nos índices de repetições do padrão de concordância escutado para o nome e para o verbo pode estar relacionada com a utilização apenas de pseudo-verbos, mas não de pseudo-nomes, o que parece aumentar o número de repetições consideradas alvo.

Uma outra possível explicação para esse resultado pode estar relacionada com o fato de a concordância não redundante no verbo ser mais marcada e mais perceptível, chamando a atenção dos falantes na hora da repetição. Esse fato pode ter resultado em um número maior de *repetições-alvo* em comparação a *repetições-CN*, já que a atenção dos participantes estava focada no verbo das sentenças. Além disso, alguns participantes reportaram, após a aplicação do experimento, ter apresentado um foco maior na tarefa de repetir os pseudo-verbos, uma vez que eram palavras inventadas e poderiam ser estranhadas pelos falantes. Assim, eles dizem ter prestado menos atenção nos demais itens da sentença. Portanto, isso também pode ter sido relevante para a obtenção de um número menor de repetições no sintagma nominal das sentenças, já que o foco dos participantes estava na repetição dos pseudo-verbos.

Ademais, um dos participantes cujos dados não foram considerados para análise estatística desenvolvida realizou a tarefa de repetição das sentenças substituindo todos os pseudo-verbos por verbos existentes no PB, de acordo com o contexto da sentença

escutada, o que pode estar relacionado como uma estratégia do participante para não se prender somente à repetição do verbo e conseguir repetir as sentenças por inteiro.

Com o objetivo de ampliar a análise da concordância verbal variável no PB e o papel da saliência fônica na alternância entre os padrões e comparar com os resultados obtidos através do experimento, foi desenvolvida uma análise de *corpus*, buscando compreender como se dá a produção espontânea desse fenômeno na fala de indivíduos adultos brasileiros. O *corpus* utilizado e os dados analisados serão detalhados e reportados na seção a seguir.

4.3.8. Produção da concordância verbal variável na fala espontânea: análise de *corpus*

A análise de *corpus* realizada nessa pesquisa teve como objetivo principal investigar a produção da concordância verbal variável na fala espontânea de informantes adultos escolarizados, de forma a considerar também a saliência fônica na alternância entre a produção do padrão redundante e não redundante no PB. No entanto, como será apresentado posteriormente, devido ao número insuficiente de dados quanto à produção do padrão não redundante, não foi possível desenvolver uma análise da saliência fônica e de sua influência no fenômeno em questão. Portanto, a seguir, será reportada a análise desenvolvida em relação à alternância entre os dois padrões de concordância verbal atestados no PB.

O *corpus* utilizado para a presente análise foi o *corpus* de produção espontânea disponibilizado *online* pelo Projeto NURC-RJ (Projeto da Norma Urbana Oral Culta do Rio de Janeiro). Esse corpus contém 350 horas de entrevistas gravadas na década de 70 e 90, as quais foram realizadas com falantes do Rio de Janeiro com nível superior completo de escolaridade, e, portanto, representa a variante culta do PB. Esse *corpus* consiste, inicialmente, em transcrições de entrevistas gravadas na década de 70 com falantes do sexo masculino e feminino e estratificados quanto à idade (25 a 35 anos, 36 a 55 anos e 56 em diante). Essas gravações são separadas por tema (alimentação, cidade, casa, dentre outros) ou pelo contexto da gravação, os quais poderiam: elocução formal (aulas e conferências), diálogo entre informante e documentador (diálogos informais) ou diálogo entre dois informantes (entrevistas). Posteriormente, esse *corpus* foi ampliado na década de 90 com 8 entrevistas do tipo *diálogo entre informante e documentador* com informantes os quais já haviam participado das entrevistas na década de 70 como representantes da primeira e segunda faixa etária, e, portanto, se tornaram representantes

da segunda e terceira faixa etária nessa ampliação do *corpus*. Além desses, também participaram 4 novos informantes representantes da primeira faixa etária.

Tendo em vista os objetivos dessa pesquisa e o perfil dos participantes do experimento anterior, a análise de *corpus* foi feita com base nas gravações realizadas na década de 90, uma vez que essas se mostram mais atuais em comparação com a produção da década de 70. Portanto, todos os inquéritos analisados corresponderam à situação de diálogo entre informante e documentador. Além disso, foram consideradas somente as entrevistas com falantes cuja faixa etária era de 25 a 35 anos, já que essa faixa etária se assemelha à idade dos participantes do experimento aplicado e essa semelhança permite uma comparação melhor entre os dados do experimento e da análise de *corpus*. Devido a essa escolha em relação à faixa etária, todas as entrevistas analisadas são referentes à amostra complementar da década de 90 com informantes novos.

Foram analisados no total 8 inquéritos correspondentes às características apresentadas acima, sendo que 4 desses dizem respeito a entrevistas com falantes do sexo feminino, e 4 do sexo masculino. Os temas desses inquéritos variam entre família, cidade e comércio, vida social, diversão e instituições, ensino e igreja. As escolhas metodológicas feitas para a análise proposta são reportadas abaixo.

4.3.8.1. Escolhas metodológicas para a análise de *corpus*

Para a análise de *corpus* em questão, foi investigada a produção da concordância verbal variável na fala espontânea de informantes com nível superior de escolaridade. Assim, buscou-se ocorrências de estruturas que apresentassem concordância de terceira pessoa do plural (3PP) entre o sujeito e verbo, sendo que essa concordância poderia ser realizada através do padrão redundante ou do padrão não redundante. Nos exemplos abaixo, temos uma estrutura com o padrão redundante (20) e uma com o padrão não redundante (21), as quais foram consideradas na análise dos dados:

(20) [...] minhas notas foram muito mais altas.

(21) [...] alguns lugares até funciona .

Embora tenham sido consideradas duas formas de realização da concordância não redundante: uma em que todos os elementos do sintagma nominal apresentam a marcação explícita e essa marcação é omitida apenas no verbo, e outra em que apenas o artigo

apresenta a marca de plural, somente foram encontradas ocorrências da primeira forma de realização.

Também foram desconsideradas determinadas estruturas como escolha metodológica. Dentre elas, não foram contabilizadas estruturas com formas verbais homófonas (como em 22), uma vez que essas não são distintivas na oralidade e, portanto, não seria possível compreender qual o tipo de concordância estabelecido.

(22) [...] tem cursos que não **têm** aluno.

Além disso, também não foram consideradas estruturas com verbos impessoais, e, casos como em (23) foram considerados lapsos de fala, já que esses verbos permanecem na terceira pessoa do singular (3PS).

(23) [...] **tinham** professoras no colégio que eram, assim temidas né.

Por fim, estruturas com verbo no infinitivo pessoal ou flexionado, como em (24), e estruturas com sujeito nulo, como em (25), também não foram analisadas, por se tratar de estruturas com características diferentes em comparação às consideradas na análise.

(24) [...] apesar dos tijucanos de repente, **ter** um.

(25) [...] eu não sei exatamente o nome que **dão** hoje...

Ocorrências de construções prontas como expressões linguísticas também não foram consideradas na análise.

(26) [...] agora que **tá pintando** umas viagens.

Por fim, estruturas totalmente repetidas, como em (27), essas foram contabilizadas somente uma vez.

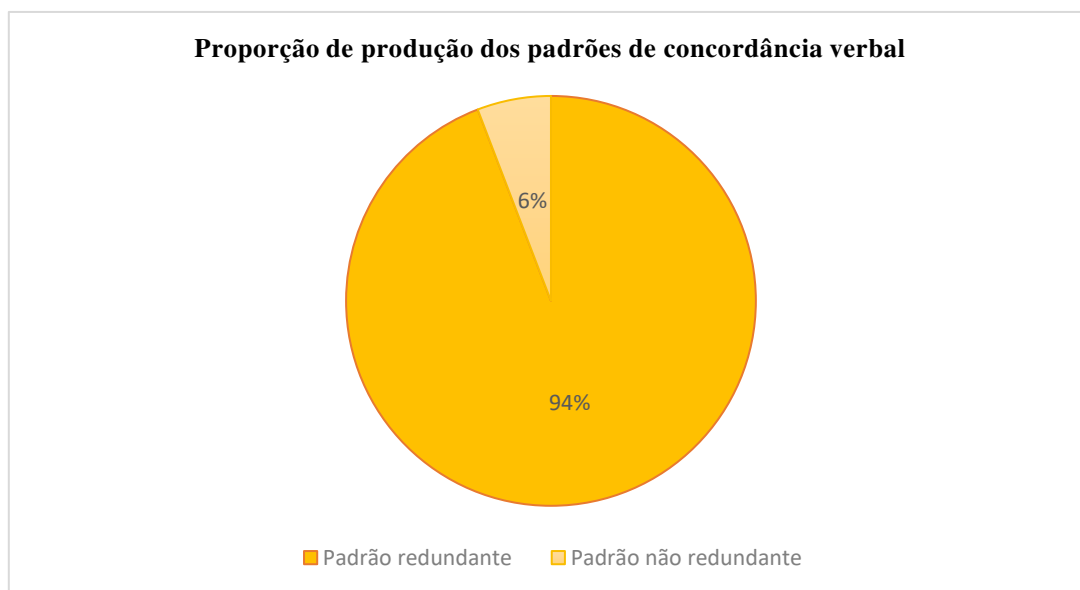
(27) [...] e até professores que, **tiveram problemas**, até durante o meu curso, **tiveram problemas**.

4.3.8.2. Análise dos dados de produção

No que se refere à produção espontânea de estruturas as quais apresentassem concordância verbal de terceira pessoa, foram contabilizados, no total, 275 ocorrências, sendo que essas englobaram os dois padrões de concordância atestados no PB. Já em

relação à alternância entre os padrões, 259 dessas ocorrências correspondem à produção do padrão redundante, enquanto somente 16 correspondem à produção do padrão não redundante. O gráfico abaixo ilustra o índice de produção espontânea, comparando a alternância entre esses dois padrões:

Gráfico 13: Proporção de produção dos padrões de concordância verbal (redundante e não redundante)



Como pode ser observado, o índice de produção do padrão redundante foi consideravelmente mais alto em comparação com o padrão não redundante, o qual se mostrou extremamente baixo. As sentenças abaixo representam exemplos de estruturas produzidas de maneira espontânea pelos informantes nas entrevistas presentes no *corpus* em questão:

(28) Concordância redundante:

- (a) Essa meninas que **são** super presas.
- (b) Dois assaltantes que **invadiram** né?
- (c) Eles **pagam** muito imposto.

(29) Concordância não redundante:

- (a) [Colegas que] **sabia** fazer logaritmo.
- (b) Alguns lugares até **funciona**.
- (c) Os ruídos do chão dos corredores não **era** [...]

Tendo em vista a presença de somente 16 estruturas com concordância não redundante nessa análise, a investigação prevista em relação ao papel da saliência fônica

não pode ser realizada, uma vez que não foram encontradas ocorrências suficientes para compreender como a saliência fônica pode influenciar na produção do padrão não redundante de concordância. Além disso, das 16 ocorrências contabilizadas, algumas apresentavam verbos que não foram considerados na proposta de saliência de Naro (1981), como as formas “é/são”. Já em relação aos demais verbos, não foram registradas ocorrências de todas as classes de saliência apresentadas na tabela considerada, enquanto algumas obtiveram representatividade de somente uma ocorrência. Dessa forma, a parte do *corpus* considerada não se mostrou representativa para que fosse realizada uma análise da saliência fônica.

Apesar disso, podemos analisar os índices referente à produção de cada padrão de concordância e a diferença considerável entre os dois a partir das informações referentes aos informantes pertencentes ao *corpus* em questão. Como apresentado anteriormente, os informantes participantes das entrevistas as quais constituem o *corpus* NURC-RJ, e de forma mais específica, os informantes cuja fala espontânea foi considerada nessa pesquisa, são mulheres e homens cariocas com nível superior completo de escolaridade e, portanto, são representantes da chamada norma urbana culta do Rio de Janeiro. Mendes & Oushiro (2015) destacam, dentre as variáveis sociais mais relevantes na variação da concordância verbal no PB, o nível de escolaridade e apontam essa variável como “*provavelmente a mais relevante para descrever a forte estratificação social observada em todas as comunidades* (Mendes; Oushiro, 2015:363) ¹⁴. No que se refere à variação na concordância verbal, falantes com níveis mais altos de escolaridade tendem a utilizar mais o padrão redundante de concordância. Considerando a produção dos dois padrões de concordância, podemos relacionar a diferença considerável entre os índices do padrão redundante e do não redundante com a questão da escolaridade, uma vez que os informantes apresentam curso superior completo. Portanto, o alto índice de produção do padrão redundante em comparação com as poucas ocorrências contabilizadas do padrão não redundante parece estar relacionado com o alto nível de escolaridade apresentado pelos informantes em questão.

Comparando os dados analisados no experimento e no *corpus*, podemos perceber uma tendência de maior utilização do padrão não redundante, no qual somente o verbo não apresenta a marca explícita de plural e todos os elementos do SN apresentam, como em (30), uma vez que só foram encontradas ocorrências desse tipo no *corpus*, e, no

¹⁴ Tradução do original: “*Level of education is probably the most relevant for describing the sharp social stratification observed in all communities.*” (Mendes; Oushiro: 2015:363).

experimento, foram encontradas ocorrências de participantes que modificaram a concordância escutada e produziram a concordância não redundante como no exemplo abaixo:

(30) As meninas comprao doce nesse mercado.

Considerando a inviabilização da investigação proposta sobre a saliência fônica tendo em vista o número baixo de ocorrências do padrão não redundante, a técnica experimental se mostrou mais informativa em relação ao caráter variável da concordância, já que, através da produção eliciada pela repetição, foram realizadas mais ocorrências desse padrão em comparação com a análise de *corpus*. Embora não se trate de produção espontânea da concordância, no que concerne aos falantes com níveis mais altos de escolaridade, o experimento desenvolvido possibilitou uma análise mais robusta sobre o fenômeno investigado. No geral, parece que, para falantes com nível mais alto de escolaridade, o padrão redundante ainda é o mais provável de ser utilizado, o que vai de acordo com o quadro consistente apresentado pela literatura sociolinguística em relação à concordância verbal variável no PB. (Mendes; Oushiro: 2015).

Considerando-se os resultados obtidos no experimento e a discussão estabelecida entre o experimento e a análise de *corpus*, no próximo capítulo, são apresentadas as considerações finais estabelecidas quanto à pesquisa realizada.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pesquisa desenvolvida nessa dissertação apresentou como objetivo principal investigar o processamento da concordância verbal variável no PB por parte de falantes adultos com nível superior de escolaridade, considerando e analisando um possível efeito de saliência fônica na alternância entre a produção de dois padrões de concordância atestados: um padrão redundante e um não redundante. Para desenvolver esse estudo, foi elaborado e aplicado um experimento com a utilização da técnica de produção eliciada por repetição, na qual os participantes devem escutar algumas sentenças e repeti-las após a escuta de um *bip*. Além disso, foi realizada uma análise de *corpus* com base no *corpus* do NURC-RJ, o qual era composto por entrevistas com informantes cariocas com ensino superior completo, com o objetivo principal de ampliar a investigação dos objetivos propostos tendo em vista a fala espontânea. Portanto, o foco dessa pesquisa se encontra na produção da concordância verbal variável.

Para a elaboração dos objetivos e hipóteses do trabalho, tomamos como base a literatura desenvolvida pela sociolinguística em relação ao caráter variável apresentado pela concordância de número no PB. Embora esse caráter seja atestado para o âmbito nominal e verbal da concordância, o foco dessa pesquisa se deu na concordância verbal e na influência da variável linguística *saliência fônica*, apontada pela literatura sociolinguística como uma das mais relevantes no fenômeno em questão. Para a investigação sobre a saliência fônica, foi considerada a proposta de classificação da saliência nos verbos apresentada por Naro (1981), por ser bastante discutida e utilizada na literatura.

Os resultados encontrados no experimento desenvolvido vão de encontro à hipótese de que há uma diferença significativa de processamento entre o padrão redundante e o não redundante de concordância, uma vez que foi encontrado apenas um efeito marginal pelo teste Wilcoxon. A literatura psicolinguística, cujo foco se deu no estudo do processamento da concordância variável (Squires, 2014; Marcilese et al. 2015; Henrique; 2016, Azalim et al. 2018, dentre outros abordados no capítulo 3), aponta uma diferença entre os dois padrões, uma vez que o redundante parece ser mais custoso em termos de processamento por parte dos falantes do PB e do Inglês. No entanto, nos dados reportados nessa dissertação, não foi atestada uma diferença significativa nas médias de tempo de reação dos participantes ao comparar os dois padrões. O mesmo aconteceu em relação ao índice de respostas-alvo, cuja diferença também não se mostrou significativa.

Já no que concerne à concordância nominal, os resultados vão no encontro do proposto pela literatura, uma vez que o índice de respostas-alvo foi menor para as condições que apresentavam concordância não redundante.

Apesar desses resultados, quando considerada a análise de *corpus* realizada, podemos perceber uma tendência maior para a utilização do padrão redundante de concordância por parte de falantes adultos do PB, os quais apresentam um nível alto de escolaridade. Como a diferença entre o índice de produção dos dois padrões foi significativa, é possível apontar uma preferência de utilização do padrão redundante por parte desses falantes, o que concorda com o quadro consistente na literatura sobre a influência da escolaridade no fenômeno da concordância variável no PB, já que falantes mais escolarizados tendem a produzir o padrão redundante com mais frequência. Embora os dados referentes ao experimento não tenham apontado esse fato, a ausência de diferença de processamento encontrada nos resultados pode estar relacionada a outras questões experimentais ou externas passíveis de terem influenciado nos dados obtidos.

Ainda que o foco da análise experimental não tenha sido no âmbito nominal da concordância, os dados obtidos em relação à concordância estabelecida no sintagma nominal se mostraram relevantes para a pesquisa desenvolvida. Como não existe uma única forma de se produzir o padrão não redundante, já que a marca de plural pode ser omitida em apenas um item (verbo) ou em mais de um item (verbo ou nome), o índice maior de não repetições para o SN mostrou uma tendência dos participantes de produzirem o padrão não redundante com apenas o verbo não explicitando a marca de plural. Portanto, parece que essa forma de realizar a concordância não redundante pode ser até mais utilizada e aceita em comparação à outra forma, na qual somente o artigo apresenta a marca explícita de plural, já que vários participantes produziram a primeira em substituição à segunda.

No que se refere à saliência fônica e seu papel na produção da concordância verbal variável, através dos resultados reportados, não é possível observar nenhuma influência significativa dessa variável linguística, o que vai de encontro ao reportado pela literatura sociolinguística. No entanto, esses dados podem ser comparados aos resultados reportados por Azalim (2016) e Azalim et al. (2018), ainda que com foco na concordância nominal. Assim como esses trabalhos, na presente dissertação, não foi encontrado um efeito de saliência na alternância entre os padrões de concordância. Além disso, Nicolau (1995), em sua pesquisa sociolinguística, também questiona a relevância dessa variável,

e Chaves (2014) propõe que a saliência seja investigada mais a fundo, apontando questões que precisam ser mais claras quanto à influência dessa variável.

O mesmo resultado é encontrado quando investigamos especificamente a proposta de Naro (1981) para a classificação da saliência nos verbos. Novamente, não é possível observar a influência da saliência em relação aos dois níveis propostos pelo autor, uma vez que o nível acentuado seria correspondente aos verbos mais salientes, e o nível não acentuado aos verbos considerados menos salientes. Não foi encontrada diferença significativa em relação aos dois níveis, o que também discorda de outros trabalhos sociolinguísticos (Guy, 1981, dentre outros). Além disso, não há uma correspondência hierárquica entre as classes pertencentes à classificação, diferentemente da hipótese adotada. Mas, no que se refere especificamente ao comportamento das classes de saliência propostas por Naro, outros trabalhos sociolinguísticos já apontavam uma falta de nitidez da escala principalmente para falantes com nível mais alto de escolaridade (Scherre & Naro, 1998; Monguilhott, 2009).

Portanto, os resultados reportados nessa dissertação sugerem que a saliência, da forma como é definida e classificada na literatura, precisa ser estudada mais a fundo e compreendida a partir de novas concepções de classificação e definição, as quais podem revelar a influência dessa variável de outra forma. Assim, a compreensão da influência da saliência fônica na concordância verbal variável ainda parece ser um assunto não esgotado na pesquisa sociolinguística, psicolinguística ou em outras subáreas do estudo da linguagem, assim como o estudo do processamento da concordância variável no PB, no âmbito nominal e verbal.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AZALIM, C. Variação e processamento linguístico: um estudo experimental sobre a concordância nominal variável no PB. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFJF, Juiz de Fora, 2016.

_____ et al. Concordância nominal variável de número e saliência fônica: um estudo experimental. DELTA, vol.34, nº2. São Paulo, Apr/June, 2018.

BECHARA, E. *Moderna gramática portuguesa* – 37ª ed. rev. e ampl., Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.

BRANDÃO, S; VIEIRA, S. Concordância nominal e verbal: contribuições para o debate sobre o estatuto da variação em três variedades urbanas do português. *Alfa*, **56(3)**: 1035–1064, 2012.

_____, (Orgs). *Ensino de gramática-descrição e uso*. 2ª ed. São Paulo: Contexto, 2013.

CAMACHO, R. G. Aspectos funcionais e estruturais da concordância verbal no português falado. In: *Alfa*, 37: 101-116, 1993.

CARDOSO, C. R. *Variação da concordância verbal no indivíduo: Um confronto entre o lingüístico e o estilístico*. Brasília: Dissertação de Mestrado, UnB, 2005.

CHAMBERS, J.K. Patterns of Variation including Change. In: Chambers, J.K.; Schilling, N.(eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2a. ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. p.297-322

CHAVES, R. G. Princípio da Saliência Fônica: Isso não soa bem. *Letrônica*, Porto Alegre, v. 7, n. 2, p. 522-550, jul./dez., 2014.

CORRÊA, L. M. S.; AUGUSTO, M., FERRARI-NETO, J. The early processing of number agreement in the DP: evidence from the acquisition of Brazilian Portuguese. Online. Proceedings of the 30th Boston University Conference on Language Development. 2005.

COSTA, J; FIGUEREIDO SILVA, M. C. Nominal and verbal agreement in Portuguese: an argument for Distributed Morphology. In: COSTA, J; FIGUEIREDO SILVA, M. C. (Eds.) *Studies on Agreement*. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins, 2006.

CUNHA, C; CINTRA, L. F. Lindley. *Nova gramática do português contemporâneo*. 7.ed. 2ª impressão. Rio de Janeiro: Lexicon, 2017.

DE LEEUW, J. R.; MOTZ, B. A. Psychophysics in a Web browser? Comparing response times collected with JavaScript and Psychophysics Toolbox in a visual search task. *Behavior Research Methods*, Springer, v. 48, n.1, p.1-12, 2015. <https://doi.org/10.3758/s13428-015-0567-2>.

FERREIRA, F., & ANES, M. Why study spoken language? In M. A. Gernsbacher (Ed.), *Handbook of psycholinguistics* (pp. 33–56). San Diego: Academic Press, 1994.

FERREIRA, F., HENDERSON, J. M., ANES, M.D, WEEKS Jr., P. A, & McFARLANE, D. K. Effects of lexical frequency and syntactic complexity in spoken language comprehension: Evidence from the auditory moving window technique. *Journal of Experimental Psychology: Learning, Memory, and Cognition*, 22, 324–335, 1996.

GONÇALVES, V de F. A ausência de concordância verbal no Vale do Rio Doce- MG. UFMG, Belo Horizonte, 2007.

GUY, G. R. Linguistic variation in Brazilian Portuguese: aspects of the phonology, syntax, and language history. PhD Dissertation (Linguistics) – University of Pennsylvania, Pennsylvania, 1981.

HENRIQUE, K. *Variação linguística e processamento: investigando o papel da distância entre sujeito e verbo na realização da concordância verbal variável no PB*. Dissertação (Mestrado em Linguística). UFJF, Juiz de Fora, 2016.

KANTOWITZ, B. H.; ROEDIGER III, H. L.; ELMES, D. G. *Psicologia experimental: psicologia para compreender a pesquisa em psicologia*. Thomson Learning, 2006.

KASS, G. V. An exploratory technique for investigating large quantities of categorical data. *Applied Statistics*, 29, 119-127, 1980

LABOV, W. *Padrões sociolinguísticos*. São Paulo: Parábola, [1972] 2008.

_____. *The social stratification of English in New York City*. São Paulo: Cambridge University Press, 2006 [1966].

LUCCHESI, D. “Parâmetros sociolinguísticos do português brasileiro”, *Revista da ABRALIN* 5(1), 2006: 83-112.

_____; B, A. ; Silva, J. “A concordância verbal”, em Dante Lucchesi / Alan Baxter / Ilza Ribeiro (orgs.), *O Português Afro--Brasileiro*. Salvador: Edufba, 2009: 331-372.

_____. A diferenciação da língua portuguesa no Brasil e o contato entre línguas. *Estudos de Linguística Galega*, 4, 2010: 45–65.

MARCILESE, M; HENRIQUE, K; AZALIM, C; NAME, C. Processamento da concordância variável no PB em uma perspectiva experimental. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 11, número 1, junho de 2015: 118-134.

_____, M., RODRIGUES, E., AUGUSTO, M., HENRIQUE, K. Efeitos de distância linear e marcação no processamento da concordância verbal variável no PB. *Revista de Estudos da Linguagem*, 2017.

MARINIS, T. Using online processing methods in language acquisition research. In: UNSWORTH, S.; BLOM, E. (eds.). *Experimental Methods in Language Acquisition*

Research. John Benjamins [Language Learning and Language Teaching 27], p.139-162, 2010.

MENDES, R. B; OUSHIRO, L. Variable Number Agreement in Brazilian Portuguese: An Overview. *Language and Linguistics Compass*, 9/9: 358-368, 2015.

MOLINA, D. Aquisição da linguagem e variação linguística: um estudo sobre a flexão verbal variável na aquisição do PB, 2018.

MONGUILHOTT, I. de O. S. Variação na concordância verbal de terceira pessoa do plural na fala dos florianopolitanos. Florianópolis, 2001. Dissertação de Mestrado, UFSC.

_____. Estudo sincrônico e diacrônico da concordância verbal de terceira pessoa do plural no PB e no PE. PhD Dissertation, Florianópolis: UFSC, 2009.

NARO, A. J. The social and structural dimensions of a syntactic change. *Language*, v. 57, p.63-98, 1981.

_____. *O dinamismo das línguas*. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 43 – 50. 2003.

_____. O dinamismo das línguas. In: MOLLICA, Maria Cecília & BRAGA, Maria Luiza (orgs.) *Introdução à sociolinguística: o tratamento da variação*. São Paulo: Contexto, p. 43 – 50, 2003.

_____; SCHERRE, M. Variação e mudança linguística: fluxos e contrafluxos na comunidade de fala. *Cadernos de Estudos Linguísticos*, Campinas, n.20, p.9-16, 1991.

_____; SCHERRE, M. “Remodeling the age variable: Number concord in Brazilian Portuguese.” *Language Variation and Change*, vol. 25, 1-15, 2013.

NICOLAU, E. M. das D. A influência da constituição morfológica da forma verbal na ausência de concordância em Português. *Revista de Estudos da Linguagem*. Belo Horizonte: UFMG, ano IV, n. 3, v. 2, p. 41-67, 1995.

OUSHIRO, L. Identidade na pluralidade: avaliação, produção e percepção linguística na cidade de São Paulo. Tese (Doutorado em Semiótica e Linguística Geral). USP, São Paulo, 2015.

REIS, M. M. Aquisição da variação e mudanças na(s) gramática(s) das crianças : um olhar sobre a Concordância Variável no PB / Marina Maia Reis. – Campinas, SP : [s.n.], 2020.

RODRIGUES, A. C de S. *A concordância verbal no português popular em São Paulo*. Tese de doutorado, USP, São Paulo, 1987.

RODRIGUES, E. S. *O Processamento da concordância de número entre sujeito e verbo na produção de sentenças*. Tese de Doutorado em Letras, PUC-Rio, 2006.

SAMPAIO, T O da M; FRANÇA, A. I; MAIA, M. A. R. Linguística, psicologia e neurociência: a união inescapável dessas três disciplinas. *Revista Linguística / Revista do Programa de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal do Rio de Janeiro*. Volume 11, número 1, junho de 2015, p. 230-251.

SCHERRE, M. M. P. Reanálise da concordância nominal em português. Rio de Janeiro: UFRJ, 1988 (Tese de Doutorado).

_____. Paralelismo linguístico. *Revista de Estudos da Linguagem*, v.7, no 2. Belo Horizonte: Faculdade de Letras da UFMG, 1998: 29-59.

_____, NARO, A. J. Restrições sintáticas e semânticas no controle da concordância verbal em português. *Fórum lingüístico*, 1. Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Comunicação e Expressão, Pós-graduação em Linguística. Florianópolis: Imprensa Universitária: 45-71, 1998a.

_____. Duas dimensões do paralelismo formal na concordância verbal no português popular do Brasil. *DELTA*, vol. 9. n.1, 1993.

_____. *A concordância de número no português do Brasil: um caso típico de variação inerente*. In: HORA, D. da (org.) *Diversidade Lingüística no Brasil*. João Pessoa: Idéia, p. 93 – 114, 1997.

_____. Sobre a concordância de número no português falado do Brasil. In Ruffino, Giovanni (org.) *Dialettologia, geolinguística, sociolinguística (Atti del XXI Congresso Internazionale di Linguistica e Filologia Romanza) Centro di Studi Filologici e Linguistici Siciliani, Università di Palermo*. Tübingen: Max Niemeyer Verlag, 5:509-523, 1998.

_____. Variable Concord in Portuguese: the situation in Brazil and Portugal. In: McWHORTER, John (Ed.). *Language change and language contact in pidgins and creoles*. Amsterdam/ Philadelphia: John Benjamins, 2000: 235-255.

_____. Mudança sem mudança: a concordância de número no português brasileiro. *Scripta*, 9(18): 107-129, 2006.

_____. Perceptual vs. grammatical constraints and social factors in subject-verb agreement in Brazilian Portuguese. *U. Penn Working Papers in Linguistics*, Honolulu, v.16, n.2, p.165-171, 2010.

SQUIRES, L. Social differences in the processing of grammatical variation. *Selected Papers from NWAV 42, University of Pennsylvania*, v. 20, n.2, p. 178-188, 2014.

THORNTON, R. 'Elicited Production', in D. McDaniel, C. McKee, and H. S. Cairns (eds.), *Methods for Assessing Children's Syntax*, The MIT Press, Cambridge, MA, 1996.

TRASK, R. L. *Language and linguistics: The key concepts*. Oxon, Routledge, 2007.

VIEIRA, S. R. ; BRANDÃO, S. F. (orgs.) *Ensino de gramática: descrição e uso*. São Paulo: Contexto, 2007.

_____. *Concordância Verbal: Variação em Dialeto Populares do Norte Fluminense*. 1995. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio de Janeiro. Rio de Janeiro.

_____. *A concordância verbal em variedades do Português: a interface Fonética/Morfossintaxe*. Rio de Janeiro: Vermelho Marinho, 2015.

PRESTON, D. R. Language with an attitude. In: Chambers, J.K.; Schilling, N.(eds.). *The Handbook of Language Variation and Change*. 2a. ed. Malden, MA: Wiley-Blackwell, 2013. p. 157-181.

WATERS, G. S. & D. Caplan. Verbal working memory and on-line syntactic processing: Evidence from self-paced listening. *Quarterly Journal of Experimental Psychology (Section A) – Human Experimental Psychology* 57, 129–163, 2004.

WEINREICH, U., LABOV, W., HERZOG, M.I. Empirical foundations for a theory of language change. In W. Lehmann, Y. Malkiel (eds). *Directions for historical linguistics*, 95–188. Austin: University of Texas Press, 1968.

7. ANEXOS

Anexo 1 – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

**EXPERIMENTO DE PRODUÇÃO
LILIAN SCHER E THIAGO MOTTA SAMPAIO
CAAE: 11601119.0.0000.8142**

Você está sendo convidado a participar como voluntário de uma pesquisa. Este termo visa assegurar seus direitos como participante e é elaborado em duas vias, uma que deverá ficar com você e outra com o pesquisador.

Leia com atenção e calma, aproveitando para esclarecer suas dúvidas. Se houver perguntas antes ou mesmo depois de participar, você poderá esclarecê-las com o pesquisador. Não haverá nenhum tipo de penalização ou prejuízo se você não aceitar participar ou retirar sua autorização em qualquer momento.

Procedimentos

Nesse teste, você irá ouvir áudios com as nossas sentenças experimentais sem utilizar o fone de ouvido. Em um determinado momento você irá perceber um estímulo auditivo do tipo “bip” e, então, você deve repeti-las da maneira mais natural possível.

Desconfortos e riscos

Você não deve participar deste estudo se for menor de 18 anos ou maior do que 40 anos, se tiver problemas de visão não corrigidos por óculos ou lentes de contato.

Este teste levará em torno de 15-25 minutos. Este teste não apresenta riscos previsíveis. De todo modo, o teste será imediatamente interrompido caso alguma anormalidade identificada pelo pesquisador ou pelo próprio participante.

Benefícios

Embora esta pesquisa não preveja algum benefício direto ao participante, ela contribui para uma gama de estudos sobre a relação entre Psicologia e Linguagem.

Embora a pesquisa em questão não consiga prever desconfortos causados diretamente pelos testes, a qualquer sinal de desconforto o teste será interrompido. Ademais, nos colocamos à disposição para quaisquer esclarecimentos através dos contatos disponíveis ao final desse termo.

Sigilo e privacidade

Você tem a garantia de que sua identidade será mantida em sigilo e nenhuma informação identificada será dada a outras pessoas que não façam parte da equipe de pesquisadores. Na divulgação dos resultados desse estudo, seu nome não será citado.

Eventualmente alguns áudios poderão servir de exemplo em apresentações científicas **somente mediante sua autorização**. Nenhuma outra utilização não prevista neste documento será realizada.

Seus dados serão armazenados no computador de forma anônima (os participantes serão identificados por meio de números). Apenas os pesquisadores terão acesso a identidade dos participantes que será armazenada em um caderno a ser guardado em local diferente do computador onde serão armazenados os dados. Este caderno será lacrado e será aberto somente se você ou outro participante desistir da participação, para fins de identificação dos dados correspondentes e sua eliminação.

Caso você deseje desistir de sua participação, você poderá a qualquer momento e sem qualquer tipo de justificativa solicitar que seus dados sejam apagados de nossa base. Após a publicação deste estudo em revistas científicas, os dados serão guardados pelo período de 5 anos nos computadores e nos HDs de backup do laboratório.

Ressarcimento e indenização

Esta pesquisa será, preferencialmente, realizada durante a rotina dos participantes, não prevendo ressarcimentos. Em casos excepcionais em que a aplicação do teste seja realizada fora de sua rotina, você terá direito a ressarcimento de eventuais custos. Você também terá direito a indenização diante de eventuais danos decorrentes da pesquisa quando comprovados nos termos da legislação vigente.

Contato

Em caso de dúvidas sobre a pesquisa, você poderá entrar em contato com a pesquisadora Lilian Silva Scher, do Programa de Mestrado em Linguística do Instituto de Estudos da Linguagem (IEL/UNICAMP) por e-mail (scherlilian@gmail.com) ou com Thiago Oliveira da Motta Sampaio (thimotta@unicamp.br).

Caso você tenha dificuldades em entrar em contato com o pesquisador responsável, ou tenha denúncias ou reclamações sobre sua participação e sobre questões éticas do estudo, você poderá entrar em contato com a secretaria do Comitê de Ética em Pesquisa em Ciências Humanas e Sociais (CEP-CHS) da UNICAMP das 08h30 às 11h30 e das 13h00

às 17h00 na Rua Bertrand Russell, 801, Bloco C, 2º piso, sala 05, CEP 13083-865, Campinas – SP; telefone (19) 3521-6836; e-mail: cepchs@unicamp.br.

O Comitê de Ética em Pesquisa (CEP)

O papel do CEP é avaliar e acompanhar os aspectos éticos de todas as pesquisas envolvendo seres humanos. A Comissão Nacional de Ética em Pesquisa (CONEP), tem por objetivo desenvolver a regulamentação sobre proteção dos seres humanos envolvidos nas pesquisas. Desempenha um papel coordenador da rede de Comitês de Ética em Pesquisa (CEPs) das instituições, além de assumir a função de órgão consultor na área de ética em pesquisas.

Responsabilidade do pesquisador

Asseguro ter cumprido as exigências da resolução 510/2016 CNS/MS e complementares na elaboração do protocolo e na obtenção deste Termo de Consentimento Livre e Esclarecido. Asseguro, também, ter explicado e fornecido uma via deste documento ao participante. Informo que o estudo foi aprovado pelo CEP perante o qual o projeto foi apresentado. Comprometo-me a utilizar o material e os dados obtidos nesta pesquisa exclusivamente para as finalidades previstas neste documento ou conforme o consentimento dado pelo participante.

ACEITO PARTICIPAR

Ao clicar no link ao lado, você concorda com os termos acima.

Anexo 2 – Lista de pseudo-verbos utilizados no experimento

1. Terminados em “-er”:

Loper
Meper
Vaper
Daber
Luber
Beter

2. Terminados em “-ar”:

Fopar
Mecar
Depar
Vecar
Bupar
Mipar

Utilização dos pseudo-verbos segundo a proposta de saliência de Naro (1981):

Nível 1 – Não acentuado	
Classe A	Classe B
lope/lopem	fopa/fopam
mepe/mepem	meca/mecam
vape/vapem	depa/ depam
dabe/dabem	veca/vecam
lube/lubem	bupa/bupam
bete/betem	mipa/mipam

Nível 2 - Acentuado	
Classe B	Classe C
lopeu/loperam	fopou/foparam
mepeu/meperam	mecou/mecaram
vapeu/vaperam	depou/deparam
dabeu/daberam	vecou/vecaram
lubeu/luberam	bupou/buparam
beteu/beteram	mipou/miparam

Anexo 3 - Lista de sentenças experimentais**Versão 1:**

As alunas lopem no restaurante do colégio.
Os colega mepe a tarefa em grupo.
Os dentistas vapem os pacientes todo dia.
Os pedreiro dabe no telhado da obra.
Os poetas lubem os livros de poesia.
Os lojista bete os produtos na promoção.
As famílias fopam a reunião da escola.
Os aluno meca na semana de prova.
Os adultos depam as festas do condomínio.
Os carteiro veca a encomenda de manhã.
Os músicos bupam no teatro da cidade.
As menina mipa a música no celular.
As crianças loperam a matéria na escola.
Os médico mepeu um aumento no salário.
Os amigos vaperam o vinho na festa.
Os cliente dabeu a sobremesa do restaurante.
Os parentes luberam a casa de praia.
Os padeiro beteu o novo sabor de bolo.
As crianças foparam no quintal da escola.
Os menino mecou o brinquedo na sala.
As modelos deparam o palco do desfile.
Os ministro bupou o projeto de lei.
As cantoras vecaram um lugar para o ensaio.
Os gerente mipou o prédio da empresa.

Versão 2:

As aluna lope no restaurante do colégio.
Os colegas mepem a tarefa em grupo.
Os dentista vape os pacientes todo dia.
Os pedreiros dabem no telhado da obra.

Os poeta lube os livros de poesia.
Os lojistas betem os produtos na promoção.
As família fopa a reunião da escola.
Os alunos mecama na semana de prova.
Os adulto depa as festas do condomínio.
Os carteiros vecam a encomenda de manhã.
Os músico bupa no teatro da cidade.
As meninas mipam a música no celular.
As criança lopeu a matéria na escola.
Os médicos meperam um aumento no salário.
Os amigo vapeu o vinho na festa.
Os clientes daberam a sobremesa do restaurante.
Os parente lubeu a casa de praia.
Os padeiros beteram o novo sabor de bolo.
As criança fopou no quintal da escola.
Os meninos mecaram o brinquedo na sala.
As modelo depou o palco do desfile.
Os ministros buparam o projeto de lei.
As cantora vecou um lugar para o ensaio.
Os gerentes miparam o prédio da empresa.

Anexo 4 – Lista de sentenças distratoras

O bolo foi bopado pela aniversariante.

O filme foi lupado por atores novos.

O ninho foi fopado no quintal.

O incêndio foi apado pelo bombeiro.

A tela foi lipada por um pintor famoso.

O aplicativo foi mepado pelos alunos.

O dever de casa foi bapado pelas crianças.

O projeto será mopado pelos funcionários.

O hospital mecou por reformas esse ano.

A prova será lubada no Brasil todo.

O livro está sendo lifado por dois autores.

A escola será bepida esse ano.

A planta está sendo mabada todo dia.

O cachorro foi fipado pelos meninos.

A estrada será mapada esse mês.

É importante dabar senhas diferentes.

É importante repar o lixo toda semana.

Não lape somente na véspera das provas.

É mais fácil mepar frutas na feira.

Dabe sempre as verduras para a salada.

Não lube esse cartão de crédito.

É possível apar promoções nesse aplicativo.

Estava mecando no centro da cidade.

Está fependo em São Paulo desde ontem.

Loper muitos doces é perigoso.

Voper exercício é importante para a saúde.

Rupe sempre frutas orgânicas.

É importante rigar a grama do quintal.

Mocar o quarto traz benefícios.

Não bope terrenos nesse bairro.

Não vape carne por muito tempo.

Vomar água é importante nessa dieta

O funcionário foi betada de irresponsável.

O aluno será mecada da escola.

A prova foi degado pelos estagiários.

A obra foi fuvado essa semana.

O vidro foi tebada pelas meninas.

O exame é lupada para idosos.

O remédio foi betada pelo médico.

A menina foi bipado da escola.

O pai veca como bombeiro.

O médico será racado no posto.

A menina riga como estagiária.

O carro foi refada essa semana.

A senha será bepado pelo usuário.

A sala foi dalado pela dentista.

A menina será palado para o coral.

A criança foi bopado na secretaria.